PHILIPPE LANDES

ESTUDOS BÍBLICOS SOBRE O BATISMO DE CRIANÇAS



3.a Edição

CASA EDITORA PRESBITERIANA

Eis aí um assunto tantas vezes evitado, em grande parte por causa de nosso presbiteriano espírito fraternal, que nos leva a nos abstermos de controvérsia com irmãos. Contudo, como o assunto é tão explorado pelos irmãos em Cristo que de nós divergem — e divergem porque não conhecem pontualmente o ensino bíblico — é justo que sejam esclarecidos os crentes que não atingiram ainda a compreensão necessária do ensino bíblico sobre o batísmo infantil.

Antigo missionário, professor numa grande casa de ensino teológico, o Rev. Philippe Landes une a cultura sólida e amor às almas e dá-no, com este volume, um estudo seguro e útil.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Digitalização: FB



http://semeadoresdapalavra.top-forum.net/portal.htm

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

ÍNDICE:

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES 3
QUANDO NASCE UMA CRIANÇA 3
Capítulo 1 - A SIGNIFICAÇÃO DO BATISMO 4
Capítulo II - A ORIGEM DIVINA DO BATISMO INFANTIL 7
Capítulo III - OS MENINOS COMO MEMBROS DA IGREJA VISÍVEL 9
Capítulo IV - OS MENINOS COMO MEMBROS DA IGREJA INVISÍVEL 12
Capítulo V - NEM DIABINHOS, NEM ANJINHOS 17
Capítulo VI - JESUS E OS MENINOS 21
Capítulo VII - OS MENINOS NA ESCOLA DE JESUS 23
Capítulo VIII - A FÉ E O BATISMO INFANTIL 29
Capítulo IX - CORDEIROS, SANTOS E SEMENTE SANTA 33
Capítulo X - FAMÍLIAS SANTAS E ABENÇOADAS 35
Capítulo XI - O BATISMO INFANTIL ATRAVÉS DA HISTÓRIA 39
Capítulo XII - RESUMO DOS ESTUDOS BÍBLICOS SOBRE O BATISMO INFANTIL 44
Capítulo XIII - OBJEÇÕES REFUTADAS 47
Capítulo XIV - CONCLUSÕES PRÁTICAS 55

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Na presente obra, apresentamos ao público evangélico o resultado de alguns anos de estudo sobre a posição destacada que os filhos de crentes em Cristo devem ocupar no reino de Deus e na sua Igreja aqui no mundo, por determinação do próprio Deus. Houve tempo em que tivemos dúvidas quanto ao caráter bíblico do batismo infantil, mas todas essas dúvidas foram completamente desfeitas pelo estudo acurado que fizemos do assunto.

Pelo lado positivo, a doutrina dos meninos como membros da Igreja foi para nós um conforto e estímulo, com referência aos nossos próprios filhos, que foram contemplados por Deus nas suas promessas, e ficamos convencido de que, se os ensinos bíblicos sobre o assunto fossem bem compreendidos e postos em prática, os filhos da Igreja conservar-se-iam dentro dela e constituiriam os seus mais valiosos elementos na promoção dos interesses do reino de Deus sobre a terra.

O nosso desejo ê compartilhar com os nossos irmãos na fé evangélica os benefícios que recebemos dos nossos estudos e ao mesmo tempo despertar um maior interesse pela educação cristã dos filhos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os três últimos capítulos do nosso trabalho constituem um resumo dos nossos estudos sabre o batismo infantil e poderiam ser lidos com proveito por pessoas que não tivessem o tempo ou a inclinação de nos acompanhar nos estudos mais profundos dos outros capítulos.

Há, nesta obra, frequentes repetições de passagens e de argumentos. Isso foi julgado necessário para demonstrar as relações íntimas e harmónicas que existem entre todos os aspectos do assunto. As repetições têm, outrossim, um valor didático tendente a firmar na mente os pontos centrais da argumentação.

Aproveitamos a oportunidade desta introdução para expressar os nossos sinceros agradecimentos aos nossos bondosos colegas Revs. Américo Ribeiro e Ernesto Alves que muito nos auxiliaram na correção do manuscrito deste trabalho. Ao prestimoso irmão, Sr. José Salum Vilela, agradecemos de coração, pelo mesmo motivo e pelo trabalho que teve em dar imiformidade à ortografia e em corrigir as provas tipográficas da primeira edição.

PHILIPPE LANDES.

QUANDO NASCE UMA CRIANÇA

Quando nasce uma criança, em lar cristão, os pais começam logo a sonhar fagueiramente com o futuro do filhinho querido, como, há séculos, sonharam Sara e Abraão, Ana e Elcana, Isabel e Zacarias, e tantos outros pais crentes. Não podem deixar de cismar, como a Virgem Mãe que, ao ouvir as palavras de adoração dirigidas pelos pastores de Belém ao seu Filhinho Maravilhoso, "guardava todas estas palavras, meditando-as no seu coração" (Lucas 2:19).

O nascimento de uma criancinha é, deveras, um acontecimento notável, capaz de despertar não somente as mais lindas esperanças, como também as mais sombrias apreensões. Surgirão, espontaneamente, nos corações bem formados, perguntas como estas: "Qual será a missão que desempenhará esta criança no seio da sociedade? Será ela uma bênção para as gerações futuras, como o foi o filho de Abraão? Qual será o seu destino e, se vier a morrer, ainda pequenina, que sorte ou estado lhe reserva a vida além? Terá a criança, ao nascer, quaisquer direitos adquiridos por herança, em virtude da fé alimentada pelos pais? Além da herança física, terá ela qualquer herança espiritual? E deveremos considerá-la como parte integrante do povo de Deus ou classificá-la como alienada da comunhão dos santos, como entendem alguns, até que possa exercer fé pessoal no Salvador?"

Perguntas como estas que acabamos de fazer colocam-nos perante solene alternativa: ou consideramos a criancinha nascida em lar cristão como um dos remidos do Senhor, ou então como uma criatura ainda não

atingida pela graça divina e, pois, excluída do reino de Deus. Como devem os pais crentes encarar os filhinhos? E, o que importa ainda mais, como os encara o próprio Deus, o nosso Pai do Céu?

Das respostas que pais crentes derem a essas perguntas, à luz do ensino da Bíblia, dependerá o tratamento que hão de dispensar aos filhos.

Se os considerarem como alheios à graça de Deus, deverão trabalhar ansiosamente pela sua regeneração; se, porém, concluírem que já estão contados como parte dos remidos do Senhor, a sua tarefa será outra, a saber, nutri-los espiritualmente e educá-los no conhecimento do Senhor Jesus, a fim de que, à semelhança do Menino Modelo, creçam "em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens" (Lucas 2.52).

Ê de se crer que a compreensão clara das responsabilidades e privilégios de pais cristãos com referência à educação dos filhos, constitui poderosa energia a impedir que os menores procedentes de lares pir josos venham a se extraviar da Igreja para o mundo, pois afirma a sabedoria divina: "Educa a criança no caminho em que deve andar e ainda quando for velho não se desviará dele' (Prov. 22:6).

Com o estado espiritual dos filhos de crentes está intimamente ligada a questão do batismo infantil. Se os nossos filhos são herdeiros de promessas espirituais, membros infantis do reino de Deus, semente santa, cordeirinhos do rebanho de Cristo e "santos", no dizer do Apóstolo São Paulo (I Cor. 7:14), está claro que não devera ser privados do batismo cristão, sinaí visível dessas preciosas realidades. Ademais, se, como pretendemos mostrar, na Nova como na Velha Dispensação, Deus determinou que as Crianças sejam incluídas em sua Igreja visível, estará confirmado o direito que têm os pequeninos ao rito de iniciação na Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. Todavia, o que nos deve preocupar, acima de tudo, não é a cerimonia do batismo em si mesma, mas antes a sua profunda, rica e consoladora significação espiritual, que será para os pais crentes poderoso e perene incentivo ao fiel cumprimento dos deveres paternais e constante recordação da aliança com Deus, na qual Êle prometeu ser o seu Deus e o Deus de seus filhos.

Nas Escrituras Sagradas podem os pais crentes encontrar respostas satisfatórias e confortadoras às ansiosas perguntas que fazem a respeito do estado espiritual dos filhos e essas respostas animam-nos a crer que Deus contempla com a sua graça, e de um modo todo especial, os pequeninos que alegram os nossos lares, considerando-os como parte da sua Igreja. Nas páginas que se seguem, chamaremos a atenção do leitor para as provas bíblicas desse nosso asserto.

Defenderemos, pois, por julgá-la bíblica, a seguinte tese: *Deus, no pacto que fêz com o seu povo, ordenou que as criancinhas, filhos de -pais crentes, fossem incluídas no seu reino visível, aqui na terra, isto é, na sua Igreja, e determinou que o sinal objetivo da inclusão da criança na Igreja fosse, na Velha dispensação, o rito da circuncisão, e na Nova, a cerimonia do batismo cristão.*

Capítulo 1 - A SIGNIFICAÇÃO DO BATISMO

Por consenso quase unânime, as igrejas cristas do mundo sustentaram sempre a existência de íntimo contacto entre o batismo e a regeneração. Afirmam algumas que o batismo com água produz a regeneração, enquanto outras vêem nele apenas um símbolo ou representação visível do fenómeno do novo nascimento. O eminente historiador batista, dr. Alberto Henry Newman, afirma: "O batismo, se simboliza alguma coisa, simboliza a regeneração" (História Eclesiástica, Vol. II pág. 120). Estamos de pleno acordo com essa declaração do ilustre historiador, mas não podemos acompanha-lo, quando duvida da regeneração de crianças, filhas de país crentes. No entanto, os próprios batistas crêem na saivação de menores, que morrem na infância e, *ipso facto*, admitem a sua regeneração, visto como ninguém pode entrar no reino celestial senão pelo novo nascimento, que é a mesma regeneração (João 3:3). A criancinha que morre na infância é regenerada e salva pela obra do Espírito Santo, que, operando nela, aplica-lhe' os benefícios da redenção adquirida por Cristo. Salva-se sem uma fé ativa. Isso é admitido pelos nossos irmãos batistas.

Logo de início, rejeitamos, como antibíblica e absurda, a doutrina da regeneração batismal. Estamos com o dr. Newman, quando afirma ser o batismo um símbolo de regeneração. A água do batismo não tem nenhuma virtude sobrenatural ou mágica para efetuar a regeneração, ou seja o novo nascimento, que é obra exclusiva do Espírito Santo de Deus (S. João 3:3-8). Além disso, as Sagradas Escrituras declaram categoricamente que

ninguém se salva por cerimónias ou ritos religiosos. Diz o apóstolo Paulo: "Em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncísao tem virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura" (Gál. 6:15)., Uma pessoa poderia ter sido batizada com água mil vezes; isso, porém, de nada lhe aproveitaria, se não houvesse experimentado ainda o novo nasciroento.

A Igreja Católica Romana e a Luterana deitadem a doutrina da regeneração batísmal. Os católicos chegam a afirmar que .a criança não banzada não se salva, mas vai para *o Umbus infantum.* Não pode gozar da bem-aventurança do céu e o corpinho tem de ser enterrado fora do cemitério de terra consagrada. Está errada essa doutrina, porque Jesus disse: "Deixai vir a mim os meninos e não os ímpeçais, porque dos tais *é* o reino de Deus. Em verdade vos digo que qualquer que não receber o reino de Deus como menino, de maneira nenhuma entrará nele' (Marcos 10:14 e 15).

As igrejas batistas, metodistas, presbiterianas e congregacionais estão acordes em rejeitar a doutrina da regeneração batísmal, mas é de se lastimar que ainda perdure, entre muitos cristãos evangélicos, a infeliz ideia de que fica de alguma maneira prejudicada, relativamente à sua bem-aventurança eterna, a criança que morre sem o batismo. Há mesmo mães cristãs que ficam aflitíssimas, se perdem filhos não batizados. Não há, todavia, motivo algum para tal aflição, pois o batismo é apenas um sinal visível de uma graça invisível. Existindo a graça interior e invisível, o sinal exterior é coisa muito secundária e de menor importância. Batizamos os nossos filhos, por julgar que estão salvos e não para salvá-los.

Uma simples ilustração servirá para esclarecer o ponto frisado. O dono de uma biblioteca geralmente tem o costume de carimbar os livros para indicar que são da sua propriedade, mas, se um ou outro livro, por inadvertência, não foi carimbado, a omissão não o leva a admitir que aqueles volumes não lhe pertencem. O batismo é, por assím dizer, o sinete com que Deus se dignou assinalar os seus filhos, mas, se alguns deles deixaram de receber o sinal, não se segue daí que não lhe pertençam. São efetiva-mente dele, embora não tenham recebido o distintivo exterior dessa preciosa realidade espiritual. Não se aflijam, pois, as mães crentes, se perderem filhos não batizados. Deus é o Senhor e Pai das criancinhas e, se morrerem algumas em tenra idade, êle as chama a si mesmo, porque "das tais é o Reino dos Céus".

Os pedobatístas crêem ser bíblico o batismo das crianças e os anti-pedobatistas julgam-no contrário ao ensino das Sagradas Escrituras, mas tanto uns como outros, na maioria das igrejas evangélicas, repudiam a doutrina da regeneração batísmal, e afirmam que as crianças falecidas na infância são salvas. Além disso, as igrejas evangélicas mantêm a necessidade da fé em Cristo por parte das pessoas adultas que recebem o batismo. £ quando se trata do batismo infantil que surgem as diferenças doutrinárias.

Os antipedobaristas acham que as crianças não devem ser batizadas, por não poderem exercer a fé e os pedobatistas mantêm que, neste caso, a fé não é necessária, porque as crianças podem ser regeneradas e salvas sem a fé, como acontece com as que morrem sem o batismo ou com êle. Se a criancinha pode ser regenerada e salva sem a fé em Cristo, também pode ser batizada sem o exercício pessoal de fé, pois o batismo é o símbolo da regeneração divina e não da fé humana que é apenas um dos produtos ou resultados da regeneração. Teremos ocasião de mostrar que os filhos de pais crentes são presumivelmente regenerados e, por isso, devem ser batizados. E, no entanto, quer se trate do batismo infantil, quer do batismo de adultos, a fé é absolutamente necessária. Referimo-nos, porém, à fé professada pelos adultos que, no primeiro caso, é válida para os filhos e, no segundo, para aqueles que a exercem.

Para entender a significação do batismo, podemos contrastá-lo com a santa ceia. Na santa ceia, representa-se um fato histórico e objetivo, que se realizou já há muitos séculos, isto é, a morte expiatória de Cristo na cruz do Calvário para conseguir a nossa redenção. Por outro lado, no batismo representa-se um fato subjetivo que se realiza dentro de nós, quando o Espírito Santo de Deus, no ato da regeneração, aplica individualmente a cada um de nós os benefícios da redenção adquirida por Cristo. A santa ceia representa a salvação *conquistada para nós* e o batismo representa a salvação *aplicada a nós* pelo Espírito Santo. A primeira ordenança representa a obra de Cristo e a segunda a obra do Espírito Santo.

No seu sentido religioso e restrito, a regeneração é a mudança radical, operada, pelo poder do Espírito Santo no coração-do pecador, quando este passa do estado de morte espiritual para o de vida espiritual. Sem esse novo nascimento, não são possíveis as outras graças da conversão e da santificação, que dele resultam. As bênçãos espirituais da fé, do arrependimento e da santificação acham-se germinalmente contidas na regene-

ração, porque são frutos dela. Concluímos, pois, que o batismo representa, não somente a grande bênção inicial da regeneração, mas também, por antecipação, todas as bênçãos espirituais que dela decorrem, por estarem nela germinalmente incluídas.

Na regeneração, o Espírito Santo efetua a nossa união com Cristo, produzindo em nós uma nova vida espiritual. O batismo com água representa o batismo com o Espírito Santo, que produz a nossa união com Cristo. O ser *balizado em Cristo,* de que fala São Paulo em Romanos 6:3, é o equivalente de *ser ligado ou unido com Cristo,* a fonte de todas as nossas bênçãos espirituais. O apóstolo argumenta que quem já foi *batizado em Cristo* está com êle de tal maneira ligado que não pode permanecer no pecado, mas forçosamente andará em novidade de vida. Depreende-se, portanto, que a santificação resulta da regeneração, isto é do *batismo espiritual em Cristo,* que é visivelmente representado pelo batismo com água.

Às vezes os termos *regeneração* e *conversão* são empregados como sinónimos, mas, para maior clareza na discussão do assunto, julgamos conveniente distinguí-los um do outro, como fazem muitos teólogos modernos. A regeneração é exclusivamente obra do Espírito Santo, que atua no pecador, morto espiritualmente nos seus delitos e pecados, e produz'nele uma nova vida espiritual.

Nessa infusão de nova vida, o regenerando é tão passivo como o é um cadáver. A conversão, por sua vez, é um dos efeitos da regeneração e nela o homem coopera com o Espírito Santo, voltando-se para Deus com fé e arrependimento. No dizer do Rev. Lauro de Queiroz "A regeneração é a *causa,* a conversão, o *efeito* da nova vida. Na regeneração, o pecador, morto em seus delitos e pecados, recebe a vida; na conversão, o morto ressuscitado espiritualmente entra em atividade nova, amando o que aborrecia e aborrecendo o que amava" (Manual do Candidato à Profissão de Fé, pág. 25).

Do que fica acima exposto, conclui-se que a regeneração é a fonte espiritual de onde emanam todas as bênçãos divinas da vida crista, bem como a condição indispensável para a nossa admissão no reino de Deus. De tudo isso, o batismo é apenas o sinal exterior, o selo público e visível dessas graças invisíveis.

Quando os crentes adultos e batizados apresentam os filhos para receberem o mesmo sacramento, afirmam eles a sua fé em Cristo e confirma,.", a aliança que fizeram com Deus, que prometeu ser o seu Deus e o Deus dos seus filhos. "A promessa é para vós e para vossos filhos" ensina o apóstolo S. Pedro (Atos 2:39).

Os teólogos da célebre Assembleia de Westminster assim definiram o batismo: "O batismo é o sacramento no qual o lavar com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo significa e sela a nossa união com Cristo, a participação das bênçãos do pacto da graça e a promessa de pertencermos ao Senhor". E, respondendo à pergunta: "A quem deve ser administrado o batismo?", preceituaram: "O batismo não deve ser administrado àqueles que estão fora da igreja visível, enquanto não professarem a sua fé em Cristo e obediência a Ele; mas os filhos daqueles que são membros da igreja visível devem ser batizados".

A tese que vamos defender é a mesma dos teólogos de Westminster, a saber: "Os filhos daqueles que são membros da igreja visível devem ser batizados". Essa questão do direito das crianças ao batismo gira em torno da sua regeneração e do seu direito de pertencer ao povo de Deus. Se Deus as incluiu entre os remidos, são, por isso mesmo, membros de sua Igreja e têm direito ao sinal exterior dessa graça; se Deus, porém, as houvesse excluído da Igreja, seria claro que não teriam direito àquele sinal.

Definamos claramente os pontos que pretendemos provar:

1.° — Deus fêz com o seu povo uma aliança, na qual deíermínou que os filhos dos crentes fossem recebidos como membros da sua Igreja visível, por meio de uma ordenança solene, que, no Velho Testamento, se chamava circuncisão e no Novo denomina-se o batismo cristão.

2.° — As Escrituras Sagradas afirmam que os filhos dos crentes são uma semente santa, cerdeirinhos do rebanho de Cristo, membros do seu reino, santos e herdeiros das promessas feitas ao nosso pai espiritual, Abraão. Presumivelmente, portanto, são regenerados, esmo incluídos no rol dos remidos do Senhor e têm, por isso mesmo, o direito ao sinal exterior que representa todas essas preciosas realidades, o batismo cristão.

3.° — A história do povo de Deus, tanto no Veího Testamento como no Novo, e também a da Igreja primitiva, demonstra que as crianças eram recebidas como membros infantis da Igreja de Deus, e recebiam o sinal visível dessa inclusão na 'comunhão dos santos".

Capítulo II - A ORIGEM DIVINA DO BATISMO INFANTIL

Deus sempre tem tido um povo seu, através dos séculos, desde os tempos de Adão, quando prometeu que uma futura Semente da mulher havia de ferir a cabeça da Serpente. Adão, Seth, Noé e Abraão foram os primeiros destacados representantes do povo de Deus. O povo escolhido, em todos os tempos, constitui a Igreja visível, aqui no mundo. E sempre que Deus fazia um pacto com um dos representantes do seu povo, incluía nele os filhos dos fiéis.

Deus fêz um pacto de obras com Adão, que foi por este violado, trazendo, destarte, a desgraça para todos os seus filhos e descendentes. O mal, todavia, foi compensado pela promessa de um Salvador. Deus fêz outra aliança com Noé, válida igualmente para a sua posteridade, pro-metendo-lhe não mais destruir os viventes de sobre a face da terra por meio de um novo dilúvio. O arco-íris foi jsscelhido para ser o sinal visível dessa aliança (Gen. 9:8-17).

No Monte Sinai, Deus fêz uma aliança com o seu povo, na qual estavam incluídas as criancinhas. Mais tarde, esse mesmo pacto foi renovado, nas planícies de Moab, quando o povo de Israel estava para entrar na Terra Prometida. Nessa ocasião, Moisés concita o povo a renovar a sua aliança com Jeová, nos seguintes termos: "Guardai as palavras desta aliança, e cumpri-as, para que prospereis em tudo quanto fizerdes. Vós estais hoje todos diante de Jeová, vosso Deus; ps vossos cabeças, as vossas tribos, os vossos anciãos e os vossos oficiais, a saber, todos os homens de Israel, os vossos pequeninos, vossas mulheres, e o peregrino que está no meio dos vossos arraiais, desde o rachador de tua lenha até o tirador da tua água (Deut. 29:9-11). Já se vê, por esta declaração de Moisés, que, na lista dos agraciados pela aliança de Deus com o povo, foram incluídos os pequeninos.

O mais importante dos pactos que Deus fêz na antiguidade foi, sem dúvida, aquele firmado com Abraão, o grande pai de todos os que crêem. E as criancinhas têm um lugar proeminente nesse pacto. Ademais, teremos ocasião de ver que esse concerto ainda está em vigor para nós, que somos os filhos espirituais de Abraão.

Eis os termos da aliança de Deus com Abraão: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua semente depois de ti" (Gen. 17:7). Abraão tinha noventa e nove anos quando foi circuncidado (Gen, 17: 24) e isto em sinal da sua justificação pela fé, já comprovada antes da sua circuncisão (Rom. 4:11). "Recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé que teve, quando não era circuncidado; para que fosse êle pai de todos os que crêem, ainda que não sejam circuncidados, a fim de que a justiça lhes fosse imputada; e fosse também pai da circuncisão para aqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas da fé que teve nosso pai Abraão antes de ser circuncidado".

Ismael tinha treze anos, quando foi submetido ao rito da circuncisão (Gen. 17:25). Isaac tinha apenas oito dias de idade, quando foi circuncidado (Gen. 21:4). Para que uma pessoa se tornasse membro da congregação do povo de Deus naquele tempo, era preciso que fosse circuncidada. As mulheres, as filhas, as esposas e todas as crianças do sexo feminino, acompanhavam os pais, os irmãos e os esposos e eram por eles representadas. Todos faziam parte do povo de Deus. O rito de iniciação ou de ingresso na Igreja visível daquele tempo e de toda a Velha Dispensação era a circuncisão, que era geralmente administrada aos meninos de oito dias de idade (Gen. 17:12; Lev. 12:3; Luc. 2:21; Luc. 1:59; Eil. 3:5). Os adultos que vinham de fora uniam-se ao povo de Deus, em virtude da sua própria fé, sendo circuncidados, mas os meninos eram admitidos, pelo mesmo rito, em virtude da fé professada pelos pais.

As passagens acima citadas tornam bem claro que, desde os rempos antigos, Deus determinou que as crianças, filhas de pais crentes, fizessem parte da sua Igreja visível, aqui no mundo. Está, portanto, claramente estabelecida a origem divina da inclusão dos pequeninos na Igreja de Deus. Veremos que esse direito das criancinhas nunca lhes foi cassado. Sendo, pois, as crianças membros infantis da Igreja, têm elas o direito ao smal exterior e visível dessa preciosa realidade, que, na Antiga Dispensação, foi a circuncisão e na Nova, é o batismo. Prossigamos com as provas bíblicas da nossa tese.

O batismo é o rito de iniciação na Igreja Cristã, na dispensação da graça {At. 2:41). Ao que nos consta, são somente os Irmãos de Plymouth (darpisras), entre os cristãos evangélicos, os que contrariam esse conceito e não podiam deixar de o fazer, desde que não admitem a existência de uma Igreja terrena e visível, como essa que nós julgamos ter sido fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo e que continua até hoje, porque as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. S. Lucas liga intimamente o batismo com a admissão das três mil pessoas que se converteram pela palavra de S. Pedro. Em Atos 2:41, relata-nos o escritor que foram banzadas e admitidas três mil pessoas e, logo em seguida, no versículo 42, refere-se à doutrina, à comunhão e ao partir do pão, que uniam os neo-conversos aos seus irmãos. Somos irresistivelmente levados a concluir que tinham sido admitidos à comunhão dos santos, isto é$_5$ à comunhão do povo de Deus, que constimi a sua Igreja visível, no mundo. Somente uma interpretação arbitrária poderia chegar a outra conclusão. Tomamos, pois, como provado que os neo-convertidos dos tempos apostólicos eram admitidos à comunhão da Igreja pelo rito do batismo.

O batismo no Novo Testamento é denominado a circuncisão de Cristo (Col. 2:11, 12). Nessa passagem, tanto o batismo como a circuncisão devem ter um sentido espiritual. Referem-se à nova vida em Cristo. Dessa nova vida são símbolos o batismo com água e a circuncisão carnal. Esses dois ritos representam a mesma coisa, como teremos ocasião de provar mais detalhadamente. O batismo na Nova Dispensação significa tudo quanto significava a circuncisão na Velha. E justo, pois, concluir que a circuncisão foi substituída pelo batismo cristão.

Em nenhuma parte do Novo Testamento encontramos qualquer passagem que exciua as crianças da Igreja de Deus. Ora, sendo o batismo, na Nova Dispensação, o sinal de inclusão na Igreja, segue-se que os filhos dos «entes, hoje, não têm menos direito ao batismo do que tinham os filhos dos israelitas à circuncisão.

S. Pedro, no dia de Pentecostes, confirma o direito das crianças por nós defendido. Pregando o Evangelho a adultos capazes de compreender a sua mensagem e capazes de crer, disse-lhes ser necessário que se arrependessem e fossem banzados em nome de Jesus Cristo (At. 2:38). Não exigiu o arrependimento ou a íé por parte das crianças, incapazes do exercício desses atos; não obstante, as incluiu na lista dos beneficiados pelas bênçãos conferidas por meio das promessas de Deus ao seu povo. Dirigindo a palavra aos pais crentes, disse-lhes: "Para vós é a promessa e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, a quantos chamar o Senhor nosso Deus (At. 2:39).

A promessa a que S. Pedro se refere é, sem dúvida, aquela que foi feita ao povo de Deus por intermédio de Abraão e que se extende a todos os que crêem (Rom. 4:31, 13 e 17). Nós, os crentes, somos a descendência espiritual de Abraão e os herdeiros das promessas que lhe foram feitas. E S. Paulo que no lo diz: "Justamente como Abraão creu a Deus, e foidhe imputado para justiça; sabei, pois, que os que são da fé, esses são filhos de Abraão. A Escritura, prevendo que Deus justificaria os Gentios pc'a fé, de antemão anunciou as boas novas a Abraão: "Em ri serão bem-avcnmradas todas as nações. Assim os que são da fc, são bem-aventurados com o fiel Abraão" (Gal. 3:6-9)- E no fim do mesmo capítulo, S. Paulo afirma: "Se vós sois de Cristo, então sois semente de Abraão, herdeiros segundo a promessa' (Gal. 3:29)- S. Pedro afirmava a mesma verdade, quando dÍ2Ía aos três mil batizados no dia de Pentecostes: "A promessa é para vós e para vossos filhos".

Em Efésios 2:11-16, encontramos ainda outra declaração categórica de que nós, os gentios, fomos também incluídos na aliança da promessa feita aos da circuncisão:

"Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens; que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade d'Israei, e estranhos aos concertos da promessa, não rendo esperança, e sem Deus no mundo.

"Mas agora cm Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.

Porque êle é a nossa paz, o qual de ambos os povos fêz um; e, derribando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, isro é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades."

Ainda mais: outro escritor inspirado nos qualifica de "herdeiros da promessa" (Heb. 6:17). Se a promessa, e a aliança que Deus fêz com o seu povo, é para nós e nossos filhos, estes estão incluídos entre os que constituem a Igreja de Dccs c tem direito ao sinal visível desse privilégio.

Há quem afirme que S. Pedro se refere somente a filhos adultos de crentes ern Ar. 2:39, mas assim não compreenderiam os ouvintes de Pedro, que eram judeus convertidos, pois eles sabiam que a promessa a que êle aludira era a mesma que Deus fizera a Abraão e aos seus descendentes e que, portanto, incluiria os filhos menores de todos os crentes nas promessas. Isaac, e muitos outros meninos de oito dias apenas, foram publicamente incorporados ao povo de Deus, pela circuncisão.

Ê significativo que S. Pedro mencione três classes de pessoas às quais se fêz a promessa: (1) *Vós;* eram os adultos que ouviam a sua pregação, na maioria judeus e prosélitos do judaísmo, crentes na religião do povo de Deus. (2) *Vussos filhos;* isto é, os fiihos dos adeptos da religião de Deus. (3) *Todos os que estão longe, a quantos chamar o Senhor nosso Deus;* isto é, os demais eleitos de Deus. judeus e gentios, que haviam de aceitar o Evangelho no futuro.

Os judeus, na Antiga Dispensação, já estavam acostumados a incluir os filhos na Igreja visível de Deus, pelo rito da circuncisão. Não podiam, portanto, interpretar as palavras de S. Pedro, senão de modo a incluir os filhinhos na Igreja visível da Nova Dispensação. Na Igreja, seriam incluídos us que ouviam e criam no Evangelho, *os seus filhos* e todos os demais eleitos que viessem a ser chamados por Deus para fazer parte do seu povo.

Os filhos de cristãos no Novo Testamento são chamados *santos,* mesmo quando somente um dos pais é crente. O apóstolo S. Paulo declara: "'O marido incrédulo é santificado na mulher, e a mulher incrédula é santificada no irmão; de outra maneira os vossos filhos seriam imundos, mas agora são santos" (I Cor. 7:14). São santificados os filhos em virtude da fé professada pelos pais. Para S. Paulo, *santos* são os próprios membros da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. Êle escreveu várias cartas dirigidas aos *santos,* que eram membros de diversas igrejas (I Cor. 1:2; Rom. 1:7; Ef. 1:1; HL 1:1). Concluímos que os meninos, *santos,* filhos de crentes, são membros da Igreja e, por isso mesmo, devem ser banzados.

Até aqui, temos demonstrado, à luz das Escrituras, que o próprio Deus determinou fossem as crianças incluídas na sua Igreja visível, desde o tempo de Abraão, e que essa determinação divina não foi revogada, na Nova Dispensação, mas antes, confirmada pelos claros ensinos dos apóstolos Pedro e Paulo. E, sendo as crianças, por determinação divina, membros da Igreja de Deus, devem também receber o sinal visível desse fato auspicioso, o santo batismo instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo (Mat. 28:19).

Capítulo III - OS MENINOS COMO MEMBROS DA IGREJA VISÍVEL

Os antipedobatistas negam aos pequeninos o direito de pertencer à Igreja visível de Deus, na terra, alegando não ser a Igreja do Novo Testamento a mesma da Velha Dispensação. Julgam que o povo de Israel era mais uma agremiação política ou nacional do que uma associação religiosa e que a circuncisão era sinal de cidadania, jamais, porém, de regeneração. Não admitem, portanto, que o batismo tenha o mesmo sentido da circuncisão e que possa substituí-la.

Que a Igreja de Deus já existia na Velha Dispensação, prova-se pela declaração de Estêvão, o primeiro mártir cristão, no seu último discurso, em que faz referência à presença de Jesus com o povo de Israel no deserto: "Este é o que esteve na Igreja no deserto com o anjo que lhe falava no Monte Sinai; o qual recebeu oráculos de vida para vo-los dar". (At. 7:38), Que Igreja era essa, senão a congregação do povo de Israel?

Que a Igreja de Deus é a mesma, através das dispensações do Velho e do Novo Testamento, prova-se, ainda mais, pelas declarações que faz o apóstolo Paulo, no undécimo' capítulo da sua carta aos Romanos, onde emprega a ilustração da oliveira e seus ramos e do zambujeiro. A oliveira representa, na argumentação do Apóstolo dos Gentios, a Igreja, da qual os judeus são os ramos naturais que foram quebrados e tirados. E nós, os gentios, somos representados pelo zambujeiro, que foi enxertado na oliveira. Está claro/ que a oliveira permanece a mesma nas duas dispensações. Saem os judeus da Igreja e ingressam os gentios, mas a Igreja continua a mesma. E, na restauração final dos judeus, os ramos quebrados serão enxertados de novo na

mesma oliveira, que não perde nunca a sua identidade. Os judeus voltarão novamente a fazer parte da Igreja de Deus. A verdadeira Igreja de Cristo é sempre a mesma (Rom. 11: 16-24).

As igrejas das duas dispensaçÕes devem ser idênticas, porque as condições de salvação das duas são as mesmas, isto é, a fé em Jesus Cristo. Os antigos foram salvos pela fé no Salvador que havia de vir e que fora prometido desde a data da consumação do primeiro pecado, no Jardim do Éden (Gen. 3:15), e nós somos salvos pelo Salvador que já veio e morreu na cruz por nós. Muitos dos sacrifícios do Velho Testamento eram típicos do Cordeiro de Deus, que viria para tirar o pecado do mundo; muitos dos seus líderes eram tipos do próprio Cristo e muitas das suas profecias descreviam clara e pormenorizadamente a vinda humilde e a obra vicária do Salvador da humanidade. Os crentes do velho regime mosaico, assim como nós, foram salvos pela morte de Cristo, cujo efeito remidor atingiu às duas alianças (Heb. 9:15). O povo de Delis, na sua capacidade coletiva, c a Igreja, e existiu desde a primeira promessa do Salvador. Os ritos dessa Igreja são mutáveis, mas a Igreja em sua natureza essencial, assim como o seu Salvador, continuam sempre os mesmos.

Resta-nos, agora, mostrar que o riro da circuncisão representa a mesma graça espiritual que no Novo Testamento é simbolizada pelo bíitismo cristão e que, por isso mesmo, o batismo da Igreja cristã é o autêntico substituto da circuncisão. Em Deuteronômio. 30:6, encontramos esta declaração categórica: "O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração da tua semente, para que ames ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, a fim de que vivas". Este versículo indica claramente a realidade espiritual representada pela circuncisão. Essa realidade importa em uma transformação radical dos corações de pais e de filhos e resulta em vida. Já se vê que a sua significação é espiritual, e não apenas cívica. Não negamos que a circuncisão fosse também um sinal de cidadania para o povo judaico, mas esta cidadania incluía a aceitação da religião do povo de Deus. Por ser o governo teocrático, a nacionalidade estava inseparavelmente ligada à religião de Deus.

Há muitas outras passagens no Velho Testamento que ensinam ter a circuncisão um sentido espiritual. Afirmam essas passagens que a circuncisão deve ser não somente da carne, mas também do coração. Quem quiser certificar-se disso, leia Deut. 10:16; Jer. 4:4; 6:10; 9:25, 26; Lev. 26:41 e Ezeq. 44:7. Estas últimas passagens sé referem à incircuncisão de coração como equivalente à descrença e à rejeição do domínio espiritual de Deus afirmado no pacto do povo com Deus.

Um exame cuidadoso das passagens acima referidas, e especialmente de Deut. 30:6, indica que elas tratam bem claramente daquela radical transformação interior que Deus requer do homem, para que possa fazer parte do seu povo. Que vem a ser essa transformação, senão o novo nascimento, ou a regeneração, que Jesus disse ser indispensável para aqueles que quisessem entrar em seu reino?

No Novo Testamento, São Paulo, dirigindo-se a judeus, afirma o significado espiritual da circuncisão nestas palavras:

"Pois é por vossa causa que o nome de Deus é blasfemado entre os gentios, como está escrito. A circuncisão, na verdade, aproveita, se guardares a lei; mas se fores transgressor da lei, a tua circuncisão tem-se tornado em incircuncisão. Pois, se o incircunciso guardar as ordenanças da lei, não será a sua incircuncisão reputada como circuncisão? E o que é por natureza incircunciso, cumprindo a lei, julgará a ti, que, com a letra e com a circuncisão, és transgressor da lei. *Não é judeu aquele que o é exteriormente, nem ó circuncisão a que o ê exteriormente na carne; mas c judeu aquele que o ê interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito e não na letra. O louvor de tal judeu não vem dos homens, vias de 'Deus* (Rom. 2:24-29).

Paulo nãG podia dizer mais claramente que o sentido da circuncisão *c* espiritual e que ela deve ser acompanhada daquela mudança radical do coração humano, a eme damos o nome de regeneração.

íi interessante notar que uma das referências bíblicas para Rom. 2:24 c Ezeq. 36:22-28. De fato, há íntima relação entre os dois passos, porque ambos tratam da regeneração. Refere-se a passagem de Ezequiel ao fato de ter Israel profanado o nome de Deus e afirma que Deus, não obstante essa profanação, restaurará o seu povo por amor do seu nome, dan-do-lhe um coração novo e um espírito novo. E essa transformação é representada por uma aspersão de água pura: "Aspergirei sobre vós água pura, e ficareis purificados de toda a vossa imundícia e de todos os vossos ídolos, vos purificarei. Também vos darei um coração novo, e dentro de vós porei um espírito novo; tirarei da vossa carne o coração de pedra, e dar-vos-ei um coração de carne. Dentro de vós porei o meu Espírito, e farei que andeis em meus estatutos, e guardareis os meus juízos e os

praticareis. Habitareis na terra que dei a vossos país, vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus". O "batismo no Novo Testamento representa justamente o que descreve o profeta Ezequiel no trecho que acabamos de citar. E essa transformação, de que fala o profeta era, como já vimos, representada no Velho Testamento pela circuncisão. É, portanto, justo concluir que o batismo é a circuncisão de Cristo.

Em Col. 2:11, São Paulo se refere ao batísmo como "a circuncisão de Cristo" e em Gal. 6:15, o mesmo Apóstolo declara que de nada vale a circuncisão ou a incircuncisão, sem que a pessoa circuncidada seja uma nova criatura. Nesse passo êle condena os judaízantes que confiavam no rito exterior da circuncisão para salvá-los, sem ter experimentado a realidade íntima da regeneração. Por semelhante modo, nós, os cristãos da Nova Dispensação, afirmamos que o batismo com água nada vale, se o batizando não for regenerado. Mais uma vez, torna-se patente que o batismo representa a mesma realidade espiritual que é simbolizada pela circuncisão e que é, portanto, o legítimo substituto desse rito.

Para os adultos o batismo e a circuncisão são ritos de iniciação e admissão na Igreja visível de Cristo e para as criancinhas, filhas de pais crentes, os mesmos ritos indicam que essas crianças são reconhecidas e arroladas como membros da Igreja visível. Por meio desses ritos, os pais ingressam na Igreja visível e os seus filhos menores são reconhecidos como membros infantis da mesma Igreja, pela representação dos pais. Assim foí no Velho Testamento e assim é no Novo.

Os que ingressavam na antiga Igreja de Deus eram sempre acompanhados pelos filhos menores, porque a aliança que Deus fêz com Abraão não foi somente para êle, mas também para a sua descendência, tanto natural como espiritual, e essa aliança seria uma bênção para todas as famílias do mundo (Gen. 12:3; 17:7; Gal. 3:8 e Atos 3:25).

No Novo Testamento, o sinal de reconhecimento e inclusão das crianças na Igreja de Deus, bem como o da admissão dos adultos, é o batismo cristão. Isso se torna evidente pelas declarações feitas por S. Pedro, no dia de Pentecostes, quando foram admitidas três mil pessoas na Igreja Cristã. Disse êle: "Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós é a promessa e para os vossos filhos, e para todos os que estão longe, a quantos chamar o Senhor nosso Deus. Com muitas outras palavras dava testemunho, e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa. Os que receberam a suas palavras foram banzados, e foram admitidas naquele dia quase três mil pessoas" (Atos 2:38-41).

Tanto o batismo como a circuncisão são ritos de arrolamento ou de matrícula e admissão na Igreja visível de Deus e simbolizam a regeneração. Se as crianças, no regimen antigo, no tempo que precedeu à vinda de Cristo ao mundo, tinham o direito de receber o sinal da sua inclusão na sociedade dos fiéis, os meninos do novo regímen da Igreja Cristã não terão menos direito ao correspondente sinal visível de sua incorporação na sociedade dos herdeiros das promessas feitas aos seus antepassados espirituais. As crianças poderiam perder o direito de inclusão na Igreja de Deus, se esse direito lhes tivesse sido cassado, no Novo Testamento, por Tesus ou pelos seus apóstolos. Mas isso não se deu. Temos, pelo contrário, afirmação categórica de Pedro que "a promessa é para nós e nossos filhos". E as promessas de Deus não falham. Voltaremos a tratar deste assunto em capítulos subsequentes, mas antes disso queremos responder a uma objeção dos antípedobatistas.

Os que são contrários ao batismo infantil perguntam-nos porque as crianças não comungam em nossas igrejas, desde que estão incluídas em seu rol. Poderemos responder com algumas outras perguntas; por que é que os meninos, filhos de brasileiros e membros da comunidade brasileira, não têm o direito de voto. por ocasião das eleições? Ou, então, por que é que as criancinhas de peito, sendo membros da família, não têm o direito de sentar-se à mesa com os pais e comer carne, como fazem os adultos? Há direitos dentro da família, dentro da Pátria e dentro da Igreja que são próprios dos membros infantis dessas instituições e há outros que são privativos dos adultos. Por não poderem alimentar-se senão de leite, as criancinhas não deixam de fazer parte da família e do mesmo modo, não deixarão de fazer parte da Igreja de Deus., nem de ser por ela alimentadas e nutridas, apenas porque só podem suportar o *leite* espiritual. Elas recebem o alimento adequado à sua tenra idade. Quando chegarem ao ponto de compreender a significação da Mesa do Senhor, sentar-se-ão a essa Mesa e, pela fé, derivarão dela o alimento espiritual adequado à sua idade e desenvolvimento espiritual.

A Igreja visível de Nosso Senhor Jesus Cristo deve preocupar-se muito seriamente com a nutrição espiritual dos membros infantis, porque da sua saúde espiritual dependerá, em grande medida, o progresso e o poder do reino de Cristo sobre a terra. Os futuros ministros e outros líderes da Igreja são recrutados especialmente dentre os filhos de crentes, e levam grande vantagem os líderes cristãos que, como o jovem Timóteo, foram educados nas Sagradas Letras desde a sua infância e tiveram mães e avós piedosas de "uma fé não fingida" (II Tim. 1:5; 3:15). A Igreja é depois do lar, o viveiro mais próprio pata a criação e educação cristã dos cordeirínhos do rebanho de Cristo.

A Igreja, representada pelo pastor, pelos presbíteros, pelos pais crentes e pelos demais membros da comunhão dos santos, tem grande responsabilidade com referência aos seus membros infantis. No ato do batismo das criancinhas, os pais fazem promessas solenes e a Igreja assume sérias responsabilidades. Os oficiais da Igreja, os país crentes è os demais membros assumem a responsabilidade de cuidar das criancinhas que lhes são confiadas, dando-lhes em primeiro lugar, um exemplo de piedade e de caráter cristão, e em segundo lugar, instruindo-as nas Sagradas .Letras. E isso deve ser feiro no lar, na escola dominical, nos cultos e nas escolas bíblicas de férias e em outras ocasiões. Em terceiro lugar, os responsáveis pela nutrição espiritual das crianças devem orar por elas e com elas. Jsso c feito particularmente em casa, no culto doméstico, nos cultos públicos e em todas as escolas de instrução religiosa mantidas pela Igreja. Os país prometem ensinar ou mandar ensinar os filhos a ler, para que possam ler as Escrituras por si mesmas. As crianças assim ensinadas e nutridas não se apartarão do caminho do Senhor, É a própria Palavra de Deus que o garante, nos seguintes termos: "Educa a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho, não se desviará dele" (Prov. 22:6). À criança educada cristãmente será a garantia da pureza e do progresso da igreja militante de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Capítulo IV - OS MENINOS COMO MEMBROS DA IGREJA INVISÍVEL

Um amigo nosso, com quem trocávamos ideias, por correspondência, sobre o batismo infantil, assim nos interpelou: "O senhor afirma que o batismo representa a regeneração, mas certamente não pode crer que uma criança pequenina possa ser regenerada". E nós lhe perguntamos; *"Pox* que não?" E, de fato, "por que não?". Dirá alguém: "A criança é incapaz de experimentar a regeneração, porque não pode ter fé". Mas tanto os batistas como os pedobaristas admitem que as crianças que morrem na infância são salvas sem fé. E para serem salvas precisam de ser regeneradas pelo Espírito Santo, porque ninguém entra no Reino dos Céus sem ter nascido de novo. E se a criança pode ser regenerada, também pode receber o sinal visível da sua regeneração. As crianças são salvas por Jesus, que pelo seu Espírito lhes aplica as bênçãos da redenção. Desde que nasceram no pecado, necessitam da purificação pelo sangue de Cristo para entrarem no seu reino. Mas essa redenção infantil não é tão somente para os que morrem na infância. João Batista estava cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe e, portanto, era um regenerado antes de nascer (Luc. 1:15). Samuel foi também dedicado a Deus e aceito, antes de ter nascido (I Sam. 1:11 e 28). O profeta Jeremias foi santificado por Deus, da mesma maneira, antes de nascer {Jer. 1:5). Podemos, então, duvidar da regeneração infantil? Acaso não continuará Deus a designar os seus escolhidos dentre os filhos de crentes piedosos? Deus opera hoje, como sempre, nos corações das criancinhas, chamando-as para o seu reino (Marcos 10:14-16).

E nós, pais crentes, não teremos o direito e o privilégio de dedicar os nossos filhos a Deus, antes do seu nascimento, como no passado têm feito tantos dos fiéis servos do Senhor? Sim, temos o direito e até mesmo o dever de reclamar os nossos filhos para Deus, de acordo com a sua promessa de que Êíe será o nosso Deus e o Deus da nossa posteridade. Sendo assim, os nossos filhos fazem parte da família de Deus, desde a sua mais tenra idade, e devemos considerá-los como regenerados, aplicando-lhes o sinal exterior dessa preciosa realidade.

Mas alguém objetará que há muitos filhos de crentes que, depois de chegarem à idade de discernimento, quando podem seguir a própria orientação, desviam-se da fé professada pelos pais. Respondendo a essa objeção, diremos, em primeiro lugar, que esses desvios têm sido menos numerosos e menos graves do que geralmente se supõe, especialmente com referência aos filhos de ministros, cuja conduta é mais rigorosamente fiscalizada e criticada do que a dos filhos de outros cremes. O fato é que as famílias de ministros têm produzido muitos cristãos ilustres. Haja vista as famílias dos Gouveias, dos Cerqueiras Leites, dos Bragas, dos Cueiros, dos Rizzos, dos Césares, dos Dourados, dos Emeriques, e de muitos outros que não

nos vêm à memória no momento. Em outras terras, dá-se o mesmo. A história das missões prova que há famílias de missionários que têm produzido sucessivas gerações de obreiros, como se deu com os Scudders, os Formans, os Mayhews e muitos outros. O livro "Who's Who", traz uma estatística dos homens célebres da atuaíidade. Prova essa estatística que os filhos de missionários atingem em maior número a celebridade, em relação à sua proporção numérica, do que os de qualquer outro grupo profissional.

Vem ao caso citar aqui o que diz o professor Annett, no seu manual de psicologia, ao tratar do assunto da hereditariedade: "A mais frisante confirmação da hereditariedade é a bem conhecida comparação feita nos Estados Unidos entre os registros da família Jukes com os da de jonathan Edwards, o grande pregador. Fêz-se o estudo de 2.820 descendentes daquele infeliz Jukes, que nasceu em Nova York, em 1720. A grande maioria era constituída de miseráveis, de prostitutas, de degenerados fisicamente, de criminosos, de ladrões e de assassinos, que custaram ao estado m£Ío milhão de libras. De Jonathan Edwards descenderam 1.394 pessoas, das quais se diplomaram 1.295. Destes, 13 foram diretores de grandes colégios; 16, professores; 60, médicos; 100, ministros, missionários ou professores de teologia; 75, oficiais do exército ou da marinha; 60, proeminentes escritores e muitos outros que desfrutaram posição honrosa como jurisconsultos, senadores, prefeitos, comerciantes, etc. Nenhum foi criminoso. ("Psychology for Bible Teachers", de Edward Annett, pág. 93). Já se vê que, em geral, os criminosos geram criminosos e os cristãos geram cristãos.

E como explicar as exceções à regra acima mencionada? Pode-se afirmar, à luz da experiência, que muitos cases de apostasia são apenas aparentes. Há milhares e milhares de exemplos de fillios de crentes que se afastaram do Evangelho, mas que jamais se esqueceram dos ensines do lar, da Igreja e das orações feitas a seu favor. Quando as circunstâncias os puseram em apuros, ou quando o ambiente e as condições <io meio se tornaram favoráveis, então germinou, por obra e graça do Espírito Santo, a semente da regeneração que neles permanecia em estado latente e eles se transformaram e produziram dignos frutos de arrependimento. Sim, há filhos de crentes que excepcional e provisoriamente se desviam, mas, depois, voltam para Deus, como fêz o Filho Pródigo. Esta verdade é muito confortadora para os pais crentes que oram pela conversão dos filhos afastados da comunhão da Igreja.

Haverá ainda outros casos de afastamento da Igreja por parte de alguns dos filhos de crentes, que se explicam pela infidelidade e negligência dos próprios pais. Esses crentes fizeram um pacto com Deus em que prometeram ser-lhe fiéis, e Deus, por sua vez, prometeu ser o seu Deus e o Deus dos seus filhos. Mas êíes foram desleais e infiéis aos termos do contrato que fizeram com Deus e o seu mau exemplo resultou no afastamento dos filhos. Quão tremenda é, pois, a responsabilidade dos pais crentes pelos filhos que Deus lhes confiou! O que sabemos, com certeza, é que, se nós, os pais cientes, formos fiéis no desempenho dos nossos deveres cristãos e não rompermos o concerto que fizemos^ com Deus, os nossos filhos também não se afastarão permanentemente do seu Deus e Pai Celestial. As promessas de Deus não falham. As falhas que existem são sempre da nossa parte.

Poderá alguém ainda perguntar: Por que batizar criancinhas, se não temos segurança da sua regeneração, desde que esta experiência depende largamente de uma condição incerta, a saber, a fidelidade dos pais? A resposta é simples, pois, se fosse válida essa objeção contra o barismo de crianças, seria também válida contra o batismo de adultos. Quando batizamos um adulto, não sabemos se se trata ou não de um regenerado. Muitos são os adultos batizados que se desviam da fé evangélica, especialmente nos casos de terem sido recebidos apressadamente. Batizamos o adulto, desde que professe a sua fé em Cristo e não haja em sua vida nada conhecido que contradiga a sua declaração de fé. Aceitamo-lo, como membro da Igreja, porque, *presumivelmente, é* um dos remidos do Senhor e devemos tratá-lo como tal, enquanto não dê provas ern contrário. Somente Deus conhece o seu coração. Com referência às crianças, também não temos certeza sobre quais delas se achara no número dos -remidos, porque não nos *é* dado conhecer a firmeza da fé alimentada pelos pais, da qual depende a promessa feita com referência aos filhos. Devemos, todavia, banzá-las, porque, *presumivelmente,* os pais serão iiéis aos votos que assumiram e, neste caso, os seus filhos estarão consequentemente entre aqueles que foram contemplados peia promessa de Deus. Esses filhos devem pertencer Àquele que prometeu ser o seu Deus. E, se são de Deus, devem ser batizados. Se não temos absoluta certeza de sua salvação, é porque não podemos íer o que está no coração dos país. A promessa de Deus depende da fé professada pelos pais. Tanto no caio dos adultos como no das crianças, não podemos ter certeza da sua regeneração, mas bâtizamo-los por julgar, à luz das evidências, que já tenham sido regene-rados.

Para que se torne porventura ainda mais claro o lugar que a criança ocupa na Igreja de Cristo, apresentamos um quadro elucidativo da distinção que existe entre a Igreja invisível e a visível.

A IGREJA INVISÍVEL

Composta de todos os salvos; os escolhidos de Deus; os remidos; os regenerados; os nascidos de novo.

I. — Adultos escolhidos para a salvação (batizados ou não):

1. Convertidos batissados e arrolados como membros da Igreja.
2. Convertidos ainda não batizados, nem arrolados na Igreja.
3. Convertidos suspensos ou eliminados do seio de organizações eclesiásticas.
4. Adultos que se converterão. Serão chamados por Deus (Atos 2:39 e João 17:20).
5. Os salvos na glória, quer tenham ou nao percencicto a organizações eclesiásticas.

II. — Crianças escolhidas para a salvação (batizadas ou não):

1. Crianças que morrem na infância: salvas sem fé.
2. Crianças regeneracias, que, crescendo, se converterão e darão provas da sua regeneração.
3. Crianças não regeneradas que mais tarde alcançarão esta graça.
4. Todas as crianças, ainda por nascer, que serão regeneradas.
5. Crianças já salvas, que estão na glória do céu.

A IGREJA VISÍVEL

Composta de todos os professos e seus filhos; arrolados em organizações eclesiásticas

I. — Adultos; membros professos, batizados e arrolados:

1. Verdadeiros cristãos admitidos à Igreja pelo batismo.
2. Os convencidos, que não chegaram a converter-se, também admitidos pelo batismo.
3. Os ignorantes não convertidos, admitidos pelo batismo.
4. Os hipócritas admitidos pelo batismo, como Simão Mago (Atos 8:13, 21).
5. Os batizados suspensos da comunhão, convertidos ou não. Continuam sob os cuidados vigilantes dos oficiais da Igreja.

II. —Adultos professos e arrolados, mas não batizados (pois há igrejas que recebem membros sem os batizar).

III. — Crianças batizadas t[ue$_f$ desse modo, foram arroladas como membros infantis da Igreja visível. São os filhos de pais professos e batizados:

1. Crianças batizadas que morrem na infância.
2. Crianças batizadas que se converterão e confirmarão os votos dos pais.
3. Crianças batizadas que renunciarão a fé professada pelos pais. São as que constituem exceçÕes.

IV. — Crianças que descendem de pais crentes, nascidas na Igreja, mas não batizadas. São membros da Igreja por nascimento, mas é somente pelo batismo que serão publicamente recebidas e reconhecidas como membros infantis da Igreja visível.

Convém notar que a Igreja visível e a invisível não são duas igrejas diferentes, mas são apenas aspectos da mesma Igreja de Nosso Senhor Jesus Ctisto. A Igreja invisível é aquela à qual S. Paulo se refere como o "corpo de Cristo" em I Cor. 12:27, 28 e da qual afirma em Ef. 5:26, 27: "Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água pela palavra, para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível". Essa Igreja invisível tem os seus aspectos visíveis, pois Jesus fundou a sua Igreja no mundo e disse que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mat. 16:18).

O ideal para a Igreja visível seria que nela fossem incluídos todos os vivos, adultos e crianças, que são membros da Igreja invisível e mais ninguém, mas isso não é possível, porque não conhecemos os corações e não podemos saber quais são os regenerados e quais os que não o são. Não raras vezes ingressam nas igrejas evangélicas pessoas não regeneradas, que mais tarde vêm a ser eliminadas por causa da má conduta ou das heresias que passam a defender. Quando recebemos membros na Igreja, temos de agir de acordo com o critério da probabilidade, e isto tanto no caso de adultos como no de crianças. Recebemos os pais, por julgar provável que tenha sido sincera a sua profissão de fé, e recebemos os filhos, em virtude da fé professada pelos pais, e também porque os julgamos regenerados, em virtude da promessa que Deus fez a favor dos filhos de pais crentes. Sendo provável que Deus já tenha recebido essas crianças na sua Igreja invisível, não podemos deixar de recebê-las na visível.

Quanto à Igreja visível, o batismo de uma criança importa no reconhecimento do fato de ser ela membro dessa Igreja, porque nasceu dentro dela. Pelo batismo, a criança é registrada ou arrolada como membro infantil da Igreja visível. Esse registro é semelhante àquele que fazemos dos nossos filhos recéra-nascidos, em cartório. Os filhos de pais brasileiros, nascidos no Brasil, são brasileiros, mas o reconhecimento público desse fato se faz pelo registro dos seus nomes em cartório. Por semelhante modo, os pais crentes, pelo batismo dos filhinhos, os registram como membros infantis da Igreja visível de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quanto â Igreja invisível, o batismo de uma criancinha indica que, em virtude da promessa que Deus fêz aos seus pais, ela *presumivelmente* já foi recebida por Deus no número dos seus eleitos, já deve estar sob a influência da sua graça e ter sido regenerada. Devemos tratá-la como tal, enquanto não se prove o contrário, da mesma maneira que fazemos com os adultos batizados. *Presumivelmente* ela pertence à Igreja invisível e, por isso, deve ser admitida à Igreja visível.

Por meio do quadro anexo, podemos estudar melhor a atitude de várias correntes teológicas para com as criancinhas, contrastando-as com a teologia reformada que aqui defendemos:

CONCEPÇÕES TEOLÓGICAS DO ESTADO ESPIRITUAL DA CRIANÇA				
I. TEOLOGIA ROMANA	**1.** Filhos de cristãos: **2.** Filhos de incrédulos:	Todos pecadores e perdidos até que sejam batizados	Todos devem ser batizados para que se regenerem	As crianças não batizadas que morrem na infância, vão para o *limbus infantum*
II. TEOLOGIA ANTIPEDOBATISTA	**1.** Filhos de cristãos: **2.** Filhos de incrédulos:	Todos perdidos até que se convertam e tenham fé pessoal, excetuando-se os que morrem na infância	Nenhuma criança deve ser batizada porque é incapaz de fé pessoal e não está salva	A fé é tida como indispensável para a regeneração, exceto nos casos em que a criança morre na infância
III. TEOLOGIA PELAGIANA	**1.** Filhos de cristãos: **2.** Filhos de incrédulos:	Todas as crianças nascem puras e sem a contaminação do pecado	O batistmo como símbolo de purificação não tem valor para a criança	Pelágio tinha o batismo de crianças como um rito de consagração e antecipação de perdão futuro, que as admitia ao reino dos céus
IV. TEOLOGIA ARMINIANA	**1.** Filhos de cristãos: **2.** Filhos de incrédulos:	Todos nascem em estado de graça e estão salvos até que pequem volutariamente	Pode-se batizar todas as crianças, sem perigo de errar	Crianças, ao se tornarem adultas, podem perder a graça de Deus
V. TEOLOGIA DARBISTA (dos Irmãos de Plymouth)	**1.** Filhos de cristãos: **2.** Filhos de incrédulos:	As crianças não são regeneradas enquanto não se converterem e tiverem fé pessoal.	Podem ser batizadas para serem admitidas a uma esfera de influências cristãs	O batistmo não é símbolo de regeneração nem rito de admissão na Igreja visível. Não existe Igreja visível.
VI. TEOLOGIA REFORMADA	**1.** Filhos de cristãos:	Nascem contaminadas pelo pecado, mas provavelmente sob as influências regeneradoras do Espírito Santo. Presumivelmente são regenerados.	Devem ser batizadas, por se julgar que são regenerados e porque Deus no pacto que fez com o seu povo, lhes deu um lugar dentro de sua Igreja visível.	
	2. Filhos de incrédulos:	Nascem contaminados pelo pecado e provavelmente sem as influências regeneradoras do Espírito Santo. Presumivelmente não são regenerados.	Não devem ser batizados, porque presumivelmente não são regenerados e porque Deus não lhes deu um lugar na sua Igreja visível.	

NOTA: Quanto à necessidade da regeneração batismal, as igrejas luteranas e anglicana concordam com a Igreja Romana embora com modificações (Ver "Systematic Theology" de L. Berckof, pág 477).

Por esse quadro se vê claramente que apenas, a teologia reformada faz a distinção bíblica entre o estado espiritual privilegiado dos "herdeiros das promessas' e o dos filhos dos incrédulos. Há promessas especiais na Bíblia para os filhinhos dos crentes. São denominados "semente santa" e "linhagem santa" (Mal. 2:15; Esd. 9:2; Jsa. 6:13; 61:9 e 65:23). São súditos do reino dos céus (Mat. 19:14), cordeiros do rebanho de Jesus (Isa. 40:11 e João 21:15) alunos'da escola de Jesus (Mat. 28:19), santos (I Cor. 7:14) e membros de famílias abençoadas {Gen. 12:3; Atos 3:25). Em capítulos subsequentes, trataremos de provar mais pormenorizadamente os pontos aqui exarados.

Todas as correntes religiosas do quadro atrás apresentado, menos a pelagiana e possivelmente a arminiana, reconhecem que a criancinha nasce com a tara do pecado, isto é com o que se denomina *pecado original*. Os teólogos reformadores crêem que todas as criancinhas nascem com a contaminação do pecado herdado dos pais, mas, apesar disso, afirmam, baseados nos ensinos da Bíblia, que algumas dessas criancinhas pertencem aos escolhidos de Deus e nascem sob as influências do Espírito Santo, como no caso de S. João Batista e em outros casos já citados. A graça de Deus opera nos corações dessas crianças privilegiadas, anulando parcialmente os efeitos deletérios do pecado original. Os beneficiários dessa graça são principalmente os filhos dos crentes. Não negamos que outras crianças possam ser regeneradas na infância, mas isso não é muito provável e as crianças, filhos de incréus, que se regeneram, constituem exceções. Na Igreja visível temos de admitir somente os que provavelmente são regenerados.

A teologia arminiana ensina que todas as crianças nascem em estado de graça e já estão salvas, sejam ou não filhos de crentes, e ensina que todas podem ser banzadas, sem perigo de erro. Como prova dessa asserção, citamos o que afirma o rev. W. B. Lee, no seu folheto, "Algumas considerações sobre o batismp", à página 8: "Toda criança permanece em estado de graça e salvação até a hora em que ela, de *motu próprio* desobedeça a Deus, e se coloque no campo dos seus inimigos. Quando batizo um adulto, não tenho certeza se o seu estado espiritual está de acordo com o símbolo da purificação ou não. Mas, quando batizo uma criança, tenho certeza que o símbolo está de acordo com o seu estado de gtaça. No primeiro caso posso errar, no segundo, nunca!"

Alguém já nos disse que esse ponto de vista arminiano é muito simpático, porque põe todas as criancinhas inocentes em pé de igualdade Humanamente, essa 'atitude arminiana pode ser considerada simpática, mas o fato é que o próprio Deus fêz distinção entre os filhos dos crentes e os filhos dos que não crêem.

Sabemos que os filhos de pessoas que têm saúde física e espiritual levam grande vantagem sobre os de pais enfermos e moralmente degenerados. Não é, pois, de se admirar que a fidelidade dos pais crentes mereça um premio de Deus que contempla os seus filhinhos com uma graça especial. Ademais, se todas as criancinhas fossem regeneradas, como querem os arminianos, continuariam nesse estado por toda a eternidade e ninguém se perderia. Jesus disse: "Dos que me deste nenhum deles perdi" (João 18:9). E, falando das suas ovelhas, o mesmo Jesus disse: "E dou-lhes a vida eterna, e nunca perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai" (João 10:18 e 29). Quando Deus começa em . alguém a sua obra regeneradora, não volta mais atrás, mas leva a empresa até o fim.

Os estudos bíblicos feitos até aqui levam-nos a crer que, por determinação de Deus, os filhos dos crentes fazem parte da Igreja visível e devem ser tidos também como membros da Igreja invisível, como criaturas remidas pelo sangue de Crisro e regeneradas pelo E-spírito Santo. Na educação religiosa dos nossos filhos, nós, os pais crentes, levamos grande vantagem, visto que os podemos considerar desde a infância, como pequenos cristãos e podemos tratá-los como tais.

Se dissermos aos nossos filhos que eles são cordeirínhos do rebanho de Cristo e membros do seu reino, sentirão eles a sua responsabilidade e naturalmente revelarão a tendência para se comportarem de maneira digna desse alto privilégio. Se lhes dissermos, porém, que são uns diabinhos e inimigos de Deus, estarão dispostos a corresponder ao conceito que deles formamos. Geralmente, quando confiamos em nossos filhos e esperamos que sejam bons, eles correspondem à nossa confiança e expectativa e se tornam, de fato, bons.

Quando a mãe carinhosamente diz ao seu filhinho: "Você é um menino bonito, bem educado e um verdadeiro cristãozinho", êle fica cheio de justo orgulho e se esforça por ser o que a mãe deseja. Mas, se ela lhe disser, de mau humor: "Você é um menino feio, malcriado, um verdadeiro diabinho", êle sentirá forte incenrivo para fazer cora que o seu caráter corresponda aos epítetos levianos com que a mãe o descreveu.

Ao concluirmos este capírulo, citaremos um trecho pertinente da Psicologia do Prof. Annett: "É quase supérfluo dizer que o caráter do lar em que ingressa uma criancinha, peio nascimento, exercerá tremenda influência sobre toda a sua vida futura. Embora essa afirmativa possa ser considerada lugar comum, o fato é que a maioria dos pais não lhe tem dado a devida atenção. Muitos não se impressionam com o efeito que a sua vida no lar exerce sobre o futuro da criança recém-nascida. Grandes consequências resultam das atitudes dos progenitores. Para alguns pais, a criança é um mero brinquedo, e pode ser tratada como tal; para outros, é uma criaturinha que merece dó e, portanto, devem-se fazer-lhe todas as vontades; para outros ainda, é um diabinho cheio de culpa, que deve ser frequentemente punido. São raros os pais que consideram os filhinhos como seres dotados de nobres qualidades latentes, por meio das quais poderão atingir, na maturidade, elevados ideais. Seria de conveniência que assentassem, por escrito, os principais característicos que desejariam ver desenvolvidos no caráter dos filhos e em seguida considerassem os meios apropriados pelos quais poderiam auxiliá-los a atingir o alvo proposto. Belas qualidades de índole, de temperamento e de caráter não se produzem ao acaso. São o resultado de educação cuidadosa e inteligente. Essas qualidades exigem *cultivo.* (Psychology for Bible Teachers" do Prof. Edward A. Annett, págs. 209 e 210).

Sim, encaremos os nossos filhinhos como cristãos, tratemo-los como cristãos, eduquemo-los como cristãos e eles serão, de fato, cristãos.

Capítulo V - NEM DIABINHOS, NEM ANJINHOS

Há quem afirme que as crianças, antes da conversão, pertencem a Satanás e são realmente uns diabinhos. Para provar essa nossa afirmativa, transcrevemos do "Jornal Batista", de 23 de fevereiro de 1933, o seguinte trecho, da secção de "Perguntas e Respostas":

G. P. G. *Um pregador batista, que aqui chegou a fazer uma conferência, declarou na mesma que uma criança, antes de conhecer a Cristo, é um diabinho. Esta declaração causou escândalo. Estará certa?*

A esta pergunta T. R. T. respondeu da seguinte maneira:

"A expressão é forte, e talvez fosse dita com pouco jeito, porém exprime a verdade, a tristíssima verdade que a Bíblia Sagrada proclama sem eufemismos, rodeios, ou subterfúgios. Ela classifica as pessoas não regeneradas com as expressões mais fortes que é possível imaginar, charaan-do-as de "Eilhos do diabo' (João 8:44; I João 3:10) "filhos do maligno" (Mat. 13:38); "filhos da.desobediência" (Ef. 2:2; 5:6); "filhos da ira" (Ef. 2:3); "filhos do inferno" (Mat. 23:15) etc, etc. Certamente que, se esta doutrina fosse pelos pregadores feita, com jeito sim, mas, com a acentuação e o realismo que a Bíblia lhe dá, o trabalho evangelístico seria maís eficiente, o número de conversões seria certamente em muito maior proporção. Os próprios crentes, educados num meio onde se fazem cristãos a golpes de latinórios, gotas de água e cuspe sacerdotal, têm uma visão muito acanhada da condição das pessoas não convertidas; e eis a mão de viverem relativamente confortados acerca de seus filhos, pais, irmãos, etc, que se acham em tal condição. A Bíblia declara perentóríamente que todos os não convertidos são filhos do inferno; e não há outro meio de saírem dessa condição, senão por meio do arrependimento de pecados, da fé em Cristo, e do novo nascimento, que o Espírito Santo opera naqueles que se arrependem e crêem (SI. 51:5; 58:3; Jó,14:4; João 3:37; Rom. 3:23, 24; João 1:12)".

Comentaremos em primeiro lugar, os conceitos acima emitidos pelo sr. T. R. T. no "jornal Batista", para depois citar e comentar a segunda parte de sua resposta. Um exame cuidadoso das passagens acima citadas, à luz do contexto, indica que a maior parte delas se refere a adultos, capazes de rejeitar a Cristo e desobedecer-lhe, e não às crianças. Além disso, nenhuma delas se refere às crianças como diabinhos. Se não é assim, vejamos. S. João 8:44 diz: "Vós sois filhos do Diabo, e tendes vontade de cumprir os desejos de vosso pai". De quem disse Jesus essas palavras severas? O contexto revela claramente- que falava aos escribas e fariseus hipócritas que o rejeitaram e perseguiram tenazmente. Nada diz este versículo sobre o

estado espiritual de crianças. Em I João 3:10, lemos: "Os filhos de Deus e os filhos do Diabo nisto são manifestos: todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão". Este versículo evidentemente se refere a pessoas de idade suficiente para praticar a justiça e amar os irmãos. Não há, portanto, nesse texto, qualquer referência às crianças e muito menos qualquer prova de que sejam diabinhos. Consideremos a passagem em Ef. 5:5, 6: "Pois isto sabeis com certeza que nenhum fornicário, nem impuro, nem avarento, o qual é idólatra, *tem* herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs; pois por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência". Os que fazem as coisas mencionadas nesses versículos não são criancinhas e, logo, não vemos também aí, como atribuir-lhes caráter diabólico.

Outras passagens citadas pelo sr. T. R. T. (João 3:36 — "37" devendo ser erro tipográfico — Rom. 3:23, 24 e João 1:12) referem-se às condições de salvação para pessoas capazes de se arrependerem e crerem no evangelho. Não há nenhuma referência às criancinhas incapazes de crer, devido à sua inconsciência. Esses versículos nada dizem sobre o estado espiritual das crianças. Mais adiante o sr. T. R. T. admite que as criancinhas inconscientes podem *se^* salvas sem arrependimento e sem fé.

Resta-nos ainda examinar quatro passagens citadas pelo consultor do "Jornal Batista" e que, de fato, dizem algo sobre o estado espiritual dos recém-nascidos. O Salmista afirma: "Eis que fui nascido em iniquidade e em pecado me concebeu minha mãe (SI. 41:5). No Salmo 58:3, lemos: "Alienam-se os iníquos desde o nascimento; apenas nascem, desencaminham-se falando mentiras". Esta última passagem deve referir-se aos filhos de iníquos e descrentes, mas não aos filhos de crentes sinceros como Isabel e Zacarias, cujo filhinho estava cheio do Espírito Santo, desde o seu nascimento. Em Jó 14:4, encontramos o seguinte: "'Oxalá que o puro pudesse sair do imundo! Não é possível". A referência deve ser ao "homem nascido de mulher" a que se refere o versículo primeiro do mesmo capítulo. Ainda em Ef. 2:1-3, S. Paulo declara: "Ele vos deu a vida, quando estáveis mortos em vossos delitos e pecados, nos quais noutro tempo andastes, conforme o curso deste mundo, segundo o chefe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência, entre os quais todos nós também outrora andávamos nas cobiças da nossa carne, fazendo as vontades da carne e dos pensamentos, e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais".

O mais que se pode provar, pelas quatro passagens acima transcritas, é que todos os homens nascem em pecado e pertencem a uma raça decaída. Mas isso não prova que *todos* os homens têm parentesco espiritual com Satanás e são filhos dêje. Embora as crianças herdem a .natureza pecaminosa dos pais, os que são filhos de crentes também herdam os benefícios do pacto da graça que Deus fez com. os seus progenitores. Neste caso, a graça salvadora de Deus vem anulando os efeitos do pecado, desde o seu nascimento, e mesmo rnuiro antes disso, pois a carta de S. Paulo aos Efésios o afirma bem claramente, nos seguintes termos: "Bendito o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sua bênção espiritual nas regiões celestes em Cristo, assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo para sermos *santos* e sem defeito perante Êle, e em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos por Jesus Cristo para si mesmo, conforme o beneplácito da sua vontade, para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado, no qual temos a nossa redenção pelo seu sangue, a remissão dos nossos delitos, segundo a riqueza da sua graça" (Ef. 1:3-7). E na mesma passagem o grande apóstolo declara que "fomos feitos herança em Cristo, tendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz tudo segundo o conselho da sua vontade' (Ef. 1:11). Os predestinados para a vida eterna, embora pertençam à raça corrompida de Adão, são de Deus e são denominados "santos" nas Escrituras. Entre eles se encontram os filhos de crentes. Os filhos da aliança que Deus fez com o seu povo, isto é, os filhos de crentes são *santos.* Quem o diz é S. Paulo: "Pois o marido incrédulo é santificado na mulher, e a mulher incrédula é santificada no irmão; de outra maneira os vossos filhos seriam imundos, mas agora são *santos"* (I Cor. 7:14). O termo apropriado para usar com referencía aos filhos de crentes não é *imundos* e nem *diabinhos,* mas *santos,* pois a graça de Deus vem anulando os efeitos do pecado que herdaram dos pais. "Onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rom. 5:20). E os filhos de crentes são descendentes espirituais de Abraão (Rom. 4:11 e 17) e "herdeiros segundo a promessa' (Gal. 3:29 e Atos 2:39). Não podemos, portanto, tê-los na conta de *diabinhos.*

O corpo de piedosa mãe cristã é templo do Espírito Santo (I Cor. 6: 19, 20). Se o seu filhinho, ainda por nascer, fosse um *diabinho,* resultaria isso em o absurdo de um templo habitado ao mesmo tempo pelo Espírito de Deus e por um *diabmho.* Não pode ser assim, pois a santificação da mãe estende-se ao filhinho que é uma *semente santa* (I Cor. 7:14 e Mal. 2:15).

Na segunda parte da sua resposta ao consulente do "Jornal Batista", o sr. T. R. T. faz a seguinte preciosíssima admissão: "Há uma só classe dispensada de se arrepender e crer em Jesus Cristo para se salvar, é a das crianças inconscientes; não por causa do batismo, seja por padre católico ou pastor protestante, mas porque Deus, sendo justo, não podendo condenar os incapazes de se arrependerem e crerem, lhes aplica a justificação de Cristo; razão por que o mesmo Senhor disse que dos tais (que não haviam recebido o batismo de espécie alguma) era o reino dos céus. (Mat. 19:14)".

Antes de comentarmos essa segunda parte da resposta sobre a questão dos "diabinhos", chamamos a atenção dos nossos leitores para o fato de que corre por conta do sr. T. R. T. o parêntese "que não haviam recebido batismo de espécie alguma". Jesus não fêz uso dessa explicação parenté-tica. Esses meninos que Jesus abençoou tinham recebido uma espécie de batismo. Sendo eles filhos de piedosas mães judias, haviam sido circuncidados ".o oitavo dia depois do seu nascimento. E o batismo do Novo Testamento é chamado "a circuncisão de Cristo" (Col 2:11). Conclui-se, portanto, que haviam recebido o equivalente do batismo cristão, não para regenerá-los ou salvá-los, mas antes em sinal de que pertenciam ao povo de Deus e já estavam salvos, o que é admitido pelo próprio sr. T. R. T., e isso sem arrependimento e sem fé. Como pôde, então, afirmar, das crianças que não conhecem a Cristo, dessas crianças inconscientes do plano de salvação, que são diabinhos? A segunda parte da explicação do consultor batista está em contradição com a primeira. As crianças inconscientes, desconhecedoras de Cristo, não podem ser, a um tempo, filhos,do diabo e criaturas justificadas e salvas por Jesus.

O que nós afirmamos é que os pequeninos e inconscientes podem ser batizados em dadas circunstâncias, porque, embora, como diz o "Jornal Batista", sejam'incapazes de se arrependerem e crerem, Cristo lhes aplica a justificação. Tendo sido justificados e salvos, têm êlcs direito ao sinal exterior dessa preciosa realidade, visto como. por consenso geral, o batismo é o símbolo da regeneração. Não se pode negar o sinal visível a quem possui a graça invisível.

Nós também admitimos, de acordo com os nossos irmãos batistas, que as crianças crescidas, e não mais inconscientes do plano da salvação, não devem ser batizadas, sem dar provas convincentes de arrependimento e fé, mas, quando se trata de crianças inconscientes e incapazes de fé, podem ser batizadas, por se julgar que já são regeenradas. Se o sr. T. R. T. julga que as criancinhas inconscientes são justificadas e tegeneradas, por que lhes nega- o sinal visível dessa graça?

Quando tais criancinhas são filhos de crentes, é de se presumir que estejam no número dos eleitos, que sejam santas, herdeiras das promessas, ovelhas do rebanho de Cristo e membros do reino de Deus e, por isso, devem ser batizadas. Que diremos, entretanto, dos filhos dos incrédulos? Serão eles uns diabinhos? Veremos que nem mesmo estes devem ser assim chamados.

A Bíblia ensina que todos nós, sem discriminação alguma, pertencemos à raça decaída de Adão, somos pecadores e merecemos a condenação de Deus. Todos nascemos em estado pecaminoso (SI. 51:5), tendo herdado dos nossos país a tara do pecado. Os que não forem atingidos pela graça salvadora de Deus, continuarão espiritualmente moftos em seus delitos e pecados. Hã pessoas que, como os escribas e fariseus do tempo de Jesus, nunca chegarão a aceitar a salvação que lhes é oferecida gratuitamente. Nosso Senhor Jesus Cristo denunciou a esses pecadores rebeldes, impenitentes e endurecidos, como hipócritas, sepulcros branqueados e filhos do diabo. Jesus lhes disse que o pai deles era Satanás e que eles faziam as obras do seu pai, mas nunca usou de tais expressões com referência às crianças. As belas qualidades das crianças foram sempre exaltadas por Jesus.

Como regra geral, os filhos de pais crentes são filhos de Deus, predestinados para a salvação, antes do nascimento. E, em geral, os descrentes geram descrentes. A lei da geração é que cada criatura gera conforme a sua espécie. O imundo não pode gerar o puro (Jó 14:4). É aplicável neste caso o que diz o Salmo 58:3: — "AHenaram-se os iníquos desde o seu nascimento; apenas nascem, desencaminham-se, falando mentira". B altamente provável, embora não o possamos afirmar com certeza, que os filhos de incrédulos não façam parte dos escolhidos de Deus. Devido a essa probabilidade desfavorável, não devemos banzá-los. Devemos batizar somente as pessoas que julgamos regeneradas, quer sejam crianças, quer adultos. Quando batizamos um adulto, assim fazemos por julgar altamente provável que seja regenerado, mas não podemos ter certeza disso. No caso de filhos de crentes, há uma probabilidade toda favorável à sua inclusão no reino de Cristo, porque ele disse que dos tais é o seu reíno.

Resta-nos responder mais diretamente a esta pergunta: Se o impuro pode gerar somente o impuro e se os iníquos se desencaminham e se alienam de Deus desde o nascimento, não nos oferecem esses fatos justa margem para considerarmos os filhos dos incrédulos como diabinhos? Não, absolutamente não; pois até mesmo os incrédulos e seus filhos são beneficiados por Deus com graças que são comuns a toda a humanidade e que de maneira alguma são concedidas a Satanás e aos seus anjos. Os demónios não têm mais oportunidade de se arrepender, mas essa oportunidade é oferecida a todas as criaturas humanas ainda não regeneradas. Deus concede o que denominamos dotes naturais tanto aos filhos de incrédulos como aos filhos de crentes. E, às vezes, os filhos de incrédulos são mais bem dotados física e intelectualmente do que os filhos de crentes. E, não raro, os filhinhos de pais não crentes são bem mais bonitinhos e engraçadinhos do que os de pais crentes. Há uma graça comum que atinge a todos os homens, a qual não se deve confundir com a graça salvadora. Há pessoas não convertidas que se portam muito honrada e honestamente no seio da sociedade. Entre elas se praticam as virtudes da generosidade, do amor paterno e materno, da amizade fraternal, da integridade e da veracidade. A história registra alguns exemplos de homens de caráter elevado, entre os próprios pagãos, como Platão, Sócrates e Marco Aurélio. Eles tiveram os seus defeitos; mas porventura nós, os crentes, também não temos os 'lossos? Como se explica toda essa bondade de alguns incrédulos? É que Deus estende os seus favores a todos os homens. Faz descer as chuvas e brilhar o seu sol sobre justos e injustos (Mat. 5:45). Deus deu a todos os homens, indiscriminadamente, uma consciência e uma lei moral escrita em seus corações. (Rom. 2:14, 15). Deu também a todos um sentimento religioso, que os impele a buscar a Deus (Atos 17:25-27).

Os próprios incrédulos sabem apreciar o bem, o belo e o verdadeiro. As influências' do cristianismo se irradiam por toda parte e beneficiam a todos. A humanidade, sem exceção, é atingida pela bondade de Deus e êle nunca deixou de dar testemunho de si mesmo entre todas as gentes, fazendo o bem, e dando-lhes dos céus chuvas e estações frutíferas, alimen-tando-as e enchendo-lhes os corações de alegria (Atos 14:17).

Que vantagem, então, levarão os crentes sobre os que não crêem? Os crentes têm uma superioridade infinita sobre os que não crêem, porque estes são atingidos apenas peia graça comum a todos os homens, e os crentes são alvos de uma graça toda especial, que lhes confere a salvação eterna. Os crentes não são salvos por causa da sua bondade, mas porque Deus, na sua infinita sabedoria e insondável misericórdia, os agraciou com a salvação eterna, e isso apesar dos seus pecados, que os haviam tornado merecedores da perdição eterna. Deus não os agraciou, em virtude de quaisquer bondades ou dotes naturais que possuisem, mas antes porque foi do seu agrado compadecer-se deles. Está claro, pois, que nós, os crentes, não temos de que nos orgulhar ou de nos gloriar, senão da graça salvadora do nosso Deus. Diz a Escritura: "Pela graça é que sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós, é o dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef. 2:8, 9).

Voltemos a considerar o caso dos meninos bonitinhos, engraçadinhos e bonzinhos, que são filhos de pessoas não crentes. Devemos ficar contenres porque Deus não limitou as suas dádivas naturais somente aos filhos de crentes. Agradeçamos a Deus por ter dado a todos os filhos dos homens, sem discriminação, um senso moral e um espírito religioso. Em se tratando dos não regenerados, quer sejam adultos ou crianças capazes de compreender o evangelho, temos com eles muitos pontos de contacto, pois podemos apelar para os seus sentimentos de justiça, de honra e de dever e assim, quem sabe, ganhá-los para. Cristo. Todas as criancinhas têm o espírito susceptível, dócil, humilde e confiante, que Jesus nelas notou e enalteceu. E, por isso, o trabalho entre as criancinhas é mais compensador do que entre os adultos, elas mais facilmente entregarão os seus pequeninos corações a Jesus. Não são endurecidas como os mais velhos. Mesmo, quando não sejam ainda regeneradas, não estão destituídas dessa graça de Deus que se estende a todas as suas criaturas. Não devemos, portanto, tê-las na conta de diabinhos. O diabo e os seus demónios são completamente destituídos da graça de Deus e pertencem a uma categoria de seres não humanos bem diferente daquela em que devem ser classificadas as criancinhas.

Em algumas igrejas, nas quais se duvida da regeneração das criancinhas, ínventou-se uma cerimónia de dedicação das crianças, sem o batismo. Por que não preferir esse costume ao de banzar os pequeninos? Não devemos preferi-lo, porque o costume preconizado na Bíblia é mesmo o batismo. E como vamos dedicar a Deus, em cerimónia extra-bíblica, crianças consideradas súditos de Satanás? Não podemos dedicar *diabinhos* a Deus.

Capítulo VI - JESUS E OS MENINOS

Ás palavras de Jesus, registradas em S. Mateus 19:13-15, pronunciadas com referência às criancinhas, merecem o nosso cuidadoso estudo. "Então lhe trouxeram alguns meninos, para que lhes impusesse as mãos e orasse por eles; e os discípulos reprenderam aos que os trouxeram. Jesus, porém, disse: Deixai os meninos, e não os impeçais de virem a mim; porque dos tais é o reino dos céus. Depois de lhes impor as mãos, partiu dali".

Encontramos narrativas do mesmo incidente em Marcos 10:13-16 e Lucas 18:15-17. S. Lucas se refere às criancinhas trazidas a Jesus como *tà bréphe,* termo grego relativo a crianças pequeninas, e S. Marcos nos informa que Jesus as tomou em seus braços. Eram, portanto, pequeninas demais para podetem arrepender-se e ter fé. Às palavras registradas por S. Mateus, S. Lucas acrescenta ainda estas do divino Mestre: "Em verdade vos digo: Aquele que não receber o reino de Deus como um menino, de maneira alguma entrará nele".

Há pessoas que perguntam, com referência a estas passagens, porque Jesus não balizou essas criancinhas, se elas deviam ser admitidas como membros infantis da sua Igreja? A resposta é óbvia: Jesus não havia ainda instituído o batismo cristão. Esse rito, como também a santa ceia, começou a ser celebrado, somente no dia de Pentecostes, por ocasião do derramamento do Espírito Santo e da fundação da Igreja Cristã da Nova Dispen-sação. O único batismo que encontramos no Novo Testamento, antes do dia de Pentecostes, é o batismo de João Batista e esse não era o batismo cristão, como se prova pelo fato de Paulo ter mandado batizar, "em nome de Jesus", alguns crentes de Éfeso que já haviam recebido o batismo de João (Atos 19:5). Quando Jesus abençoou os meninos, ainda estava em vigor a circuncisão. Esses meninos tinham sido circuncidados, como fora o próprio Jesus, ao oitavo dia depois do nascimento. Já tinham recebida o sinal de iniciação na Igreja de Deus do seu tempo.

A interpretação'natural das palavras de Jesus, acima citadas, *è* que as crianças pertencem ao reino de Deus. Esse reino, também denominado *dos céus, é* a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, que tem o seu aspecto visível aqui no mundo e da qual êle é o único Chefe infalível. O eminente historiador batista Alberto Newman assim define a história' da Igreja: "E' a narrativa de tudo que se conhece da fundação e do desen-volvimento do reino de Cristo sobre a terra" ("A Manual of Church His* toty" Voí. I, página 4). Identifica-se, portanto, a Igreja com o reino de Cristo. Nesse particular concordamos com o Dr. Newman. Dizendo que as crianças são do seu reino, Jesus lhes deu um lugar dentro da sua Igreja. Pertencendo elas à Igreja, terão o direito ao batismo, que é o sinal visível da sua inclusão nessa instituição divina.

E, se alguém nos disser que a expressão *reino dos céus* se refere somente ao reino da glória, ou à Igreja invisível, responderemos que, se fôr assim, isso vem fortalecer o nosso argumento, pois a inclusão das crianças na Igreja invisível lhes dá o direito de serem recebidas na visível. Quem possui a realidade maior tem o direito ao símbolo menor. Consoante à interpretação natural das palavras de Jesus, as criancinhas per-tencem ao seu reino, e por isso mesmo, têm direito ao batismo, que é apenas o sinal e selo do seu privilégio. Os filhos de pais piedosos, como eram os meninos trazidos a Jesus, são membros infantis da Igreja de Cristo, e têm direito ao símbolo da sua inclusão nela.

Os que são contrários ao batismo infantil interpretam de modo diverso as palavras de Jesus a respeito das crianças. O doutor W. J. Mc-Glothlin, por exemplo, à página 131 do seu livro "Irifant Baptism", define o *reino de Deus, nos textos que se referem às crianças, não como o 'corpo dos salvos, mas o corpo de riquezas espirituais representadas por Jesus,* Êle acha que as crianças de quem Jesus falou são beneficiadas pela sua inclusão em um corpo de riquezas espirituais, mas não recebem par isso a graça da salvação. Assim esse doutor exclui as crianças do número dos salvos e julga que participam de *riquezas espirituais* oriundas de Jesas. Essa interpretação nos parece muito forçada e contrária ao verdadeiro sentido da expressão *reino dos céus,* como Jesus a empregou no capítulo 13 de S. Mateus e em outros passos do Novo Testamento.

- Um estudo das parábolas que se referem ao *reino de Deus ou ao reino dos céus,* que são expressões sinonimas, revelará o fato que essas parabolas se aplicam sempre aos salvos e aos não-salvbs. No "capítulo dezenove de S. Mateus, onde se registra o caso da bênção das crianças por Jesus, o divino Mestre fala da dificuldade que experimenta um rico para *entrar no reino dos cens.* O que *é entrar no reino dos céus,* senão ser salvo?

Examinando-se as parábolas do reino, como por exemplo, a do joio, a da rede, a da pérola de grande valor e a das bodas (Mat. 13:36-43 e 47-50 e 22:1-14), percebe-se logo que todas tratam da salvação de almas. Em Mateus 11:12 e Lucas 16:16, Jesus fala dos que se esforçam por entrar no reino dos céus. São os que buscam a salvação. O reino dos céus é, pois, a nossa arca de salvação. E Jesus afirmou que das crianças é o reino dos céus.

O Dr. Davis, no seu Dicionário da Bíblia, assim define o reino de Deus: "E' a Igreja invisível, toda a comunhão espiritual dos filhos de Deus, a verdadeira companhia de todos os fiéis. E' representada pela igreja organizada ou visível, mas é mais compreensiva e maior do que ela, em qualquer tempo ou em todos os tempos". Essa definição está de acordo com as Escrituras, que identificam o reino de Deus com o grémio dos salvos. O reino de Deus não é, pois, apenas *um corpo de riquezas espirituais,* mas é a sociedade de todos os salvos, na qual estão incluídos os pequeninos, de acordo com a palavra de Jesus: "dos tais é o reino dos céus".

Há uma outra interpretação de S. Mateus 19:13-15, além da do dr. McGlothlin, que também exclui as crianças da Igreja de Deus. A maior parte dos escritores contrários ao batismo infantil interpreta a expressão, *dos tais é o reino dos céus,* como uma referência aos que são apenas *semelhantes* às crianças. Conforme essa interpretação, o reino dos céus não é das crianças, mas .somente daqueles que lhes são semelhantes. Todavia, o sentido e o emprego da palavra grega *toioúton,* que se traduz *dos tais,* não justificam essa interpretação, como se pode verificar pelo estudo dos seguintes exemplos extraídos do livro *Scripture Baptism* do dr. Fairchild, às páginas 166 e 167:

S. João 4:23 — "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são tais *(toioútous)* os que o Pai procura como seus adoradores". Isso significa que êle procura essas mesmas pessoas para adorá-lo e não somente as que lhe são semelhantes.

Atos 22:22 — "Tira do mundo tal *{toioúton)* homem; pois não convém que êle viva". Está claro que a expressão *tal homem* se refere ao próprio S. Paulo e não a outra pessoa que lhe seja semelhante.

I Cor. 7:28 — Entretanto, se casares não pecaste; e se a Yirgem se casa, não pecou; para estes tais, *(toioutoí)* porém, haverá tribulação na carne". As tribulações são para os que se casam e não para aqueles que lhes são semelhantes.

I Cor. 5:11 — "Mas sendo assim, vos escrevi que não comuniqueis com alguém que se chama vosso irmão, se fôr êle fornícário, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bêbado, ou roubador; com esse tal *(toioúto)* nem sequer comais". É com o próprio indivíduo, descrito que não se

deve comer e não só com os que a êle se assemelham.

II Cor. 11:13 — "Pois tais *(totoutoi)* homens são falsos profetas". Os falsos profetas são muito especialmente os indivíduos descritos no versículo anterior e no contexto e não apenas os que lhes são semelhantes.

Acrescentamos apenas mais um exemplo aos textos citados pelo Dr. Fairchild. Em Rorn. 16:17, 18 íemos: "Agora rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que causam dissençÕes e escândalos contra a doutrina que aprendestes, e aparrai-vos deles; porque esses tais *(toioútoi)* não servem a Cristo Nosso Senhor, mas ao seu ventre; e com palavras doces e li-sonjas enganam os corações dos inocentes'. Este exemplo torna bem evidente que *esses tais* são as próprias pessoas cujo caráter S. Paulo descreve e que estão no meio dos crentes da Igreja de Roma, Desses perturbadores é que os crentes devem afastar-se e não apenas das pessoas que lhes são semelhantes.

Poderíamos citar muitas outras passagens que provam que o vocábulo *toioútos* se refere, primariamente, às próprias pessoas mencionadas e não às que lhes são semelhantes, mas as que aqui ficaram registradas são suficientes para ilustrar o ponto de vista que defendemos. Não negamos, todavia, que haja em muitos casos, uma referência secundária aos que são semelhantes às pessoas mencionadas, mas estas estão sempre incluídas na expressão.

Em vista do que fica acima exposto, concluímos que a referência *primária* das palavras de Jesus *dos tais é o reino dos céus,* é indubitavelmente aos próprios meninos mencionadas e não as pessoas adultas que lhes sejam semelhantes. O reino dos céus é das crianças e de todas as pessoas que lhes são semelhantes. É essa a interpretação natural das palavras de Jesus. As, outras interpretações sugeridas fazem -violência à linguagem empregada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

A única interpretação razoável das palavras *dè* Jesus em Mat. 19:13-15; Marcos 10:13-16 e Luc. 18:15:18 é que Jesus tinha as criancinhas na conta de súditos do seu reino celestial e membros infantis da sua Igreja. Sendo assim, essas criancinhas teriam direito ao batisnio que é, na Nova Dispensação, o sinal visível da sua inclusão no reino dos céus, que Jesus veio estabelecer no mundo.

Pelas palavras carinhosas que Jesus dirigiu aos pais crentes e piedosos do seu tempo, com referência aos seus filhinhos, os cristãos de hoje estão autorizados a ter os seus pequeninos, desde a sua mais tenra infância, na conta de remidos do Senhor, com direito ao batismo cristão, sinal c selo visível da sua redenção.

Capítulo VII - OS MENINOS NA ESCOLA DE JESUS

Quando, no estudo das Sagradas Escrituras, chegamos a formular uma doutrina deduzida corretamente de uma ou mais passagens, descobrimos com grande satisfação que todos os passos referentes ao mesmo assunto combinam de maneira maravilhosa com essa interpretação. Assim sucede com a doutrina do batismo infantil. Até mesmo as passagens que parecem, à primeira vista, contradizê-la, quando melhor estudadas, contribuem com novos e belos subsídios paia reforçá-la. É o que acontece com o último mandamento de Jesus aos seus discípulos. Por alguns esse mandamento tem sido interpretado como uma negação do direito que assiste aos meninos de receberem o batismo.

Dando Jesus aos discípulos as suas últimas instruções, disse-lhes: ' Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; instruindo-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado. Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo" (Mat. 28:19, 20).

A versão brasileira da Bíblia traduz muito corretamente *matheteúsate,* do original grego, por "fazei discípulos" e *didáskoníes* por "instruindo". O sentido do verbo *maiheteúo,* empregado transitivamente, é "fazer discípulos', "matricular alunos em uma escola" ou "arrolar aprendizes em um educandário". Ninguém negará que nas nações a serem "disdpupladas" havia crianças pequenas, capazes de aprender. Ousará alguém dizer que essas crianças não teriam direito de aprender na escola fundada por Jesus?

Tivemos ocasião de ver que a educação crista da criança começa desde o dia do seu nascimento. A mãe cristã é a primeira professora da criança na escola de Jesus. Deve encarar o filhinho como um alunozinho, que lhe foi confiado pelo grande Mestre, para que por ela seja educado, dentro da Igreja visível de Nosso Senhor Jesus Cristo. Desde o dia do aparecimento do filhinho no mundo, a mãe cristã, amável e carinhosa começa a acariciá-lo e a falar-lhe na doce linguagem do amor materno, logo compreendida pelo recém-nascido. A criança corresponde imediatamente aos afagos e carícias da mãe. Por outro lado, se a mãe for descarinhosa, irritadiça e ríspida, a pobre criança ficará contagiada pelo mesmo espírito. Queiramos ou não, a criança desde o seu nascimento está aprendendo na escola da vida. A formação de seu caráter depende dos mestres e do ambiente espiritual da escola. Se o espírito de Cristo predominar na vida doméstica, o pequeno aluno absorverá, com o próprio leite materno, as virtudes cristas exemplificadas na vida dos pais. É fato bem conhecido que uma agitação mental e nervosa da parte da mãe lactante se reflete em modificações do leite materno que, por sua vez, perturbam o estado físico e mental da criança amamentada. Quão zelosa, pois, deve ser a mãe no cultivo do seu próprio caráter cristão, para que possa transmitir ao filho boas qualidades e não contaminá-lo com maus hábitos. Grande e grave é a responsabilidade das mães na educação dos filhos. E não nos esqueçamos também das sérias obrigações que nesta mesma esfera cabem aos pais. Não devem eles deixar essa nobre tarefa ao encargo exclusivo das mães. A ambos, na família e na Igreja, compete o dever de obedecer ao último mandamento de Jesus; recebendo os pequeninos na escola do Amigo dos Meninos, e instruindo-os a observar tudo quanto êle tem mandado.

Nosso Senhor Jesus Cristo encara a sua Igreja como uma escola, quando manda fazer discípulos e ensiná-los a praticar o que êle mandou. As criancinhas, por menores que sejam, são capazes de ser ensinadas e de

aprender. Aprendem com muita presteza e vivacidade. Não há, portanto, nenhuma razão para excluí-las da escola de Jesus. Assim sendo, essas crianças têm o direito de matrícula na escola do seu bondoso Mestre, pela cerimónia do batismo com água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. "Matricuiai-as, batizai-as e ensinai-as", é a ordem do Mestre.

Mas alguém poderá objetar que toda essa argumentação é por inferência e não encontramos em todo o Novo Testamento nenhum mandamento positivo para se banzarem crianças. Todavia, quando as inferências são lógicas e bem alicerçadas nas Sagradas Escrituras, não há necessidade de um mandamento positivo. Não temos no Novo Testamento nenhum mandamento positivo que faculte às mulheres a participação na santa ceia e, no entanto, temos boas razões bíblicas para conceder-ihes este privilégio. O mesmo acontece com a guarda do domingo, que é o nosso sábado cristão. Se guardamos esse dia, é porque temos boas razoes bíblicas que justificam essa prática. Bastam-nos as boas razoes. Não necessitamos de um mandamento explícito.

No caso do batismo de crianças, não havia necessidade de um mandamento especial que ordenasse essa prática, pois os discípulos já sabiam que as criancinhas faziam parte do povo de Deus e eram incluídas na Igreja visível peio rito da circuncisão. Se as crianças tivessem de ser excluídas da Igreja de Deus, então sim, seria necessário que houvesse um mandamento positivo, privando-as desse privilégio. Não se encontra em todo o Novo Testamento nenhuma revogação ao direito dos meninos de pertencerem à Igreja de Deus. Está, portanto, em pé essa prerrogativa das crianças e, uma vez que pertencem à comunidade cristã, têm elas o direito ao sinal visível dessa regalia.

Ainda outra consideração valiosa, para a compreensão do último mandamento de Jesus, resulta dos costumes dos judeus do seu tempo, com referência à sua maneira de fazer discípulos e receber prosélitos de outras nações. O fato é que recebiam esses prosélitos juntamente com os filhos, circuncidando-os, batizando-os e exigindo deles uma oferta pacífica. Se os judeus assim recebiam prosélitos na sua Igreja, e se uma parte dessa cerimonia consistia em batizar os filhos dos prosélitos, seria muito natural que os apóstolos compreendessem o mandamento de Jesus para "fazer discípulos, batizando-os", de modo a incluir os filhos dos que tinham sido feitos discípulos.

Os conhecimentos a respeito do batismo de crianças — filhos de prosemos — e de outros meninos, entre os judeus, merecem maior divul-gaç?.-: e por isso passamos a citar alguns trechos do livro clássico sobre "A História do Batismo Infantil", do ilustre dr. William Wall, vigário de Shoreham, em Kent, na Inglaterra, de 1675 a 1727. As citações são feitas da Introdução aa primeiro volume da sua obra, repleta de erudição.

"Assim diz o Talmud Tract. Repud.:

Israel não entra Ho concerto senão por estas três cousas: pela circuncisão, pelo batismo e pela oferta pacífica: s os prosélitos, da mesma ma-neira.

E ainda mais, *ad Tit. Cherithoth, c. II:*

Como sois vós, assim será o estrangeiro. Como sois vós, isto é, como foi feito a vossos pais. É que é o que lhes foi feito? Vossos pais não entraram no concerto senão pela circuncisão e pelo batismo, e pela aspersão de sangue" (Hist. do Batismo Infantil de William Wall, Vol. L, pág. 6).

Na falta do pai, ou dos pais, o tribunal ou tréVpessoas idóneas podiam apresentar a criança para ser batizada como prosélito. Segue outra citação de Wall:

"Afirma ainda a Gemara:

Êles têm o costume de balizar esse prosélito na infância baseando-se na profissão da Casa do Julgamento (o Tribunal). Porque tsso é para o seu bem.

""Com referência à idade da criança a ser batizada, tinham a seguinte regra:

Qualquer filho de um prosélito que tivesse menos de treze anos e um dia de idade e quaisquer filhas que tivessem menos de doze anos e um dia de idade, êles os batizavam como menores, a pedido do paí e com o

seu consentimento, ou sob a autoridade do Tribunal, porque não eram ainda *filhos do assentimento,* como costumavam denominá-los, visto não serem capazes de dar o seu próprio assentimento: *mas era para o seu bem.* Se tivesse idade superior àquela acima estipulada, davam o seu próprio assentimento" (Wall, vol. I, pág. 8).

Ainda outras informações preciosas são dadas pelo dr. William Wall, seguidas da sua argumenração sobre a interpretação de Mateus 28:19. Citamos essa parte, na íntegra, por nos parecer muito bem fundamentada.

"É claramente provado e aceito por todos os eruditos acima mencionados, e por muitos outros, ter sido costume dos judeus, quando encontravam crianças expostas pelos pagãos nos campos, nas matas ou nas estradas, levá-las para casa e batizá-Ias com o intuito de criá-las na sua religião. BatÍ2avam-nas na infância e tinham-nas na conta de prosélitos. Assiiu diz: *Maimonides, Halach Aibdim. c. VIII:*

Um israelita que toma uma criancinha paga ***e*** *a batiza como prosélito: eis que ê prosélito.*

"Quando se batizava uma criança nessas circunstâncias, era costume daquele que adorava a criança determinar se seria escravo ou livre: e era batizada como escravo ou livre, de acordo com a resolução tomada a seu respeito. E foi por isso que o rabino -Ezequias registrou a seguinte regra no seu *Hierofol, Jevamotk, foi.* 8, 4:

Se alguém achar uma criança abandonada e a batizar como servo: deverá também circuncidá-la como servo. Todavia, se batizá-la como livre, ***deverá*** *também circundidá-la como livre.*

"Casos como esses eram muito frequentes. Os judeus não sòmentt recebiam muitos prosélitos dos gentios, mas também era seu costume trazer das guerras os filhos dos vencidos para fazer deles escravos ou, no caso de se a^r:-c!::rem deles, adotá-Ios como filhos. E era coisa comum os pagãos abandonarem os filhos nas estradas, quando não queriam ter o trabalho ou a despesa de criá-los.

A esse respeito afirma o dr. Lightfoot: *O batismo de crianças era coisa tão bem conhecida na Igreja dos judeus, como tem sido na Igreja cristã* (Hor. Hebr. sobre Mat. 3:6),

"Isso que acabamos de expor lança intensa luz sobre o sentido do mandamento de Jesus aos discípulos: *Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as.* Porque, quando uma ordem é dada em tão poucas palavras e não há nenhuma instrução expressa sobre o que se há de fazer dos filhos dos que se tornam prosélitos, a interpretação natura! e óbvia é que, nesse particular, deveriam seguir a çraxe da Igreja a que pertenciam.

"Se acontecesse em nossos dias descobrir-se uma ilha, ou um país habitado por pagãos, e se a Igreja Anglicana desse ordens a um dos seus missionários dizendo-lhe: *Ide, convertei essas gentes, batizai-as,* o missionário estaria ciente, sem receber outras instruções, de que deveria batizar os filhinhos dos convertidos, porque saberia ser essa a prática da Igreja e dos bispos que o comissionaram.

"Por outro lado, se alguém fosse enviado por uma Igreja ou uma congregação antipedobatista, com a mesma ordem: *Ide, convertei essas gentes, batizando-as,* o missionário tomaria por certo que não deveria batizar as crianças, porque saberia ser isso contrário à prática da Igreja que o comissionara.

"Dess arte, sendo os apóstolos enviados às nações pagãs, sem outra ordem a não ser esta: *Ide e fazei discípulos (prosélitos) de todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo,* como deveriam entender essa ordem, quando se tratasse das crianças, a não ser que seria do seu dever fazer como se fazia na Igreja da qual eram membros, tanto êles como o seu Mestre? Em vista da sua obrigação de fazer prosélitos nas nações pagãs, como poderiam alterar, sem uma ordem expressa, qualquer costume referente à recepção dos prosélitos das nações? Fazer discípulos para Cristo é o mesmo que fazer prosélitos para o cristianismo: e é provável que no texto hebraico de S. Mateus tenha sido empregada a mesma palavra. Sabemos que na habitual expressão dos judeus, as crianças eram denominadas prosélitos ou discípulos. E eu mostrarei que Justino Mártir, um dos mais antigos escritores cristãos, assim as designava também.

"Se fosse da intenção de nosso Salvador que os discípulos fizessem qualquer alteração na prática vigente e que não batizassem as crianças, é de se admirar que nada dissesse a esse respeito.

"Os antipedobatistas têm como regra infalível o seguinte: visto como nosso Salvador não disse (ou pelo mesmo S. Mateus não afirma que dissesse) *batizai também as crianças,* sua intenção devia ser que não fossem batizadas.

"Os antipedobatistas, no entanto, deveriam fazer o seguinte raciocínio: suponha-se que nosso Salvador tivesse dito aos discípulos: *Ide e fazei discípulos de todas as nações* e tivesse acrescentado, *ckcuncidando-as,* em vez de, *batizando-as.* Forçoso seria concluir que os discípulos, sem mais palavras, deveriam circuncidar os meninos dessas nações, tanto como os adultos, embora não se tivesse feito menção dos meninos no mandamento. Já se vê que a regra dos antipedobatistas não tem as prerrogativas da infalibilidade.

"E por que deveriam as crianças ser circuncidadas, no caso de ter sido dado um mandamento para circuncidar as nações, mesmo quando os meninos não tivessem sido mencionados? A razão é esta: os apóstolos sabiam que era costume circuncidar os meninos. Sendo, pois, certo que era costume estabelecido batizar as crianças dos que eram feitos prosélitos o mesmo raciocínio deveria levar os antipedobatistas a idêntica interpretação com referência ao batismo de crianças.

"Se tivesse sido ordenada a circuncisão, os apóstolos teriam de circuncidar primeiramente os adultos das nações, na idade em que os encontrarem; mas também teriam de circuncidar os meninos, cujos pais ou tutores se responsabilizassem pela sua educação religiosa. Acontece o mesmo com o batismo; deveriam batizar os adultos na idade que tivessem atingido e estariam igualmente na obrigação de batizar, ou mandar batizar, as crianças; porque, de acordo com a praxe aceita pela sua nação, todos os que pudessem ser batizados na infância e tivessem quem por eles se responsabilizasse deveriam ser batizados nessa idade".

"Embora o testemunho quanto ao batismo dos filhos de prosélitos tenha sido extraído dos escritos dos judeus, ao passo que o depoimento sobre a circuncisão de crianças seja das próprias Escrituras do Velho Testamento, e não obstante a falibilidade dos judeus em interpretar o sentido e a razão de ser da lei, isso de modo algum invalida o seu testemunho em uma questão-de fato, como é o seu costume de batizar crianças. São testemunhas fidedignas do que entre eles se praticava.

"A distinção que os judeus faziam entre os seus e os gentios, sendo o batismo administrado somente aos prosélitos e aos seus filhos, não afeta a questão debatida entre os cristãos pedobatistas e antipedobatistas; porque, com referência à religião cristã, tanto judeus como gentios têm a mesma necessidade de se tornarem prosélitos e de serem batizados. O Evangelho inclui a todos debaixo do pecado, e S. Paulo, falando desta mesma questão do batismo, afirma que *não há nem judeu e nem grego* (Gal 3:27, 28), isto é, não há mais distinção entre eles.

"Os próprios judeus parecem ter entendido que, quando Jesus viesse, a sua nação precisaria de ser batizada tanto como as outras, e por esse motivo perguntaram a João, quando batizava os judeus, *-por que batizas, então, se não és o Cristo, nem Elias e nem o Profeta?* (João 1:25). Com isso deram a entender que, se êle fosse o Cristo ou Elias, não se admirariam de vê-lo batizando os judeus".

Pelo testemunho de Justino Mártir pode-se provar que, na era apostólica, *faziam-se discípulos,* das crianças, visto como, na sua Primeira Apologia a Antonino Pio. escrita cerca do ano 150, afirma o seguinte, em defesa da pureza de vida dos cristãos: "Muitos entre nós, homens e mulheres de sessenta e setenta anos de idade, feitos discípulos para Cristo desde crianças *(ék paídon ématheteúthesan to Xristô),* permanecem puros". Jesus mandou que se fizessem discípulos e que fossem batizados; logo, as crianças feitas discípulos deviam ser igualmente batizadas e isso se torna ainda mais evidente, quando nos lembramos, como provou o dr. "William Wall, que já no tempo de Cristo os judeus tinham o costume de batizar aqueles que eram feitos prosélitos, inclusive as crianças. Os apóstolos não podiam entender de outro modo o mandamento de Jesus, uma vez que já era de praxe batizar as crianças que fossem feitas discípulos na Igre-do seu tempo. Não poderiam alterar esse costume, sem uma ordem expressa do Mestre.

Várias autoridades judaicas, citadas pelo dr. William Wall, na pág. 5 da Introdução à sua "História do Batismo Infantil", concordam em afirmar que os judeus, na qualidade de povo escolhido, julgavam-se já purificados e batizados *em Moisés,* por ocasião da aliança que fizeram com Deus ao pé do monte Sinai. "Eles se fundamentavam na ordem dada por Deus, por intermédio de Moisés: "Santifica-os hoje e amanhã. Lavem os seus vestidos'. (Exod. 19:10). Essa ordem para lavar os vestidos, entre os judeus, importava em uma completa purificação cerimonial, na qual lavavam não somente as vestes mas também o corpo. Essa

purificação de Êxodo 19:10 era tida por eles como um batismo nacional *em Moisés*. Julgavam que para si e para os filhos não havia necessidade de outro batismo. Eis, pois, a razão por que balizaram os prosélitos e seus filhos menores, mas não os próprios filhos, Para os prosélitos o batismo era julgado necessário, visto como não tinham participado do batismo *em Moisés* de Êxodo 19:10. Desse modo os judeus, do tempo de Cristo, explicavam a razão de ser do batismo de prosélitos. Trata-se, neste caso, de uma tradição judaica e não de um preceito bíblico e, no entanto, o fato de os judeus balizarem os seus prosélitos não padece a menor dúvida.

O que acabamos de sustentar é confirmado pelo ilustre historiador batista, dr. Albert Henry Newman, quando se refere à recepção de prosélitos na Igreja judaica: "Eram admitidos a todos os privilégios da teocracia, logo após a circuncisão, o batismo e um sacrifício. Que se praticasse o batismo de prosélitos, antes do começo da era cristã, tem sido contestado por alguns, mas sem razão suficiente. Todavia, alguns que têm negado a antiguidade do batismo de prosélitos admitem que se exigia do prosélito um banho purífkatório, depois da circuncisão e antes da sua plena aceitação como judeu; mas a distinção entre o banho cerimonial e o batismo é injustificável, visto como a palavra hebraica empregada com referência às duas cerimónias é a mesma" (A Manual of Church History", vol. I, págs. 58, 59. O que o dr. Newman deixou de dizer é que os filhinhos de prosélitos eram batizados juntamente com os pais, mas isso também é verdade.

Ao dar o seu último mandamento, Nosso Senhor Jesus Cristo instituiu um novo batismo, o batismo cristão, sinal e selo da regeneração do pecador pelo poder do Espírito Santo. Não era o batismo de arrependimento, de João Batista, preparatório para a vinda de Cristo, como se depreende de Atos 19:1-5; não era o batismo de prosélitos do judaísmo, pois Jesus iniciava uma nova fase universal na história da Igreja de Deus; nem era tão pouco um dos vários batismos de Hebreus 9:10, símbolos da Velha Dispensaçãb que desaparecia. O batismo de prosélitos os admitia à Igreja judaica, que devia ser absorvida pela Igreja Cristã. Eles eram batizados *em Moisés,* como foram também os israelitas por ocasião da travessia do Mar Vermelho (I Cor. 10:2), mas nós, os cristãos, somos batizados *em nome do Senhor Jesus* (Mat. 28:19; Atos 8:16; 10:48 e 19:5). É esse o único batismo que tem o direito de ser chamado batismo cristão.

O modo do batismo de prosélitos era a tríplice imersão e alguém poderá muito naturalmente ver nisso um argumento a favor da tríplice imersão no batismo cristão. E, de fato, se não tivéssemos outros meios de saber qual foi o modo do batismo cristão, seria um argumento bem forte. A despeito disso, o argumento não procede, quando nos lembramos de que bem cedo, na história da Igreja primitiva, houve deturpações gravíssimas no modo de administrar os sacramentos.

A celebração da santa ceia, ainda na era apostólica, foi seriamente deturpada pela Igreja de Corinto, como se vê pela leitura do capítulo onze da primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios, em que o Apóstolo condena severamente vários e graves abusos surgidos nessa Igreja com referência ao sacramento da Eucaristia.

Por semelhante modo, houve deturpação na maneira de batizar os cristãos. Como prova disso, citamos mais um trecho de William Wall:

"1. Quando batizavam alguém, fosse criança ou adulto, julgavam não ser suficiente metê-lo uma só vez dentro da água, mas, enquanto ali se achava, metiamdhe a cabeça por três vezes debaixo da água; de modo que o corpo ficava completamente imerso por três vezes distintas. Este era o costume, exceto no caso das pessoas doentes, fracas, *etc,* como tive ocasião de mostrar nos parágrafos 2 e 4 do vol. II, cap. *9-*

"2. Quando saía da água, davam-lhe, para beber, um pouco de leite misturado com mel.

"3. Ungiam-no com unguento precioso" (Hist. of Infant Baptism, vol. I, pág. 18).

No seu segundo volume, William Walí prova, ainda mais, que os batismos da Igreja post-apostólica eram acompanhados de outras deturpações: os que deviam ser admitidos na Igreja eram batizados completamente nus, assinalavam-se as testas dos batizandos com o sinal da cruz, un-giam-nos com óleo antes e depois do batismo com água, vestiam-nos com vestes alvas e o bispo lhes impunha as mãos.

Nenhuma dessas exigências pertencia ao batismo cristão. O dr. William Wall acha que os cristãos primitivos teriam sido ingénuos demais para inventar todas essas desfigurações do batismo cristão. Julga provável que

tudo isso se fazia em imitação do batismo de prosélitos. Algumas seitas heréticas tinham os mesmos costumes. Citemos o parecer de William Wall:

"Os primeiros cristãos eram ingénuos demais para inventar essas coisas. E, no entanto, eram geralmente usadas. Os livros do segundo século se referem a elas como coisas de uso antiquíssimo, e das quais não conheciam a origem. Os heréticos desse tempo usavam-nas, como demonstro no vol II, cap. *9, § 6 it.* 8. De modo que o seu começo devia ser de uma instituição universal. Provavelmente essas inovações tenham vindo de semelhantes usos e costumes empregados pelos judeus no seu batismo de prosélitos" (Hist. of Infant Baptism, vol. I, pág. 18). Parece-nos bem patente que os usos e costumes dos judeus, que se desviaram da simplicidade e do espírito evangélico não teriam sido imitados pelos apóstolos.

A santa ceia e o batismo cristão deviam ter sido celebrados com simplicidade-evangélica. Na ceia do Senhor ficaram somente o pão e o vinho, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, desaparecendo da festa pascal, as hervas amargas, os pães ázimos e o sacrifício de um cordeiro. No batismo cristão encontramos a mesma singeleza. O rito complicado e doloroso da circuncisão foi substituído por um simples lavar com água que significa a "lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo que ele derramou sobre nós abundantemente por Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados pela sua graça, fôssemos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna" (Tito 3:5-7). Tendo sído derramado o Espírito Santo, é natural que seja também derramada a água simbólica da sua obra regeneradora.

Em nosso primeiro livro de "Estudos bíblicos sobre o batismo", tivemos ocasião de apresentar as provas neotestamentárias da afusão ou aspersão, como o modo do batismo cristão. Demonstramos que não há um caso provado de imersão no Novo Testamento e que há vários casos em que os batismos não poderiam ter sido por imersão. Um caso concludente é o de Paulo, a quem Ananias mandou que se levantasse para ser batízado (Atos 22:16) e êle, levamando-se, foi batizado (Atos 9:18). Con-clui-se que Paulo foi batizado em pé. Isso está de acordo com o espírito e simplicidade do evangelho; um singelo derramar de água, sem aparatos, sem vestes especiais, e sem construções dispendiosas de tanques. Assim devia ter sido o batismo apostólico cristão.

Temos feito uma digressão um tanto longa sobre *o modo* do batismo, para mostrar que a tríplice imersão do proselitismo judaico não nos serve de modelo para o batismo cristão e para demonstrar que *o modo* desse batismo em nada afeta a solidez da nossa argumentação". Para nós, tanto a imersão como a afusão são modos válidos de batizar. Quanto à sua validez, o modo é indiferente. O que nos interessa especialmente, para a nossa argumentação, é o fato incontestável de os judeus terem batizado crianças com o objetivo de fazerem delas prosélitos, quer fossem filhos de prosélitos, quer fossem crianças que houvessem tomado para criar. À luz desse costume dos judeus, tendo os discípulos recebido de Jesus um mandamento para fazerem discípulos ou prosélitos e batízá-los, haviam muito naturalmente de seguir a praxe do seu tempo, balizando as criancinhas. *O modo* de se administrar esse batismo seria questão secundária, resolvida à luz do ritual dos vários batismos do Velho Testamento ou de acordo com o exemplo que lhes oferecia S. João Batista.

De acordo com o ensino de Nosso Senhor Jesus Cristo, a sua Igreja é uma escola e rem como dever ensinar as nações a observar tudo quanto êle mandou. Para que a Igreja possa cumprir essa missão é preciso que consiga alunos para a Escola de Jesus, matriculando-os pelo batismo. As crianças constituem a parte que mais interessa nessa Escola. Acham-se na melhor idade para aprender, pois, dever da Igreja ensiná-las, enquanto estão em tenra idade e conservam a disposição impressionável própria desse período.

O ensino dos membros infantis da Igreja começa, como tivemos ensejo de mostrar, no lar crisrão, e continua na escola dominical, nas escolas bíblicas de férias, nas sociedades juvenis, nas escolas evangélicas diárias e nos cultos públicos da Igreja. Os mestres responsáveis por esse ensino valiosíssimo são os pais, os professores das escolas dominicais, de escolas bíblicas de férias e de escolas diárias, os pastores e, enfim, todos os membros professos da Igreja, que devem servir de modelo e exemplo para a imitação dos alunos. *Todos* têm o privilégio e a grave obrigação de cooperar na educação eficaz dos alunos da Escola de Jesus.

É mister que se intensifique o ensino de tudo quanto Jesus ordenou que se fizesse para o bem da humanidade. É mister que melhoremos a qualidade desse ensino, tornando-o mais interessante e mais edificante para os aíunozinhos do Grande Mestre. A grande necessidade dos nossos dias é de homens e mulheres de caráter realmente cristão. Precisamos, de cristãos genuínos, bem preparados para dar a

verdadeira solução aos graves problemas da atualidade. E onde formaremos os caracteres desses cristãos puros e eficientes, a não ser na Escola de Jesus, onde hoje aprendem os meninos que serão os homens do futuro?

Capítulo VIII - A FÉ E O BATISMO INFANTIL

O principal argumento dos antipedobaústas contra o batismo infantil é o seguinte: a criança não tem fé em Cristo que a possa salvar, e, portanto, não deve ser batizada. Para comprovar o argumento, citam passagens das Escrituras que mostram a necessidade de fé pessoal para a salvação, e muito especialmente Marcos 6:15, 16: "Ide por todo o mundo c pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado".

1.° Era primeiro lugar, deve-se ponderar que há regeneração e salvação sem a fé, no caso de criancinhas que morrem na infância, como admitem os próprios batistas. Se a regeneração,, é possível sem a fé, deve também ser possível o batismo sem a fé, visto como o batismo é, conforme admitimos, apenas ura símbolo da regeneração.

O último mandamento de Jesus, registrado em S. Marcos, nada prova contra o batismo de criancinhas, porque, se esse passo lhes veda *u* batismo, por idêntica razão lhes negaria, também, a salvação. O aludido texto afirma: "O que crer e for batizado será salvo, mas o que não crer será condenado". A criancinha não crê, logo, será condenada, conforme o raciocínio antipedobatista. Fica, pois, reduzida a absurdo a interpretação antipedobatista de Marcos 16:15, 16.

Admitimos que a fé em Cristo deva preceder ao batismo de adultos capazes de crer. Jesus mandou que os seus discípulos pregassem o Evangelho a pessoas que estivessem em condições de ouví-lo e aceitá-lo. Se essas pessoas, depois de ouvir e compreender o Evangelho, continuassem na incredulidade, seriam condenadas. O texto nada afirma com referência às criancinhas ou a outras classes de pessoas incapazes de ouvir ou entender o Evangelho. As pregações são feitas a pessoas capazes de crer ou descrer. Nesse número não estão as criancinhas. Podemos, portanto, afirmar que o citado texto não tem importai, cia alguma para a questão do batismo infantil. Nada prova contra ou a favor desse rito.

Para demonstrar a não procedência do argumento antipedobatista, o grande Calvino alude a passagem análoga àquela de Marcos 16:15, 16, onde o apóstolo Paulo estabelece preceito em termos gerais e que, no entanto, não é aplicável às criancinhas. O preceito é: "Se alguém não quer trabalhar, não coma também" (II Tessal. 3:10). Seria grande absurdo deixar de dar de comer às criancinhas, por causa desse mandamento de Paulo, igualmente absurdo seria deixar de batízar as criancinhas, apenas porque para o batismo de adultos se exige a fé.

Quando as Escrituras exigem fé, exigem-na de pessoas capazes de exercê-la e não de criancinhas.

Está claro, portanto, que passagem como. a seguinte, não atinge às criancinhas, e não tem para elas importância alguma: "Mas nem todos deram ouvidos ao Evangelho. Pois Isaías disse: Senhor, quem creu a nossa mensagem? Logo, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir vem pela palavra de Cristo" {Romanos 10:16, 17). E quem se lembraria de ver qualquer referência que excluísse as crianças, da salvação, neste versículo: "Quem nele crê, não é julgado; o que não crê, já está julgado, porque não crê no nome do Filho Unigénito de Deus"? Se passagens como essas excluíssem as crianças da salvação, também as excluiriam do sinal dessa salvação que é o batismo. No entanto, como não as excluem do privilégio maior também não as excluem do menor.

Afinal de contas, precisamos saber se o batismo é o sinal visível de fc ou de regeneração? Será a fé indispensável para o batismo cr.stão? Mantemos não ser indispensável, pois a regeneração sempre precede à fé c contem em si, germinadamente, todas as graças salvadoras, inclusive a mesma fé. A fé é atitude do homem, que aceita a salvação, mas a regeneração é obra do Espírito Santo em nossos corações, o qual lhes aplica as bênçãos da redenção adquiridas por Jesus Cristo pela sua vida e sua morte na cruz do Calvário. Sem essa obra divina em nossos corações, a fé humana seria impossível. É a graça de Deus em nossos corações que nos habilita a exercer a fé humana.

O que devemos enaltecer e celebrar no batismo não é a nossa fé humana, mas, antes, a graça salvadora do nosso Deus, manifestada em nossa regeneração. No coração da criancinha regenerada (os batistas admitem a possibilidade dessa regeneração, no caso das criancinhas que morrem) estão, germinalmente, todas as bênçãos da redenção,- inclusive a fé em Cristo. Quando essa criança cresce e ouve falar em Jesus, abre logo a Ele o seu coração, espontaneamente, e o aceita e o ama como o seu Salvador, com a mesma naturalidade com que ama aos próprios pais. A sua fé importa em reconhecimento do fato da regeneração já existente no seu coração. A sua fé *é* o produto da sua regeneração, como devia ter sido no caso de Samuel, de João Batista e de tantos, outros filhos de crentes piedosos. Assim como o tronco, os galhos, as folhas, as flores e os frutos da árvore estão, germinalmente, presentes na sementinha, assim, também, estão presentes todas as bênçãos da redenção na regeneração do coração humano pelo poder do Espírito Santo. O batismo representa essa regeneração e as crianças, sendo beneficiárias das influências do Espírito de Deus, são regeneradas e têm direito ao sinal visível dessa graça invisível. A fé humana será consequência secundária, muito secundária, da obra regeneradora do Espírito Santo.

Há tendência, em certos meios evangélicos, para exaltar a fé humana ao ponto de torná-la mérito para a salvação. Contrastam-se as penitências e as boas obras do homem, consideradas meritórias para a salvação pela Igreja Romana, com a fé professada pelos verdadeiros crentes evangélicos. Afirma-se, muito acertadamente, a doutrina da justificação unicamente peía fé em Jesus Cristo, doutrina essa que foi valentemente defendida pelo grande reformador Lutero. Essa doutrina é eminentemente paulina, e, no entanto, é possível exaltar a fé humana ao ponto exagerado de considerá-la merecimento nosso que nos salva, e confiar nela para nos justificar diante de Deus, ficando desse modo esquecidos os infinitamente mais valiosos merecimentos de Cristo, que são a única base meritória da nossa salvação.

A exaltação exagerada da fé humana pode também obscurecer ou mesmo substituir, no pensamento de alguns evangélicos, a obra regeneradora do Espírito Santo. O eminente escritor batista, dr. Alberto Newman, na sua História Eclesiástica, se refere, frequentemente, ao "faith baptism' ou "batismo da fé", como se a fé fosse o elemento essencial representado no batismo cristão. Aliás, a obra divina, simbolizada no batismo, é sempre infinitamente superior à fé humana. Nós não adquirimos mérito algum *nosso* quando aceitamos a salvação pela fé; antes, recebemos de Deus presente de valor infinito. Haverá grande mérito em estender a mão da fé para receber esse valioso presente? Eis os motivos por que devemos colocar a obra da graça de Deus muito acima da fé professada pelos homens. O batismo celebra, enaltece e proclama a obra da livre graça de Deus e não tanto a fé humana, que é, apenas, uma das várias consequências benéficas da graça de Deus no coração do crente.

Do que acabamos de expor, torna-se patente que o batismo simboliza a regeneração; essa graça infinita que Deus concede tanto às crianças, como aos adultos. Conclui-se, pois, que tanto uns como outros devem ser batizados, sempre que forem julgados, ou se julguem regenerados. Julgamos que os filhos de crentes são regenerados, em virtude do pacto que Deus fèz com os seus pais, e julgamos os adultos regenerados, pela sua própria profissão de fc. Nem no primeiro caso, nem no segundo, podemos ter plena certeza da regeneração dos batizandos, visto como nem sempre podemos julgar acertadamente da sinceridade da fé confessada pelos pais das criancinhas batizadas, nem da pureza da profissão de fé dos adultos que pedem o batismo. Tanto num como em outro caso, temos de agir de acordo com as probabilidades aparentes aos juízos humanos. O ideal de uma igreja visível composta somente de regenerados não é realizável neste mundo.

Os nossos irmãos batistas acham que o batismo infantil importa em violação da liberdade individual da criança e é por isso atentado contra a liberdade de consciência. Permitamos que faiem por si mesmos a respeito dessa suposta violação da liberdade pessoal. Extraímos os seguintes trechos do "Jornal Batista" de 20 de Setembro de 1945, que transcreve na primeira página um artigo da "Revista Evangélica", em que se explica porque os batistas não são protestantes.

"Os batistas não são protestantes e nunca o foram...".

"Entre o Novo Testamento e o protestantismo está o batismo infantil, o sacramentalismo e a hierarquia episcopal ou eclesiástica. Enquanto o protestantismo não destruir essas características do Paganismo Romano, os crentes protestantes não poderão ter comunhão doutrinária verdadeira com o Novo Testamento."

"Batizar criança é impor-Ihe religião e deveres eclesiásticos sem o consentimento prévio da sua consciência livre".

"O protestantismo não pode falar com justiça da liberdade de consciência nem da responsabilidade pessoal, pois com o seu batismo infantil, seu sacramentalismo e com a sua hierarquia, êle mesmo está escravizando as consciências criadas livres e responsáveis".

O que nos interessa, no momento, é o que se refere ao batismo infantil. O resto pode ficar para ocasião oportuna. Será o batismo infantil violação da liberdade de consciência? Respondemos que não é, pelos seguintes motivos:

As criancinhas não têm idade suficiente para fazer as suas próprias escolhas e para exercer qualquer liberdade de consciência. Os pais são os seus legítimos representantes e decidem por elas o que elas não podem decidir por si mesmas. Decidem sobre os nomes que devem tomar, sobre o seu alimento e vestuário, sobre as escolas que devem frequentar e sobre todo o regime da sua vida infantil. Que pensaríamos de pais que deixassem as criancinhas à mercê do tempo, sem comida, sem vestuário, sem abrigo, e sem cuidado algum, alegando que, em tratar destas coisas, poderiam estar tolhendo a liberdade pessoal dos filhinhos? Se decidirmos todos esses pormenores da vida dos nossos filhos, por que não deveremos orientá-los naquilo que é de suprema importância para a sua felicidade aqui neste mundo e para a salvação das suas almas imortais? Se amamos os nossos filhinhos, devemos decidir por eles qual a religião que devem seguir. Devemos decidir como Josué: "Eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24:15). Isso não é tolher a liberdade dos nossos filhos, porque, mesmo que tenham sido educados e batizados na religião de Deus, quando chegarem à idade própria de fazer as suas próprias escolhas, poderão decidir livremente por outra religião, se isso lhes convier; porém as criancinhas bem educadas no temor de Deus e bera ajuizadas compreenderão que os pais fizeram por elas sábia escolha e voluntariamente resolverão confirmar a feliz decisão dos pais.

2.° A analogia que existe entre o batismo infantil e o registro civil do nascimento dos nossos filhos em cartório demonstra não ser o batismo de crianças violação de sua liberdade. A criança que nasce no Brasil, filha de pais brasileiros, é tida como brasileira, e, em virtude desse fato, os pais a registram em cartório como brasileira. Os pais, com isso, não violam a liberdade da criança. Não pensam em deixar a determinação da sua nacionalidade para a sua livre escolha aos dezoito anos.

Semelhantemente, a criança que nasce de pais cristãos, em lar cristão, é tida como membro da família de Deus, e é registrada como membro infantil da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo rito do batismo. Tanto no caso do registro civil como no registro religioso da criança, como membro do reino dos céus ("Dos tais é o reino dos céus"), há o reconhecimento de um fato. E, tanto em um caso como no outro, a criança poderá no futuro repudiar o que os pais por ela fizeram. O moço brasileiro, tendo chegado à idade da emancipação, poderá concebivelmente, renunciar os direitos de cidadão brasileiro e naturalizar-se cidadão de outro país qualquer. Estando emancipado, é livre para fazer a sua própria escolha, mas em regra geral confirmará o que os pais por éle fizeram, aceitando, livremente, todos os privilégios e todas as responsabilidades de cidadão brasileiro. Por semelhante modo, um moço educado na religião cristã poderá, concebivelmente, renunciar à religião dos pais e tornar-se' adepto de outra religião qualquer, ou mesmo ateu, mas isso, certamente, não se dará, se ele tiver sido educado cristãmente pelos pais: "Educa a criança no caminho em que deve andar e ainda quando for velho, não se desviará dele" (Prov. 22:6). Está perfeitamente claro que não há violação da 'liberdade, nem no caso do registro civil, nem no caso do registro religioso. Quando o indivíduo chegar à idade de poder resolver os 5eus próprios problemas, fará a escolha que bem entpnder.

3.° Os que encaram o batismo infantil como violação da liberdade da criança perdem de vista o fato de que o batismo representa privilégio e grande bênção conferida por Deus aos filhos de país crentes e não um jugo irritante que se lhes queira impor. Quando legamos a nossos filhos boa e bela herança, isso não lhes tolhe a liberdade. Se vendêssemos a nossa preciosa herança e nos tornássemos escravos, legando a nossos filhos apenas a escravidão, teriam sobejas razões para se queixarem de nós, mas, se fizemos todo o possível para torná-los "filhos de Deus, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo" e beneficiários da "herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada para nós nos céus" (Rom. 8:17 e I Ped. 1:4), como poderão eles julgar que, com isso, estamos cerceando a sua liberdade? As bênçãos cristãs,

representadas pelo batismo, tornarão nossos filhos verdadeiramente livres, porque a verdadeira liberdade se encontra somente em Cristo.

4.° O próprio Deus determinou que os pais representassem os filhos, nos pactos que fêz com o seu povo. Os filhos eram incluídos nesses pactos. Isso se verifica com Adão (Rom. 5:19), com Noé (Gen. 9:8-9) e com Abraão (Gen. 17:7). Deus mandou que Abraão circuncidasse os filhos e os agregados, como sinal do pacto que com êle firmara. Abraão foi o grande representante do povo de Deus. fi o pai de todos os que crêem. Seu filho Isaac foi circuncidado no oitavo dia após o nascimento." Houve nisso qualquer violação da liberdade de consciência de Isaac? Deus não mandaria praticar semelhante violência. O batismo infantil tem significação correspondente àquela da circuncisão infantil. Ambos são sinais e selos do pacto que Deus fêz com seu povo. Se o batismo infantil é violação da liberdade individual, também o seria a circuncisão de crianças, que foi ordenada por Deus. Os que argumentam contra o batismo infantil, por julgá-lo violação da Uberdade de consciência, por igual motivo e para serem coerentes, teriam de se opor à circuncisão infantil, que foi estabelecída pelo próprio Deus. Teriam de afirmar da circuncisão o mesmo que dizem do batismo infantil, isto é, também dizer: "Circuncidar criança é impor-lhe religião e deveres eclesiásticos sem o consentimento prévio da sua consciência livre". Teriam de dizer que Abraão, com a circuncisão de crianças, estava "escravizando as consciências criadas livres e responsáveis". Com essa lógica estariam combatendo o que o próprio Deus estatuiu.

Os nossos irmãos batistas têm razões sobejas para afirmar a necessidade de fé pessoal em Cristo por parte daquelas pessoas que têm idade suficiente para compreender o Evangelho e para crer nele. Para as pessoas capazes de resolver os seus próprios problemas religiosos, a fé individual é absolutamente indispensável. Cada ura é responsável por si diante de Deus. O apóstolo São Paulo afirma a verdade da responsabilidade individual nos seguintes termos: "Cada um levará o seu próprio fardo" (Gal. 6:5). Quando se trata de pessoas capazes de crer, devemos exigir delas declaração de fé pessoal em Cristo, antes de batízá-las. Mas isso de modo algum exclui ou destrói o princípio bíblico da representação dos filhos pelos pais nos pactos que Deus firmou com o seu povo.

Insistem nossos irmãos batistas que é pecado batizar criancinhas inconscientes e inermes, completamente incapazes de reagir ou de dar o seu consentimento ao ato que praticamos em seu nome. Todavia, se pensarmos de modo melhor, teremos de reconhecer que o próprio fato de serem as criancinhas criaturas fraquinhas, indefesas e incapazes de agir por si mesmas está a exigir de nós, os responsáveis pela sua criação, que ajamos em seu benefício, dando-lhes o alimento, o vestuário e o abrigo apropriados ao seu estado inerme. E não poderemos deixar de cuidar também das suas almas imortais, criando-as no temor do Senhor. É do nosso dever encaminha-Ias para Cristo, o grande Amigo e Modelo dos meninos. Arrolá-los como pequenos membros do reino dos céus, pelo batismo, e educá-los na fé cristã importa em obedecer à recomendação de Jesus: "Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis, porque dos tais é o reino dos céus".

Para os que aceitam as declarações da Bíblia, a condição determinante da nossa salvação não é a\ nossa fé, mas antes a vocação eficaz de Deus. Deus não fica esperando para.ver se vamos ter fé, para depois nos chamar. Êle nos chama, quando ainda estamos mortos em nossos delitos e pecados (Ef. 2:1), e enquanto ainda somos incapazes de exercer fé. É a chamada divina que renova a nossa vontade e nos habilita a abraçar a Jesus como o nosso Salvador. São Paulo afirma essa verdade, dizendo: "O Deus que opera eficazmente em nós tanto o querer como o perfazer, segundo a sua boa vontade" (Filip. 2:13). Encontramos a mesma verdade enunciada por Jesus em S. João 6:44 — "Ninguém pede vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia." O divino Mestre também disse aos seus discípulos: "Vós não me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós". Já se vê que o fator primordial em nossa salvação não é a nossa fé, mas antes a chamada divina e o poder operante do Espírito Santo em nossos corações. Tanto os adultos como as crianças são chamados e regenerados antes de exercerem a fé. A fé é uma das consequências da sua regeneração. No caso dos batizandos adultos, a prova da sua regeneração se encontra na sua vida e na sua profissão de fé, e, no caso das crianças batizadas, a prova da regeneração está nas promessas que Deus fez aos seus pais, por ocasião da sua profissão de fé, dizendo-lhes: "A promessa é para vós e para vossos filhos" (Atos 2:39).

Ao finalizar este capítulo, concluímos que Deus, na sua infinita misericórdia, chama os filhos de crentes para serem membros do seu reino, antes mesmo de poderem exercer fé pessoal, £ que o reconhecimento desse

faro, pelo batismo, não é violação da sua liberdade de consciência; é, antes, atestado visível das grandes bênçãos espirituais que Deus houve por bem conferir-lhes, no pacto da graça que fêz com seus pais crentes.

Capítulo IX - CORDEIROS, SANTOS E SEMENTE SANTA

Dando a S. Pedro algumas instruções particulares e finais, Nosso Senhor Jesus Cristo ordenou-lhe que apascentasse os seus cordeiros (João 21:15) e logo mais disse-lhe que pastoreasse as suas ovelhas. Nesses versículos Jesus faz distinção entre os cordeiros *{tà arnía)* e as ovelhas *(tà próbata)* do seu rebanho. Os cordeiros são mencionados em primeiro lugar, indicando que Jesus tem interesse especial pelos cordeirinhos do seu rebanho. (João 21:15-17).

Comentando esta passagem, Matthew Henry diz o seguinte: "Aqueles que foram entregues aos cuidados de Pedro são os seus cordeiros e as suas ovelhas. A Igreja de Cristo é o seu rebanho que *Êle adquiriu com o seu próprio sangue* (At. 20:28) e ele é o seu principal Pastor. Nesse rebanho alguns são cordeiros novos, tenros e fracos, outros são ovelhas crescidas ao ponto de serem mais fortes e mais desenvolvidas. O Pastor cuida de ambos, e dos cordeiros em primeiro lugar, porque sempre manifestou por eles ternura particular." "Entre os braços ajunta os cordeirinhos, e os leva no seio" (Isaías 40:11).

"A recomendação de Jesus a respeito das suas ovelhas é que sejam alimentadas. A palavra empregada nos versículos 15 e 17 é *bóske*, que significa "daí-lhes alimento", mas a palavra empregada no versículo 16 é *fioimaine*, que significa "pastoreai-as', isto é, dai aos cordeiros o alimento que lhes é próprio e às ovelhas semelhantemente o trato que lhes é apropriado e conveniente. Note-se que é do dever dos ministros alimentar tanto os cordeiros como as ovelhas. *Alimentai-as*, isto é, ensinai-as; porque a doutrina do Evangelho é alimento espiritual".

Ainda em outra ocasião Nosso Senhor Jesus Cristo mostrou especial solicitude pelas pequenas ovelhas do seu rebanho, totrundo-as como exemplos para todos aqueles que desejem entrar no reino dos céus e condenando severamente os que se tornem motivo de escândalo para os pequeninos. Esse passo é tão interessante que convém transcrever as partes pertinentes ao estudo que fazemos: "Naquela hora chegaram-se os discípulos a Jesus e perguntaram: Quem é, porventura, o maíor no reino dos céus? Jesus, chamando para junto de si um menino, pô-lo no meio deles c disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus. Aquele que receber menino tal como este, em meu nome, a mim é que recebe; mas quem puser pedra de tropeço no caminho de um destes pequeninos que crêem, melhor seria que se lhe pendurasse ao pescoço grande pedra de moinho, e que fosse lançado no fundo do mar."

"Ai do mundo por causa dos tropeços! porque é necessário que apareçam tropeços; mas ai do homem por quem vem o tropeço!... Vede, não desprezeis um destes pequeninos; porque vos digo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celestial. Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se extraviar, não deixa as noventa e nove e vai aos montes procurar a que se extraviou? Se acontecer achá-la, em verdade vos digo que se regozija mais por causa desta, do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim, não é da vontade de vosso Pai que está nos céus, que pereça um destes pequeninos". (Mat. 18:1-7 e 10-14).

O contexto da passagem acima transcrita mostra bem claramente que Jesus identifica as ovelhas dos versículos 12 e 13 com os meninos e com os pequeninos de que fala em outras partes da mesma passagem. Os pequeninos fazem parte do rebanho de Cristo e não é da vontade do Pai dos céus que se perca qualquer deles. Tanto é fato que pertencem ao reino dos céus, que Jesus os toma como modelos para os que querem entrar nesse reino. Note-se, também, que é grande pecado ser pedra de tropeço para qualquer desses pequeninos e que eles têm os seus anjos de guarda, que estão sempre na presença de Deus. Essa passagem nos revela claramente que as criancinhas pertencem à Igreja de Deus, que é o rebanho de Cristo (Atos 20:28), e que o seu Pai dos céus tem por elas especial solicitude.

Já no Velho Testamento, dizia o profeta Isaías: "Eis que o Senhor Jeová virá como valente, e o seu braço dominará por Êle: eis que o seu galardão está com êle, a sua recompensa diante dele. Como pastor Êle apascentará o seu rebanho; entre os seus braços ajuntará os cordeirínhos, e os levará no seu seio, e guiará

mansamente as que amamentam' (Isaías 40:10-11). O salmista Davi, que tinha por costume arrancar os cordeiros do seu pai das garras dos leões e dos ursos, pôde dizer: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" (Salmo 23:1).

Jesus é o nosso bom pastor (João 10:1-30). Conhece as suas ovelhas pelos nomes e por elas dá a sua vida. Êle lhes dá a "vida eterna, e ninguém as arrebatará da sua mão". Em tudo isso, demonstra-se o grande amor de Jesus pelas suas ovelhas, pequenas e grandes. E, sendo elas parte integrante do seu rebanho, terão o direito ao sinal visível dessa bendita realidade. Devem, pois, ser assinaladas com o barismo que é o distintivo visível da sua inclusão no rebanho do supremo e bom Pastor.

O ensino de S. Paulo confirma o direito das crianças ao batismo, pois êle considera os filhos de creptes como santos e para S. Paulo os santos são membros da Igreja. São'os separados do mundo para pertencer ao povo - de Deus. Encontramos esse ensino do Apóstolo em I Cor. 7:14; "O marido incrédulo é santificado na mulher, e a mulher incrédula é santificada no irmão; de outra maneira os vossos filhos seriam imundos, mas agora são santos."

Pode-se provar que, para S. Paulo, os santos são membtos das igrejas, pois êle dirigiu uma das suas cartas "à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos, com todos os que em todo o lugar invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor, tanto deles como nosso' (I Cor. 1:2). E ainda outra carta o mesmo apóstolo dirigiu "aos santos que estão em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus" (Ef. 1:1). Ananias, que batizou a S. Paulo, falando com Deus em visão, se refere aos crentes em Jerusalém como "os teus santos em Jerusalém" (Atos 9:13). Eram eles os membros da Igreja de Jetu-salém. É lícito concluir que os filhos de crentes, sendo santos, eram membros da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo e tinham, por isso, o mesmo direito ao sinal visível da sua inclusão na comunhão dos santos.

Há várias menções, nas Escrituras Sagradas, de semente santa, que são os mesmos filhos de crentes, a quem S. Paulo se refere como santos. No segundo capítulo de Malaquias, esse profeta condena os casamentos com descrentes e defende a monogamia como instituição divina. Assim se expressa no versículo 15 do aludido capítulo: "Não fêz êle somente um, ainda que lhe sobrava o espírito? E, por que somente este um? Êle biscava uma semente pia. Portanto, guardai o vosso espírito e não sê haja alguém aleivosamente com a mulher da sua mocidade".

Deus criou somente uma mulher para um homem, e, desse modo, instituindo o casamento monogâmico entre dois crentes,, "buscava semente pia". Deus deseja que crentes se casem com crentes para propagar crentes. E por isso, é condenável o casamento de crentes com incrédulos. Uma das priaieiras perversões do povo de Deus se verificou, quando os "filhos de Deus[5]" se casaram com as "filhas dos homens", como se relata em Gen. 6:1-2. Salomão pode ser tido como o exemplo clássico de homem bom que se corrompeu por casar com mulheres pagãs.

Referíndo-se à futura restauração do povo de Deus, o profeta Isaías faz a seguinte proclamação: "A sua posteridade será conhecida entre as nações, e os seus descendentes entre os povos; todos quantos virem os reconhecerão, que são semente que Jeová abençoou" (Isaías 61:9). E, tratando, ainda do mesmo tema, declara: Não trabalharão debalde, nem gerarão filhos para calamidade; porque são a semente santa dos benditos de Jeová, juntamente com os seus descendentes'. (Isaías 65:23).

No livro de Esdras (9:1-4), lemos que esse santo escriba ficou sobremaneira agastado porque muitos israelitas haviam tomado para si mulheres hititas. Êle descreveu esse pecado do povo nos seguintes termos: "Tomaram os filhos destes (dos pagãos) para si e para seus filhos; de maneira que os da linhagem santa se têm mrsturado com os povos de outras terras; sim os príncipes e os deputados foram os primeiros a cometer este pecado". (Esdras 9:2).

Depreende-se, das passagens citadas, ser da intenção de Deus que os crentes se casem com crentes, para que se perpetue linhagem santa dos benditos de Jeová. Essa semente santa são os filhos de crentes. São eles parte integrante do povo de Deus e, por isso mesmo, têm o direito ao batismo, que é o sinal dessa preciosa verdade.

Uma das principais causas do afastamento da mocidade da Igreja para o mundo é, sem dúvida, o casamento misto, condenado pela Bíblia e pelos nossos símbolos doutrinários. Se os crentes se casassem somente com

crentes, a linhagem santa seria propagada e as nossas igrejas cresceriam e tor-nar-se-iam mais robustas, porque, quando há fidelidade no cultivo da semente santa, as novaÇ gerações de crentes se tornam .cada vez mais espirituais. Os melhores crentes são aqueles que foram educados em lares crentes; são eles a linhagem santa de que nos fala a Bíblia. Trabalhemos para multiplicar os verdadeiros descendentes espirituais do nosso pai Abraão, de acordo com o que nos diz a Palavra de Deus: "Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos país, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra" (Atós 3:25).

Mesmo quando muitos crentes se desviem dos retos caminhos do Senhor, casando-se com incrédulos, Deus guardará para si remanescente santo. É o que afirma o profeta Isaías: "Se ainda ficar nela a décima parte, essa tornará a ser exterminada. Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derrubados, ainda fica o tronco; assim a santa semente é o seu tronco. (Isaías 6:13).

Capítulo X - FAMÍLIAS SANTAS E ABENÇOADAS

Neste capítulo iniciamos estudo bíblico-histórico, com referência to batismo infantil.

Quando começou esse batismo?

De certo modo, esse rito tem suas raÍ2es históricas no Velho Testamento, visto ser êle o substituto neo-testamentário da circuncisão. A circuncisão é o batismo do Velho Testamento, por ter a mesma significação, como já ficou demonstrado. O domingo, que é o sábado cristão, substituiu o sábado judaico e a Santa Ceia substituiu a Páscoa. O batismo cristão, muito naturalmente, substituiu a circuncisão, e, por isso, no Novo Testamento é denominado "a circuncisão de Cristo" (Col. 2:11-12).

Deus disse a Abraão que, por meio dele, seriam abençoadas todas as famílias da terra (Gen. 12:3). A bênção seria, portanto, não só para os indivíduos, mas também para as famílias. Foi firmado por Deus pacto solene com Abraão, em que prometia ser o seu Deus e o Deus da sua posteridade e o sinal desse pacto ficou estabelecido, nos seguintes termos: "Quanto a ti, guardarás a minha aliança, tu e a tua semente depois de ti, nas suas gerações. Esta é a aliança que guardareis, entre mim e vós e a tua semente depois de ti: todo o macho dentre vós será circuncidado" (Gen. 17:7, 9, 10). Os meninos eram circuncidados ao oitavo dia após o seu nascimento.

Quando Moisés renovou o pacto de Deus com Israel, não se esqueceu das famílias, nem dos pequeninos que deviam ser incluídos na aliança. Consideremos as recomendações de Moisés:

"Guardai as palavras desta aliança, e cumpri-as, para que prospereis em tudo quanto fizerdes.

"Vós estais hoje todos diante de Jeová vosso Deus; os vossos caber ças, as vossas tribos, os vossos anciãos e os vossos oficiais, a saber, todos os homens de Israel, os vossos pequeninos, vossas mulheres, e o peregrino que está no meio dos vossos arraiais, desde o rachador da tua lenha até o tirador de tua água, para que entres na aliança de Jeová teu Deus, e no juramento que Jeová teu Deus faz hoje contigo; para que te estabeleça como povo para si, e para que te seja por Deus, como te falou e como prometeu com juramento a teus pais, a Abraão, a Isaac e a Jacó.

"Não é tão somente convosco que faço esta aliança e este juramento; porém com aquele que está aqui hoje conosco diante de Jeová nosso Deus, e também com aquele que hoje não está aqui conosco. Vós sabeis como habitamos na terra do Egito; e como passámos pelo meio das nações, pelas quais passastes; vistes as suas coisas detestáveis e os seus ídolos, Q. pau e a pedra, a prata e o ouro, que havia entre eles. Faço esta aliança, para que não haja entre vós homem, ou mulher, ou. família, ou tribo, cujo coração hoje se desvie de Jeová nosso Deus" (Deut. 29:9-18).

Os pequeninos e as famílias são mencionados entre os que ficariam dentro da aliança e até mesmo os israelitas ausentes ficariam obrigados pelos termos. da aliança, porque havia pessoas presentes ao ato da ratificação do pacto que os representavam.

Já quase no fim da vida, Josué renovou mais uma vez a aliança que Deus fizera com o seu povo e se propôs a si mesmo como modelo pa/a os israelitas, dizendo; "Eu e minha casa, porém, havemos de servir ao Senhor". Cada chefe de família, em virtude desse exemplo, devia tomar idêntica resolução: "Escolhei hoje a quem haveis de servir". Os chefes responderam ao repto de Josué, dizendo: "Nós também havemos de servir ao Senhor, pois êle é o nosso Deus" (Jos. 24:15-18). A atitude de Josué indica que a família deve ser uma unidade religiosa, em que todos seguem o mesmo Deus.

Em toda a história da Igreja de Deus, sempre houve famílias inteiras que aceitavam a religião de Deus. Essa também *ê* a experiência da obra missionária, em tempos modernos. Quando um pai de família aceita o Evangelho, é natural que a família toda o acompanhe na sua nobre resolução.

Nosso Senhor Jesus Cristo foi muito solícito em fazer sentida a sua influência nos lares das pessoas que a Ele se convertiam. Ao endemoninhado gesareno, curado do seu mal, recomendou: "Volta para a tua casa e conta tudo o que Deus te fêz" (Luc. 8:31). É significativo que a palavra no original grego *oikos,* que se traduz por "casa", tem referência especial à família. Devia o curado dar o seu testemunho perante a sua família, para que esta recebesse as bênçãos do Evangelho.

De passagem, será conveniente transcrever aqui a explicação que o di. Ashbel Fairchild faz, no seu "Scripture Baptism", às páginas 155 e 156, sobre o emprego dos termos gregos *oikos* e *oikia,* ambos traduzidos por "casa". "O primeiro", diz êle, "é nome masculino e o segundo feminino. Quando usado em sentido literal, *oikos* significa "casa", isto é, a moradia de família; e *oikia* significa a casa toda com as suas dependências. Quando esses termos são empregados figuradamente, com referência a pessoas, *oikos* significa "família", sem incluir os criados e agregados; e *oikia* tem sentido mais lato, que abrange os criados e os agregados. A favor desta distinção, temos a autoridade de Aristóteles citada por C. Taylor no seu *Apost. Bapt,,* página 41."

Em S. João 4:46-54 encontramos a interessante e significativa narração da cura do filho de um oficial do rei. Como resultado desse milagre, o oficial creu, "êle e toda a sua casa" (vs. 53). Nesse versículo, a palavra que se traduz por "casa" é *oikia* e se refere não somente à família do oficial, mas também aos seus criados e outros dependentes. Pode-se deduzir disso que os servos portadores da boa notícia do restabelecimento do filho do oficial faziam parte dos que creram. Creram, êle e toda a sua criadagem.

Ainda mais é interessante notar que nessa casa que creu estava o menino pequeno, pois o pai chama o filho curado de *paidíon,* termo que indica criança. Apesar-de não ter fé pessoal, esse menino pertencia a uma família que era *toda crente.* Ainda hoje temos o costume de falar de famílias crentes, mesmo quando haja criancinhas nessas famílias. O costume é bíblico, pois, como vemos, as bênçãos do Evangelho se estendem a todos os membros da família, quando seu chefe abraça o Evangelho.

Temos mais um exemplo da mesma verdade na conversão de Zaqueu. Êle se converteu pela entrada de Jesus no seu lar e no seu coração e o Mestre lhe disse: "Hoje entrou a salvação nesta família" (Luc. 19:9). Traduzimos aqui a palavra *oikos* por "família", pois é esse o seu sentido, quando se refere a pessoas. As bênçãos da salvação se estenderam à família de Zaqueu.

As bênçãos que Jesus levou ao lar de Maria, Marta e Lázaro foram indizíveis. O mesmo podemos afirmar a respeito dos muitos outros lares influenciados por Jesus, como os de Jairo, da sogra de Pedro, de Levi, da viúva de Naim e da mulher siro-fenícia. Quando Jesus estava pregado na cruz do Calvário, determinou que a sua mãe fosse para casa de S. João, para que não lhe faltassem os cuidados de filho em lar cristão. É-nos lícito concluir que, no tempo de Jesus, famílias inteiras aceitavam-no como o seu Salvador.

Passando, em seguida, para os Atos dos Apóstolos e para a história da era apostólica, vemos que famílias inteiras se convertiam e eram bati-zadas. E por que não se batizaram famílias inteiras, durante os anos do ministério de Jesus? A razão é simples; o batismo cristão não havia sido ainda instituído. Jesus o instituiu, quando deu o seu último mandamento aos discípulos. Até essa data, estava em vigor' a circuncisão. E o batismo de João não era o batismo cristão, mas apenas um batismo de arrependimento, como já tivemos ocasião de provar, à luz dos Atos 19:5.

O livro dos Atos dos Apóstolos narra a história da Igreja Apostólica. Nesse documento histórico, S. Lucas nos informa que houve batismos de famílias inteiras. Cornélio foi salvo *com toda a sua casa* (Atos 11:14).

Reunira seus parentes e amigos íntimos para ouvir à pregação de Pedro, e sobre eles descera o Espírito Santo. O apóstolo então ordenou que fossem banzados em nome de Jesus Cristo (Atos 10:44-48).

A narrativa histórica do batismo de Lídia e de sua casa dá a entender que somente ela na sua casa teve fé pessoal em Jesus como o seu Salvador, e que os demais membros da família foram batizados, em virtude da fé professada pela mãe e dona da casa. É somente dela que se diz ter aberto o coração para atender às coisas que Paulo dizia, e foi ela que fez o pedido: "Se julgais que sou crente no Senhor, entrai em minha casa e ficai nela" (Atos 16:15). No caso de ter havido outros crentes professos na família batizada, seria muito natural que ela os incluísse nos termos do convite, dizendo: "Se julgais que *nós* somos crentes no Senhor, entrai em *nossa* casa e ficai nela". O emprego que faz da primeira pessoa do singular é indicação de que somente ela havia professado a fé. Quando se afirma que Lídia e sua casa foram batizadas, o termo empregado para "casa" é mais uma vez *oíkos*, que se refere à família, e esse termo é muitas Yê«s empregado com referência a famílias em que se sabe ter existido crianças. Damos disso alguns exemplos extraídos do já citado livro do dr. Fairchild. As seguintes passagens são da Septuaginta:

"Gen. 34:30 — *Serei destruído eu e a minha casa* (oíkos). Havia crianças pequenas na família de Jacó.

"Núm. 18:31 — *Copt-ê-lo-eis em todo o lugar, vós e as vossas famílias* (oíkos), *pois é a recompensa pelo vosso serviço.* As crianças comiam das ofertas aos três anos de idade, como se vê em II Croa. 31:15, 16.

Deut. 25:9 — *Assim se fará àquele homem que não edifica a casa* — (oíkos) *do seu irmão.* A referência é ao dever de assegurar descendência para irmão falecido sem prole.

"I Sam. 2:34 — *Todos os descendentes da tua casa* (oíkos) mor-*rerão na flor da idade.* Mais uma vez a referência é a criancinhas.

"I Tim, 3:4 — *Que saiba governar bem a sua casa* (oíkos), *tendo seus filhos em sujeição.* E o versículo 12: *Que governem bem os seus filhos e as casas* (oíkos).

"Essa palavra *oíkos é* empregada pelos escritores sagrados com referência ao batismo de cinco "casas", ou sejam famílias".

Os cinco casos a que alude o dr. Fairchild são os de Cornélio, de Lídia, do carcereiro de Filipos, de Estéfanas e de Crispo. Os dois primeiros casos já foram examinados. O carcereiro de Filipos foi batizado com todos os seus (Atos 16:32). Mesmo antes de o Evangelho ser pregado à família do carcereiro, Paulo lhe dissera: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa". A promessa foi feita para éle e para a sua casa, em virtude da sua fé.

S. Paulo nos conta que batizou a família de Estéfanas (I Cor. 1:16). E essa família prestou relevantes serviços à causa de Cristo (I Cor. 16: 15-18).

Crispo, o chefe da sinagoga de Corinto, creu no Senhor com toda a sua casa e muitos dos coríntios, ouvindo, creram e foram batízados (Atos 18:8). Há quem alegue que deviam todos ser adultos nessa casa, por se dizer que êle e a sua casa creram, mas já foi citada uma passagem sobre uma *casa* em que havia criança na qual se diz: "Creu êle e toda a sua casa". É o caso da cura do filhinho do oficial do rei. Todos, naquela casa, se converteram, inclusive os próprios servos, como se pode deduzir do emprego da palavra *oikía* em vez de *oíkos*. Tornou-se casa de crentes.

Nos cinco casos narrados de famílias batizadas na Igreja apostólica, o vocábulo que se emprega é, invariavelmente, *oíkos*.

É este termo que se associa, no grego, a famílias onde haja crianças, como indicámos, e tanto é assim que a primeira versão do Novo Testamento denominada *Peshito Siríaca*, publicada poucos anos após a era apostólica, traduz Atos 16:15 da seguinte maneira: "Ela foi batizada e as crianças da sua casa". Fica, pois, patente que o tradutor julgou haver crianças incluídas no *oíkos* de Lídia,

Faremos mais uma citação de Fairchild:

"A palavra *oikía,* quando empregada figuradamente para indicar as pessoas de uma casa, incluía os criados e os outros agregados.

"Filip. 4:22 — *Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa* (oikía) *de César.* É certo que ninguém da família de Nero, nesse tempo, professava o cristianismo, mas somente alguns dos seus criados.

"João 8:35 — *Mas o servo não permanece na casa* (oikía) *para sempre.*

"Marcos 13:34 — *Que deixou a sua casa* (oikía) *e deu autoridade aos seus servos.*

"Observai, agora, a luz que esta distinção entre *oíkos* e *oikía* derrama sobre certos textos. Em Atos 16:32 vemos que os apóstolos dirigiram a palavra ao carcereiro e a *todos os que estavam na sua casa* (oikía), isto é, a todos da casa e das suas dependências, inclusive aos próprios presos da cadeia. Depois os fêz subir para a sua casa (oíkos), para os aposentos particulares da família.

"Em I Cor. 16:15, S. Paulo nos informa de que a casa (oikía) de Estéfanas, isto é, os seus agregados, tinha-se dedicado ao serviço dos santos; mas era o seu *oíkos,* isto é, os filhos, que tinham sido batizados por Paulo (I Cor. 1:16)".

De tudo quanto fica exposto nas citações que acabamos de fazer, de-preende-se, claramente, que o termo *oíkos,* empregado pelos escritores sagrados, com referência a casas inteiras que foram batizadas, indica famílias em que existiam crianças. Concluímos, portanto, que os apóstolos batizaram as crianças filhas de pais que se convertiam ao Evangelho. E isso combina muito bem com o costume dos judeus de batizar os filhos dos prosélitos que eram recebidos na Igreja judaica, nos tempos apostólicos.

Mencíonam-se, no livro de Atos, ainda mais quatro casos de batismos de indivíduos, além dos cinco já descritos. São os de Paulo, do eunuco, de Simão Mago e de Gaio. S. Paulo foi batizado -sem a família, porque não tinha constituído família. O eunuco não podia ser batizado com a família, porque estava longe de todos os parentes. Com referência a Simão Mago e a Gaio, a Escritura não nos informa se tinham famílias. Sempre que são mencionadas as famílias, estas acompanham os chefes da casa e são balizadas com eles.

Nos relatórios de missionários e ministros antipedobatistas, é cousa raríssima encontrarem-se expressões semelhantes a estas, encontradas na história da Igreja apostólica: *Depois de serem batizadas ela e a sua casa; e logo foi batizado ele e todos os seus; batizei também a. família de Estéfanas.*

Os antipedobatistas batizam somente os adultos$_t$ ou aqueles que têm idade suficiente para crer, e não famílias inteiras, como faziam os apóstolos.

Entre os missionários pedobatistas é muito frequente serem recebidas famílias inteiras no seio da Igreja. Os pais professam a sua fé em Jesus Cristo, e sendo eles os legítimos representantes dos filhos menores, declicam-nos a Deus pelo batismo, arrolando-os como membros infantis da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como é belo quando uma família inteira, unida em Cristo, é recebida na Igreja cristã! E como é triste, quando alguns membros da família ficam do lado de fora, como se fossem diabinhos, em vez de serem membros da família de Deus! O ideal que encontramos nas Escrituras é receber não somente o chefe da família, mas também todos os membros. Os lares cristãos, de que temos notícia no Novo Testamento, foram santificados pela ação decisiva dos seus chefes na aceitação de Cristo como seu Salvador.

Tanto a doutrina como a história da Igreja cristã demonstram ser a família unidade orgânica que deriva bênçãos espirituais da fé viva dos pais. Essa influência santificadora se estende aos filhos e até mesmo aos incrédulos no lar (I Cor. 7:14).

Os que se opõem ao batismo infantil insistem, em afirmar que não havia crianças nas famílias batizadas pelos apóstolos. Mas isso eles não podem provar e as probabilidades são todas a favor de ter havido crianças nesses lares. Os judeus tinham o costume de criar famílias grandes, muito maiores do que as dos tempos modernos. Supondo, no entanto, que houvesse, apenas, uma média de seis pessoas para cada uma das famílias mencionadas nos *Atos,* como sendo batizadas, haveria um total de trinta pessoas nessas famílias. As estatísticas provam que cerca de dois sétimos da população normal são compostos de crianças abaixo de dez anos de idade.

Isso daria uma média de 8,5 crianças para cada trinta pessoas. A probabilidade, portanto, seria existirem, pelo menos, oito crianças de menos de dez anos de idade nas cinco famílias recebidas na Igreja apostólica. Seria muito improvável, e quase impossível, que não houvesse nenhuma criança pequena no seio das cinco famílias mencionadas no relatório de S. Lucas.

Capítulo XI - O BATISMO INFANTIL ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Encontramos o batismo infantil na época post-apostólica, como era de se esperar, pois era a continuação de costume apostólico, como diz Orí-genes.

Irineu foi dos mais cuitos e mais eminentes bispos da Igreja primitiva. Escreveu em defesa do cristianismo sessenta e sete anos após o período apostólico. Êle mesmo relata que ouviu com grande interesse as instruções de Policarpo, que foi discípulo de S. João, o apóstolo amado. "Re-cordo-me", diz êle, "do seu discurso (de Policarpo) a respeito da conversa que tivera com S. João, o apóstolo, e com outros que tinham visto o Senhor e como repetira os seus dizeres, e o que ouvira testemunhas do Verbo da Vida contar a respeito do Senhor, dos seus milagres e da sua doutrina'. O mesmo Irineu, nos seus "Cinco Livros contra as Heresias", diz o seguinte: "Êle (Cristo) veio para salvar todas as pessoas por si mesmo; todas, digo eu, que por Êle renascem para Deus (renascuntur in Deum); infantes, crianças, jovens e pessoas idosas" (Livro II, cap. 39).

O Dr. Fairchild assim explica a expressão latina acima empregada por Irineu:

"A frase *renascem para Deus* era empregada por todos os antigos santos padres da Igreja com referência ao batismo com água, de acordo com a sua interpretação das palavras de Jesus: *"Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus".* Não concordamos com a sua interpretação dessa passagem, mas estamos apenas mostrando o sentido em que empregavam a expressão, *renascem para Deus.* O próprio Irineu nos conta o sentido que davam a essas palavras. "Cristo", diz êle, "confiando aos discípulos o poder *de regenerar para Deus,* disse-Ihes: *Ide e ensinai a todas as nações, ba-tizando-as.* (Livro III — cap. 19). Por semelhante modo, Justino, o Mártir, falando da recepção de candidatos ao. batismo, diz: "Eles são regenerados; porque são lavados com água em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". (Apol. I, ad Ant. Pium). É justo, portanto, concluir que Irineu se refere à prática da Igreja primitiva de batízar crianças".

Apresentamos em seguida, ao leitor, uma tradução e adaptação do que se acha no livro do dr. Ashbel Fairchild, no seu "Scripture Baptism", às páginas 129 a 133-

Tertuliano foi um piedoso escritor do terceiro século da era cristã. Nasceu uns cinquenta anos após os tempos apostólicos e era de origem pagã, mas abraçou o cristianismo. Ensinou que o batismo purifica de todos os pecados cometidos até a data do batismo. Aconselhou, portanto, que o batismo fosse adiado até o fim da vida, ou, pelo menos, até que passasse a idade crítica das tentações. Dessarte, todos os pecados da vida passada podiam ser purificados de uma só vez. Citamos as suas palavras: "Portanto, de acordo com a condição e a disposição de cada um, e de acordo com a idade, é mais proveitoso adiar o batismo, especialmente no caso das criancinhas".

Em seguida, Tertuliano procura dissuadir outra classe de crentes de chegar à fonte b^cismal. O seu conselho é o seguinte: "Pela mesma razão, as pessoas solteiras devem adiar o seu batismo, isto é, as pessoas que provavelmente serão tentadas; tanto aqueles que nunca se casaram, por chegarem à adolescência, como aqueles que estão na viuvez, por causa de sentirem falta dos companheiros; até que se casem ou fiquem confirmados em estado de continência' (Wall, vol. I, págs. 93-94).

Do testemunho de Tertuliano é fácil perceber que o costume de ba-tizar crianças já existia no seu tempo e que os seus conselhos para adiar o batismo de crianças e de solteiros não foram dados porque julgasse esse batismo contrário aos ensinos apostólicos, mas tão somente por causa da sua ídéia de que as águas do batismo purificavam de pecado. O testemunho de Tertuliano prova que, já nos seus dias, existia o batismo infantil e que é, portanto, insustentável a. afirmação de alguns antipedobatistas de que o batismo de crianças é uma das inovações da Igreja Romana. Muitos anos antes de existir a Igreja Romana, já existia o batismo infantil. É esse o testemunho dos *santos padres* da Igreja primitiva.

Ouçamos, em seguida, o testemunho insuspeito de Orígenes. Este célebre escritor cristão nasceu em Alexandria, uns oitenta e cinco anos depois da morte do último apóstolo; Foi o homem mais sábio de sua época. Rerebeu boa educação em Alexandria, e, para adquirir maiores conhecimentos, viajou pela Itália, Grécia, Capadócia, Síria e Palestina. Conhecia, portanto, as igrejas dessas localidades, como também os seus usos e costumes. É verdade que aconteceu com êle o que havia sucedido com alguns dos outros pais primitivos; isto é, caiu em graves erros doutrinários. Não nos interessam, nestes estudos, as suas opiniões doutrinárias, mas antes o seu testemunho com referência a certos fatos. Não podia estar enganado a respeito daquilo que presenciava diariamente, e não havia nenhum motivo que o levasse a falsificar os fatos. Na sua homília sobre Levítico, diz o seguinte:

"Visto como o batismo da Igreja é administrado para o perdão de pecados, as crianças também são batizadas de acordo com o uso da Igreja, desde que, se não houvesse nada nas crianças que exigisse perdão e misericórdia, a graça do batismo lhes seria desnecessária".

Ainda mais, diz o mesmo Orígenes na sua homília sobre S. Lucas: "As criancinhas são batizadas para a remissão dos pecados. De que pecados? Ou quando pecaram elas? Ou como pode ter razão de ser no caso delas a lavagem com água, senão de acordo com o sentido que mencionamos agora? Ninguém está livre de poluição, mesmo quando a sua vida seja de um só dia sobre a terra". Orígenes também faz a seguinte declaração no seu comentário sobre a Carta aos Romanos: "Era por esta razão que a Igreja tinha dos apóstolos a tradição (ou ordem) para administrar o batismo às criancinhas. Porque aqueles a quem foram confiados os mistérios divinos sabiam que existe em todas as pessoas a poluição natural do pecado, que deve ser apagada pela água e pelo Espírito" (Wall, Vol. I, págs. 104, 106).

Alguns adversários do batismo infantil menosprezam o que Orígenes denomina "tradição dos apóstolos'; entretanto, as verdadeiras tradições apostólicas, não devem ser desprezadas, visto como são bem diferentes das tradições judaicas e das tradições da Igreja Romana, que são humanas e contrárias aos ensinos da Palavra de Deus. Paulo se refere às verdadeiras tradições apostólicas, no seguinte trecho, em II Tessal. 2:15; "Assim, pois, irmãos, estai firmes e conservai as tradições que aprendestes, seja por palavra, seja por epístola nossa". Também lemos em II Tessal. 3; 6: "Nós vos mandamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteís de qualquer irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes".

Está claro que, se os cristãos tinham recebido tradição dos apóstolos para batizar crianças, deviam segui-la. Orígenes teve boas oportunidades para saber se essa tradição ou ordem era mesmo de origem apostólica. Descendia de antecessores cristãos da era apostólica. A sua linhagem nos tem sido transmitida por providência singular. Porfírio, acérrimo inimigo do cristianismo, apresentava os cristãos como povo degradado e destituído de toda a ciência, mas, não podendo ofuscar o brilho da esplêndida cultura literária de Orígenes, representou-o como de origem pagã, alegando que aprendera filosofia pagã. Para refutar essa falsa acusação, o historiador Eusébio fez uma exposição com referência à estirpe cristã de Orígenes. O pai foi martirizado e tanto o avô, como o bisavô eram cristãos. Este ultimo devia ter vivido no tempo dos apóstolos e devia ter ouvido as suas pregações. Pois foi este Orígenes, cujo bisavô era dos cristãos dos tempos apostólicos, que testificou ter a Igreja toda administrado o batismo a crianças e ter recebido essa ordem dos próprios apóstolos. Assim fica refutada a opinião de alguns antipedobatistas, de que o batismo infantil era desconhecido na Igreja primitiva e é de origem papal.

Tanto o testemunho de Orígenes, como dos outros santos padres, demonstra que o batismo de crianças era bem conhecido e geralmente praticado na igreja post-apostólíca, sendo esse testemunho mais uma valiosa corroboração do costume apostólico de batizar famílias inteiras.

Quanto ao valioso testemunho de Orígenes, o historiador batista Alberto Newman se vê obrigado, pelos fatos, a fazer a seguinte admissão:

"«"rendo que as crianças nascem no mundo contaminadas pelo pecado e que, portanto, precisam de remissão de pecados, Orígenes falou favoravelmente ao batismo de criancinhas como bem estabelecido costume das igrejas" (A Manual of Church History, vol. I, pág. 285). Sim, costume das igrejas e Orígenes afirma, ainda mais, que era costume apostólico e êle, mais do que muitos outros, teve magníficas oportunidades para conhecer a realidade dos fatos.

De que o batísmo de crianças era costume geralmente adotado na Igreja primitiva encontramos mais uma prova no Concílio de Cartago, do ano 252, isto é, uns cento e cinquenta anos depois da época dos apóstolos. Esse concílio se compunha de sessenta e seis bispos ou pastores do Norte da África e foi presidido por Cipriano, o mártir. Um'pastor de região

rural, por nome Fido, fêz ao concílio uma consulta, isto é, se uma criança podia ser batizada antes do oitavo dia após o seu nascimento. Parece que era cosmme batizar as crianças ao oitavo, dia, imitando, desse modo, o tempo marcado para a circuncisão de meninos. O concílio não pôs em dúvida o direito apostólico ou bíblico de batizar crianças, mas antes decidiu, por unanimidade, que as crianças podiam ser batizadas antes do oitavo dia. (Ver a Carta n.° 66 de Cipriano).

Se o batismo de crianças tivesse sido uma inovação, como alegam alguns antipedobatistas, não é provável que sessenta e seis bispos reunidos em concílio aprovassem uma tão grande novidade, sem se ouvir nenhuma voz de protesto.

O Dr. W. J. McGIothlin e alguns outros escritores antipedobatistas põem em dúvida a origem apostólica do batismo infantil, porque muitos escritores cristãos da Igreja primitiva nada dizem a esse respeito, Tomam esse silêncio como prova de que nada conheciam sobre tal costume, mas o argumento derivado do silêncio desses autores é falho, devido ao fato de que muitos deles não tiveram ocasião de externar o seu pensamento sobre esse assunto. Trataram de defender o cristianismo perante leitores capazes de compreender o seu pensamento e expunham as condições de salvação para os adultos a quem dirigiam os seus escritos, e por isso se limitavam a explicar verdades bíblicas aplicáveis a adultos.

Mesmo hoje, é coisa rara, dentro das igrejas evangélicas, ouvir-se pregação sobre o batismo infantil. Em geral, os ministros se preocupam com a pregação das condições necessárias para a salvação de adultos que os ouyem. Por semelhante modo, os jornais evangélicos raramente tratam desse assunto, mesmo quando os seus redatores sejam partidários do batismo infantil. Do silêncio desses pregadores e escritores não nos é lícito concluir, que não conheçam e não adotem o batismo de crianças. Nos tempos apostólicos e através dos séculos subsequentes a essa época, a tarefa principal dos pregadores e escritores cristãos foi proclamar o Evangelho às pessoas capazes de entendê-lo e aceitá-lo. Não é, pois, de admirar que raramente tratem do assunto da salvação e batismo de crianças.

Entretanto, é certo que encontramos na história da Igreja Crista claras e abundantes evidências de que o costume de batizar crianças remonta à era apostólica e, portanto, não é uma das inovações do romantismo.

A célebre controvérsia pelagiana realizou-se uns trezentos anos após a época apostólica. A discussão travada entre Santo Agostinho e os seus contendores revela o fato de que, no seu tempo, o batismo infantil era prática geralmente adotada na Igreja e que ainda não existia nenhuma corporação eclesiástica que negasse o batísmo às crianças. Pelágio ensinou que todas as crianças nascem livres de qualquer pecado ou contaminação moral. Santo Agostinho se opôs a essa doutrina, com muita veemência, e na discussão empregou o seguinte argumento:

"Por que são batizadas as crianças para a remissão de pecados, se elas não têm pecado?" "Por que são purificadas no lavatório da regeneração, se não têm nenhuma corrupção?"

"Pelágio e seu companheiro Celéstio sentiram a força desse argumento e tiveram dificuldades em refutá-lo. Finalmente alguém acusou-os de negarem o batismo infantil, julgando ser essa negação consequência lógica da doutrina que defendiam. Todavia, Pelágio, indignado, respondeu a essa acusação dizendo: "O batismo deve ser administrado às crianças com as mesmas palavras batismais com que é administrado a adultos. Caluniarn-me como se eu negasse o batismo às crianças. Nunca tive conhecimento de alguém, nem mesmo o mais ímpio herético, que negasse o batismo às crianças; porque quem pode ser tão ímpio que impeça as crianças de serem batizadas, de nascerem de novo em Cristo, fazendo que assim percam o direito ao reino de Deus?" Celéstio também afirmou o seguinte: "As criancinhas devem ser batizadas de acordo com a regra da Igreja universal".

Na discussão sobre o mesmo assunto, Santo Agostinho declarou que "nunca tivera conhecimento de nenhum cristão, católico ou sectário, que ensinasse qualquer outra doutrina contrária ao batismo de crianças".

Os três protagonistas na controvérsia eram homens bem versados na literatura patrística. Santo Agostinho foi o mais célebre bispo da Igreja latina e o mais eminente teólogo do seu tempo. A sua teologia tem exercido poderosa influência tanto sobre as igrejas reformadas como sobre a Igreja Católica Romana. Pelágio era natural das Ilhas Britânicas, mas morou por muitos anos em Roma e visitou as igrejas da Europa, Ásia e África. Celéstio era natural da Irlanda, mas fixou residência em Jerusalém. Esses três homens ilustres conheciam bem as igrejas do seu tempo e o seu testemunho nos leva a crer que não tinham conhecimento de nenhuma corporação eclesiástica que negasse às crianças o direito ao batismo. Ê lícito, portanto, concluir que, até o tempo de Santo Agostinho, a negação do batismo infantil era fenómeno desconhecido no seio da Igreja.

Os nossos leitores compreenderão que não adotamos as opiniões teológicas dos autores citados com referência à regeneração batismal, e, nem tão pouco podemos concordar com a teologia pelagiana, mas citamos esses autores para provar o fato de que, no seu tempo, a negação do batismo infantil era desconhecida.

A primeira notícia histórica de oposição formal ao batismo infantil, por parte de qualquer seita, se encontra registrada em um manual de culto dos paulicianos denominado "A Chave da Verdade", que é, provavelmente, do século sétimo ou oitavo, conforme Conybare, mas nem todos os paulicianos eram intransigentes nesse particular, pois alguns deles permitiam que os filhinhos fossem banzados. (Ver o artigo sobre os paulicianos na Enciclopédia Católica).

Surgiu, novamente, fraca oposição ao batismo infantil, no século doze, no Sul da França, entre os petrobrussianos, que negavam o batismo a crianças por julgá-las incapazes de serem salvas. Negando-lhes a salvação, negavam-lhes, igualmente, o sinaí visível da salvação. Esses petrobrussianos foram erroneamente tidos como *vaudots* ou *valdenses*, devido ao fato de, juntamente com estes, combaterem o Papado. Logo após a morte do seu fundador, Pedro de Bruis, os petrobrussianos foram diminuindo em número até desaparecer. Os *valdenses*, ao contrário do que às vezes se afirma, adotaram o batismo de crianças.

Continuamos a colher as nossas informações históricas, principalmente no livro do dr., Fairchild sobre "Scrípture Baptism".

O testemunho da história da Igreja Cristã, corn referência ao batismo infantil, demonstra ser errónea a opinião daqueles que afirmam ser o batismo de crianças inovação do romanismo. As inovações do romanismo como o culto das imagens, as indulgências, o purgatório, a missa, a confissão auricular, a infalibilidade do papa e outras semelhantes novidades são bem conhecidas e a história eclesiástica nos diz exatamente como e quando surgiram. E, no entanto, vemos, pelo estudo cuidadoso da mesma história eclesiástica, que o batismo infantil não foi obra de nenhum papa ou concílio da Igreja Romana, visto que sempre existiu como prática da Igreja Cristã desde os tempos apostólicos.

É a negação do batismo infantil que aparece como novidade, cerca do ano 1120, quando no Sul da França surgiu a seita dos petrobrussianos fundada por Pedro de Bruis. Essa seita rejeitou o batismo de crianças por julgá-las incapazes de ser salvas. É esse o primeiro aparecimento na história da seita que combatia o batismo infantil, excetuando-se, unicamente, os paulicianos, aos quais já aludimos. Não se deve confundir os petrobrussianos com os valdenses, como fazem alguns historiadores, pois os valden-

ses praticavam o batismo de crianças. Extraímos do livro "Scripture Baptism" do dr. Fairchild, às páginas 122 e 123, as seguintes informações sobre os valdenses.

Os valdenses, ou *vaudois,* do Piemonte são afamados como testemunhas da verdade naqueles tempos tenebrosos em que a verdadeira religião parecia estar quase extinta. Isolados do resto do mundo nos seus vales solitários, parecem ter conservado a simplicidade e a pureza dos tempos apostólicos, quando todos os demais homens estavam dominados pelo erro. Todo o mundo sabe que esses valdenses se opuseram as pretensões da Igreja de Roma e que, por isso 'mesmo, foram brutal e cruelmente perseguidos. Sir Samuel Morland, que os visitou em 1657, por nomeação do Governo Britânico, escreveu a sua história, baseado em livros e manuscri-ros que haviam escapado às fogueiras da Inquisição. De uma das suas mais antigas confissões, fornecida pelo referido autor, citamos o seguinte trecho:

"Temos, apenas, dois sinais sacramentais deixados por Jesus Cristo: um é o batismo e o outro é a eucaristia, recebidos para mostrar que a nossa perseverança na fé é aquela que prometemos, quando fomos batizados, sendo crianças pequeninas; e, além disso, em lembrança daquele grande benefício que nos foi concedido por Jesus Cristo, quando morreu pela nossa redenção e lavou-nos com o seu precioso sangue". (Pág. 39).

João Paulo Perrin, descendente dos valdenses, escreveu um tratado minucioso sobre as doutrinas e ordem dos mesmos valdenses. Parece que os seus inimigos os haviam acusado de negarem o batismo às crianças, ao que esse historiador replica:

"A quinta calúnia foi com referência ao batismo que se diz terem êies (os valdenses) negado às criancinhas; mas desta acusação se defendem da seguinte forma: o tempo e o lugar daqueles que devem ser batizados não são ordenados; mas a caridade e a edificação da Igreja e da congregação devem servir de regra nesse particular, etc; e, portanto, aqueles a quem eram mais inteiramente ligadas as criancinhas as traziam para serem batizadas, quer fossem os pais que as traziam ou quaisquer outras pessoas que Deus fizera caridosas nesse mister". (Livro I, cap. IV, pág. 15).

Continua o mesmo historiador Perrin:

"O rei Luiz XII, tendo sido informado pelos inimigos dos valdenses, moradores na Provença, de muitos e graves crimes de que eram acusados, ordenou a Lord Adam Fumee, Mestre de Requerimentos, e a um doutor da Sorbonne, por nome Parne, seu confessor, que procedessem a um inquérito nessas localidades. Visitaram todas as paróquias e todos os templos e não acharam nem imagens, nem o menor vestígio de quaisquer enfeites das suas missas ou cerimónias da Igreja de Roma; e muito menos tais crimes de que eram acusados, mas antes que observavam devidamente os seus sábados e *jaziam balizar as crianças,* de acordo com a ordem da Igreja primitiva, ensinando-lhes os artigos da fé cristã e os mandamentos de Deus" (Perrin, Livro I, cap. VI, págs. 30 e 31).

A história dos valdenses nos oferece mais uma prova histórica de não ter sido o batismo infantil inovação do romanismo, mas antes uma prática oriunda dos tempos apostólicos.

Que o batismo infantil não foi uma inovação papal, como alguns alegam, prova-se, outrossim, pelo fato de que as igrejas existentes antes do século dezesseis, e, mesmo as que não aceitavam o domínio de Roma, todas administravam o batismo às crianças.

A Igreja Grega não se submeteu ao papa, e no entanto, batizava as criancinhas, embora por imersão. De onde recebeu a Igreja Grega o batismo infantil? Não foi da Igreja Romana, porque não se submetia a essa Igreja. A história não registra outra origem do batismo infantil senão a apostólica.

A Igreja Arménia é outra corporação eclesiástica que não se sujeitou ao governo dos papas. Bem cedo na história, essa Igreja se separou da Igreja Grega e sempre administrou o batismo às crianças imergindo-as três vezes e aspergindo-as outras tantas vezes. Está claro que não recebeu esse costume da Igreja de Roma.

Os nestorianos, que constituem outro ramo da Igreja Grega, mas dela separado, se opunham ao uso de retratos e imagens nos cultos e batizavam as crianças. Está claro que não receberam esses costumes da Igreja de Roma.

Os cristãos sírios, ou os cristãos de S. Tomé, como eles mesmos se denominam, residem na costa do Malabar, ao Sul da índia. Tiveram a sua origem na Igreja gentia de Antioquia da Síria e derivam de S. Tomé o nome da sua agremiação. São conhecidos na história desde o ano 356 e já, nesse tempo, tinham alcançado certa importância. Viveram isolados, longe das influências da Igreja de Roma, conservando as tradições das primitivas comunidades cristãs. Batizavam os filhos por afusão.

A Igreja da Abissínia é um ramo da Igreja Egípcia, conhecida peío nome de Igreja Copta. A Igreja da Abissínia nunca se sujeitou à de Roma e sempre batizou crianças.

Em vista desses-fatos históricos, não é possível sustentar que o ba-tismo infantil seja uma das inovações da Igreja Católica Romana. Ademais, não há, em toda a história eclesiástica, nenhuma prova de que o batismo

infantil tenha tido a sua origem em tempos post-apostólicos, mas, pelo contrário, encontramos abundantes provas de que esse rito vem sendo praticado pela Igreja Cristã desde os tempos apostólicos.

Chegando ao tempo da Reforma do século dezesseis, encontramos a origem moderna do ántipedobatismo nas seitas dos anabatistas. Desde o tempo dos petrobrussianos, do século doze, até o século dezesseis, não se pôs em dúvida a origem apostólica do batismo infantil, mas, cerca do ano 1522, surgiram na Alemanha as seitas dos anabatistas que se opunham ao batismo de crianças. Devido a certos excessos praticados por essas seitas, foram suprimidas pelo poder secular. Suprimidas as seitas anabatistas, um religioso por nome Meno reorganizou os anabatistas esparsos, re-formando-Ihes os costumes e fazendo deles uma nova corporação eclesiástica. Todavia, conservou o princípio da oposição tenaz ao batismo de crianças. O próprio Meno admitia que o batismo infantil vinha dos tempos apostólicos, mas mantinha que o costume se originara com falsos apóstolos. Foi, portanto, com os anabatistas e com o seu reorganizador Meno que se originou o movimento moderno de oposição ao batismo de crianças.

Os nossos estudos históricos sobre o batismo de crianças demonstram que era esse o costume da Igreja cristã desde a era apostólica. Antes dos pauii danos, dos séculos sétimo ou oitavo, não se ouve qualquer voz de protesto contra o batismo infantil, por se julgar que fosse contrário aos ensinos apostólicos ou bíblicos. Essa prática continua generalizada até o tempo da Reforma, sendo contrários a ela apenas os petrobrussianos, pequena seita do século doze, que logo desapareceu. E estes se opunham ao costume, por julgar que as crianças não podiam ser salvas, por não poderem exercer a fé.

Como se explica o prevalecimento do batismo infantil, sem opiniões contrárias, de qualquer monta, desde o tempo dos apóstolos, se não foram éies que legaram à Igreja esse costume, como afirmam Justino o Mártir, Irineu e Orígenes? O conselho de Tertuliano contra o batismo de crianças não constituiu propriamente exceção â regra geral, pois êle não se opunha ao batismo de crianças por julgá-lo antibíblico ou anti apostólico, mas, apenas, porque achava conveniente guardar o remédio infalível para o pecado, que era, no seu entender, a água do batismo, para mais tarde. Tertuliano não negava o caráter apostólico do batismo infantil, mas julgava conveniente adiá-lo. O mesmo conselho de adiar o batismo êle dava aos moços solteiros e às viúvas moças. Constantino, o Grande, teve a mesma ideia, pois adiou o batismo para o fim da vida, julgando que assim poderia, no fim da vida, lavar os pecados do seu passado um tanto escabroso, de uma só vez, nas águas do batismo.

A oposição de Tertuliano ao batismo infantil constitui uma prova de que existia, no seu tempo, essa prática, mas a ela êle se opunha por princípio errado, que também foi aceito por Constantino e por muitos dos santos padres da Igreja primitiva. O próprio Santo Agostinho julgava que as águas do batismo possuíam em si virtude sobrenatural, que lavava os pecados.

Do que acabamos de expor, fica manifesto que a Igreja cristã, desde os tempos apostólicos, batizava crianças e que essa prática generalizada encontra a sua única explicação adequada na instituição divina e apostólica do batismo infantil.

Capítulo XII - RESUMO DOS ESTUDOS BÍBLICOS SOBRE O BATISMO INFANTIL

Os três capítulos finais dos nossos "Estudos bíblicos" têm por fim apresentar ao leitor, de modo sucinto e popular, os argumentos bíblicos a favor do batismo de crianças e refutar as objeções comuns a essa prática. Quem não tiver o tempo ou a inclinação para ler o livro todo, poderá a.char nos capítulos finais uma exposição resumida das razoes bíblicas para batizar os filhos de pais crentes. Neste capítulo empregaremos o método catequético.

Pergunta n.° 1: O que ensinam as igrejas evangélicas sobre a significação do batismo?

A maioria delas afirma que o batismo *simboliza* a regeneração, mas algumas, concordando com a Igreja Romana, ensinam que o batismo *produz* a regeneração.

Pergunta n.° *2*: Podem as águas do batismo produzir a regeneração?

Não há nenhuma passagem bíblica que, bem interpretada, ensine essa doutrina da regeneração batismal, mas há pelo contrário muitas .passagens que categoricamente condenam as cerimonias e os ritos religiosos como meios de alcançar a salvação. S. Paulo afirma que nada vale a circuncisão ou a íncircuncisão, mas antes o ser uma nova criatura (Gal. 6:15). O rito do batismo nenhum poder tem para regenerar; é apenas um símbolo da regeneração, isto é do novo nascimento produzido pela poder de Deus (S. João 1:13).

Pergunta n.° 3: Quais são os pontos de divergência entre os crentes evangélicos relativamente ao batismo de crianças e o que significam os termos *pedobatista* e *antipedobatista?*

Os crentes evangélicos que batizam crianças são denominados *pedobatista,* crendo ser bíblica essa prática, mas os *antipedobatistas* são contrários ao batismo infantil, julgando-o antibíblico. Os -antipedobatistas são de parecer que devem ser batizadas somente as- pessoas que crêm no evangelho. Os pedobatistas acham que os filhinhos de pais crentes também devem ser balizados.

Pergunta n.° 4: Quem foram os *anabatistas?*

Os *anabatistas* foram antipedobatistas que surgiram no tempo da Reforma do século XVI. Foram chamados *anabatistas* porque rebatizavam os adultos convertidos que já haviam sido batizados na infância.

Nota: Por conveniência, empregamos, nesta exposição, o termo *adulto,* em sentido lato, para incluir todas as pessoas que tenham idade suficiente para crer em Cristo como Salvador, embora sejam ainda jovens ou crianças capazes de apreciar por si o plano da salvação.

Pergunta w.° 5: Pode-se provar biblicamente que filhos de crentes devem ser batizados?

Sim, isso é possível, porque Deus fêz com o seu povo um pacto no qual determinou que os filhos de crentes fossem, juntamente com os pais, admitidos como membros na sua Igreja, por meío de uma ordenança solene, sendo essa ordenança na Velha Díspensação judaica a circuncisão e na Nova Dispensação do Novo Testamento o batismo cristão. Se as criancinhas foram admitidas pelo próprio Deus como membros infantis da sua Igreja, não se deve negar-lhes o sinal visível dessa preciosa realidade.

Pergunta n.° 6: Pode-se provar que existia a Igreja de Deus na Velha Dispensação, antes do tempo de Cristo?

O povo de Deus constitui a sua Igreja. Visto ter existido sempre um povo fiel a Deus, conclui-se que sempre existiu a Igreja de Deus.

Estêvão, o primeiro mártir cristão, confirma essa verdade referindo-se à Igreja nos seguintes termos: "Este é Moisés, que disse aos filhos de Israel: *Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a* mim. Este é aquele que esteve na igreja no deserto com o anjo que lhe falava no Monte Sinai, e com os nossos pais; o qual recebeu oráculos de vida para vo-los dar" (At. 7:37, 38).

Pergunta n.° *1:* Quais são as provas bíblicas de que na Velha Dispensação as crianças pertenciam ao povo de Deus e eram portanto membros infantis da sua Igreja?

Encontramos essas provas especialmente em Gen. 12:1-3 e Gen. 17. O sinal visível do trato que Deus fez com o seu povo foi a circuncisão.. Os meninos, como Isaac, eram circuncidados ao oitavo dia (Gen. 17:12 e Gen. 21:4). Este rito era o sinal público da sua inclusão na Igreja do Velho Testamento. O menino Jesus foi circuncidado ao oitavo dia (Luc. 2:21) e dess'arte identificou-se com o seu povo.

Pergunta n.° 8: O direito das criancinhas de„pertencer à Igreja de Deus foi confirmado ou foi cassado na Nova Dispensação do Novo Testamento?

Não há nenhuma passagem no Novo Testamento que prive as crianças filhas de pais crentes de pertencer ao povo de Deus, mas ali encontramos abundantes confirmações desse privilégio.

Quando S. Pedro recebia, na Igreja da Nova Dispensação, pelo rito do batismo, no dia de Pentecostes, os primeiros convertidos, disse aos pais crentes: "Para vós é a promessa e para vossos filhos" (At. 2:39). Os fi-

lhos desses crentes foram incluídos na Igreja de Deus, juntamente com os pais. O rito de admissão na Igreja foi o batismo (At. 2:41).

O apóstolo S. Paulo também teve os -filhos de crentes na conta de membros da Igreja, quando disse: "Pois o marido incrédulo é santificado na mulher e a mulher incrédula é santificada no irmão; de outra maneira os vossos filhos seriam imundos, mas agora são santos" (I Cor. 7-14). A palavra *santo,* para S. Paulo, significa *membro de Igreja,* pois dirige ai suas cartas aos *santos* membros de várias igrejas (Ver I Cor. 1:2; Ef. 1:1; Rom. 1:7; II Cor. 1:1; FiL 1:1; e Coí. 1:2).

Nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Pastor das ovelhas, deu um lugar de destaque às crianças no seu rebanho, quando disse a Pedro: "Apascenta os meus cordeiros" (S. João 21:15). Na sua conversa com Pedro, Jesus mandou que as suas ovelhas fossem pastoreadas e apascentadas, mas mencionou em primeiro lugar os cordeiros. O rebanho de Cristo é a sua Igreja, na qual se encontram tanto cordeirinhos como ovelhas.

Pergunta n.° 9: Criancinhas inconscientes, sem fé era Jesus Cristo, podem ser regeneradas?

Disse-Jesus a respeito das criancinhas incapazes de fé pessoal que lhe foram trazidas: "Deixai vir a mim os meninos, não os impeçais; porqn los tais é o reino de Deus. Em verdade: vos digo: Aquele que não rec" ber o reino de Deus como menino, de modo algum entrará nele" (Marcos 10:14, 15). Sendo dos tais o reino de Deus, já haviam nascido de novo, pois, *se alguém não nascer de novo, não -pode ser o reino de Deus* (João 3:3). Dizer que as crianças haviam nascido de novo é o mesmo que afii mar a sua regeneração.

S. João Batista foi um regenerado desde a sua mais tenra infância, pois a Escritura declara que estava cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe (Luc. 1:15). Samuel e outros meninos foram chamados por Deus antes do seu nascimento (Ver I- Sam. 1:11, 17, 27, 28; Jer. 1:5 e Is. 49:1,5). Ainda mais todos os remidos do Senhor *foram por Deus escolhidos antes da fundação do mundo para serem santos e foram predestinados para serem adotados como filhos* (Ef. 1:4, 5).

Os próprios adversários do batismo infantil admitem ser regeneradas e salvas as crianças que morrem na infância.

Se as crianças inconscientes podem ser regeneradas, também podem ser batizadas, sendo o batismo apenas o símbolo ou sinal exterior da regeneração.

Pergunta n.° 10: Qual é o critério a ser adorado na escolha das crianças que devem ser batizadas?

Devem ser batizadas somente as crianças que forem julgadas regeneradas. Os filhos de pais crentes presumivelmente são regenerados, em virtude das promessas que lhes foram feitas por Deus (Gen. 17:7; Is. 59:20, 21; *At.* 2:39 e At. 3:25, 26). Por isso os filhos de crentes professos devem ser batizados. Somente a infidelidade ou a apostasia por parte dos pais poderia anular esse direito dos filhos.

Pergunta n.° 11: Pode-se provar que a circuncisão foi substituída na Nova Dispensação pelo batismo cristão?

Isso se evidencia pelo fato de S. Paulo denominar o batismo cristão de "circuncisão de Cristo" (Col. 2:11, 12). Ademais, essa substituição é patente porque esses ritos têm simbolismo idêntico, visto representarem a mesma transformação radical do coração à qual damos o nome de novo nascimento ou regeneração (Rom. 2:28, 29; At. 22:16 e Tito 3:5). Além disso as duas cerimonias são ritos de admissão na Igreja de Deus (Gen. 17 e At. 2:41).

Pergunta n.° 12: Qual foi a prática da Igreja apostólica relativamente ao batismo de crianças?

Famílias inteiras foram batizadas. Encontramos no Novo Testamento os cinco casos seguintes de batismos de famílias: 1) Cornélio com todos da sua casa (Ar. 11:14 e 10:48); 2) Lídia e sua casa (At. 16:15); 3) O carcereiro de Filipos com todos os seus (At. 16:31-3.3) 4) A família de Estéfanas (I Cor. 1:16) e 5) Crispo e sua família (At. 18:8). As famílias dos judeus eram grandes e seria uma anormalidade, se não houvesse crianças pequenas nessas cinco famílias. Os escritores cristãos da igreja primitiva post-apostólica, como Irineu, Tertuliano, Justino Mártir e Orígenes, dão notícias do batismo de crianças no seu tempo, como prática já bem estabelecida.

Pergunta n.° 13: Quais são as conclusões que se justificam pelo ensino bíblico sobre o batismo de crianças?

Concluí-se que pais crentes devem apresentar os filhos perante a Igreja para serem batizados, pelos motivos já expostos: primeiro, porque Deus determinou que os filhos de cristãos fossem recebidos como membros da sua Igreja visível e segundo, porque as promessas de Deus a pais crentes indicam que os filhos destes foram remidos por Cristo e chamados para fazer parte do seu reino.

Os privilégios conferidos aos filhos do concerto que Deus fêz com o seu povo envolvem deveres por parte dos pais e da Igreja que assumem a responsabilidade de dar-lhes uma educação cristã.

Capítulo XIII - OBJEÇÕES REFUTADAS

Objeção n° 1: A objeção número um dos antipedobatistas é que as criancinhas não podem exercer uma fé pessoal em Cristo como o seu Salvador e por isso não devem ser balizadas. Baseia-se a ^ojeção em versículos como Marcos 16:16: "O que crer e for batizado será salvo; mas c que não crer será condenado".

Resposta: Se essa objeção fosse válida, as criancinhas incapazes de fé pessoal seriam condenadas e perder-se-iam, pois o texto citado afirma: "O que não crer será condenado". A criança, não podendo crer, seria condenada. E, no entanto, até mesmo os adversários do batismo infantil admitem ser regeneradas e salvas as criancinhas que morrem na infância.

O grande teólogo João Calvino, nas "Instituías da Religião Cristã" demonsrra o absurdo da argumentação antipedobatista baseada em Marcos 16:16, pela citação de uma outra passagem análoga em que S„ Paulo afirma não dever comer quem não quer trabalhar (II Tess. 3:10). Se esse preceito fosse aplicado às crianças, deveríamos deixá-las perecer de íome. Esse conselho do apóstolo manifestamente não é aplicável às crian--cinhas incapazes de trabalhar.

O contexto de Marcos 16:16 indica semelhantemente que esse texto se refere exclusivamente a adultos capazes de ouvir o evangelho, compreendê-lo e crer nele. A passagem nada diz sobre crianças incapazes de compreender o evangelho. Serãq condenados apenas os que ouvem, entendem e rejeitam o evangelho. Nada se prova pró ou contra o batismo infantil, porque nesse passo não se cogita de crianças. O evangelho é pregado a pessoas capazes de compreendê-lo.

Convém notar, outrossim, que o batismo representa a regeneração operada pelo Espírito Santo no coração dos salvos e não tanto a fé humana que está germinalmente incluída na regeneração Y é um dos seus frutos. A fé é indispensável para adultos, mas mesmo para estes a fé seria impossível sem a sua prévia regeneração. Tudo depende da graça de Deus. Tanto na circuncisão como no batismo celebra-se e honra-se a regeneração mais do que a fé humana dos participantes dessas ordenanças. A parte indispensável é a obra da graça de Deus simbolizada pelas duas ordenanças da circuncisão e do batismo. A fé é dispensável para a criança, uma vez que haja razoes bíblicas para julgar que seja regenerada.

Os que alegam ser necessária a fé para o batismo infantil, se fossem coerentes, teriam de admitir a mesma necessidade para a circuncisão infantil, porque esta cerimónia significa a mesma regeneração representada pelo batismo, como já tivemos ocasião de provar. Quem argumenta contra o batismo infantil por causa da falta de fé das crianças, teria de rejeitar a circuncisão peio mesmo motivo. Dcss'arte, coíocar-se-ia na posição absurda de se opor àquilo que Deus ordenou, quando instituiu a circuncisão, sem exigir uma fé pessoal dos meninos circuncidados.

Objeção n.° *2:* A segunda objeção dos antipedobatistas é seme-melhante à primeira, Afirmam frequentemente que o batismo de crianças inconscientes é uma violação da sua liberdade de escolha pessoal. Julga-se 'que os pais nenhum direito têm de resolver sobre a religião que os filhos devem seguir, mas antes devem deixá-los decidir essa questão individual e livremente, quando chegam à idade própria para escolher por si.

Resposta: E' mister reconhecer que para pessoas adultas capazes de raciocinar e resolver os seus próprios problemas religiosos uma decisão de aceitação pessoal de Cristo como Salvador é absolutamente indispen-

sável, mas, quando se trata de crianças inconscientes, os pais, de acordo com as Escrituras, são os seus legítimos representantes e devem agir em seu benefício. Assim fez Josué quando disse: "Quanto a mim e à minha casa serviremos ao Senhor" (Jos. 24:15). Josué decidiu qual seria a religião seguida pelos seus.

Nos pactos que Deus fez com o seu povo foram sempre reconhecidos os pais como os legítimos representantes dos filhos. Assim aconteceu com Adão (Rom. 5:19), com Noé (Gen. 9:8, 9) e com Abraão (Gen. 17:7). Na Nova Dispensação os pais continuam a representar os filhos, conforme a palavra autorizada de S. Pedro: "A promessa é para vós e para os vossos filhos (At. 2:30).

E é justamente por serem inconscientes e incapazes de agir por si mesmos que devemos agir pelos nossos filhinhos, decidir por eles e defender os seus interesses, Os pais resolvem sobre a alimentação dos filhos, sobre o seu vestuário, sobre os seus brinquedos, sobre os seus companheiros e sobre as escolas que devem frequentar, sem que tudo isso seja considerado uma violação da sua liberdade individual. Que pensaríamos de pais que deixassem as criancinhas de tenra idade colocar na boca *e* engulir tudo quanto pudessem apanhar do chão? Se os pais zelam a saúde física e moral dos filhos, por que não deverão, a exemplo do que fêz Josué, resolver sobre a religião que devem seguir, sem prejuízo para a r-ua liberdade pessoal?

Muitos crentes piedosos, ambora sejam adversários do batismo infantil, mandam os filhinhos ao departamento primário da escola dominical e minisrram-lhes ensino religioso em casa, desde a sua mais tenra infância, como aconteceu com o menino Timóteo (II Tim. 1:5 e 3:15). Essas criancinhas aprendem na escola de Jesus fundada por êle, quando disse: "Ide, pois e ensinai a todas as gentes, batizando-as em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mat. 28:19). Se a criança pode ser um alunozinho na escola de Jesus, tem também direito ao batismo, o sinal visível da sua matrícula, e se o educar uma criança na religião de Deus não é uma violação da sua liberdade, muito menos o será aplicar-lhe o sinal exterior desse privilégio.

A herança religiosa que Deus promete aos pais para os filhos constitui para estes um grande privilégio e uma preciosa bênção espiritual. Essa bela herança nã\) deve ser recebida como uma imposição prejudicial à liberdade do indivíduo, mas antes como a mais valiosa herança que um pai pode legar ao filho. Foi essa, sem dúvida, a intenção de Josué, ao legar a sua religião aos filhos.

Tanto as leis civis como as religiosas determinam que os pais representem os filhos até que estes atinjam à maioridade. Os pais são responsáveis pelos bens e pela conduta dos filhos, sem que isso importe em uma violação das liberdades e dos direitos próprios de menores. Quando os pais adquirem propriedades de grande valor, os filhos herdarão essa fortuna. Semelhantemente os crentes sinceros são herdeiros de Deus e coerdeíros de Cristo e legarão a sua preciosa herança aos filhos. Quem poderá tachar isso de violação de liberdade de consciência?

Ainda mais, o batismo infantil não é uma violação da liberdade individual, porque quando a criança chegar à idade adulta fará as suas próprias decisões c, na maioria dos casos, muito naturalmente confirmará alegre e voluntariamente o que fizeram os pais crentes em seu nome, ou então, excepcionalmente, empregará a sua Uberdade para escolher uma religião diferente da religião dos pais.

Os privilégios civis dos nossos filhinhos apresentam-nos uma significativa analogia aos seus direitos religiosos. Logo após o sen nascimento, registramos os seus nomes em cartório como brasileiros. As crianças nascidas no Brasil e filhas de pais brasileiros são tidas como brasileiras e gozam da proteção das leis do país. Nisso não se vê nenhuma violação da sua liberdade de consciência. Chegando elas à maioridade, muito naturalmente confirmarão o que por elas fizeram os pais, mas, excepcionalmente, poderão emigrar para uma outra terra e naturalizar-se como cidadãos de um outro país. Um brasileiro nato, a quem se ensinou a amar a pátria, não abandonará com facilidade os seus privilégios de cidadania brasileira. Semelhantemente, um herdeiro das promessas de Deus, educado na religião cristã, não repudiará com facilidade a sua preciosa herança. E em tudo isso haverá alguma violação da liberdade de consciência?

Quem se opõe ao batismo de crianças, por julgar que seja uma violação da liberdade pessoa), teria logicamente de se opor à circuncisão infantil que admitidamente foi instituída por Deus e tem a mesma significação cerimonial. Dess'arte, opor-se-ia ao próprio Deus.

Objeção n? 3: Ainda outra objeção ao batismo infantil é a seguinte: não há no Novo Testamento nenhum mandamento expresso para batizar crianças e por isso não devem ser submetidas a esse rito. Exige-se uma ordem expressa de Jesus ou dos apóstolos para justificar essa prática.

Reposta: Um mandamento expresso para batizar crianças no Novo Testamento é desnecessário, porque os discípulos de Jesus bem sabiam que as crianças tinham sido incluídas no pacto que Deus fez com o seu povo, concedendo-lhes o privilégio de pertencer à Igreja de Deus e que por isso deveriam receber o sinal visível dessa graça. Se esse privilégio das crianças tivesse sido ab-rogado, e então sim seria preciso que houvesse uma ordem expressa cassando esse direito das crianças. As leis não ab-ro-gadas continuam em vigor. Não há em todo o Novo Testamento nenhuma disposição que prive as crianças do aludido direito. O *ónus probandi* pesa sobre os adversários do batismo infantil para mostrar bibiicamem que as crianças não devem ser balizadas.

No tempo de Jesus os judeus faziam discípulos ou prosélitos círcun-cidrndo-os, batizando-os e exigindo dos pais ou mtôres um sacrifício. Os filhos menores de prosélitos eram recebidos na Igreja judaica da mesma maneira. Uma vez que já era costume batizar as crianças de prosélitos, os discípulos de Jesus, recebendo uma ordem para batizar as gentes, deviam entender que as crianças seriam também admitidas pelo rito do batismo.

Se não há no Novo Testamento nenhum mandamento expresso para batizar crianças, também não o há para guardar o domingo como dia de descanso ou para permitir que as mulheres participem da Santa Ceia, na Nova Dispensação. Ao que parece, somente homens participaram da primeira Santa Ceia, quando Jesus a instituiu. Os referidos costumes se justificam por inferências lógicas e por bem alicerçados princípios bíblicos. O mesmo acontece com o batismo infantil e tudo o que se pode provar biblicamente, por meio de inferências claras e seguras, deve ser observado.

Objeção n.° 4: Alegam alguns adversários do batismo infantil que o batismo cristão não pode ser o substituto da circuncisão, porque este último rito é administrado a pessoas de ambos os sexos, conquanto a.circuncisão tenha sido aplicada exclusivamente às crianças do sexo masculine.

Resposta: Na Velha Dispensação, as mulheres e as crianças do sexo feminino gozavam dos privilégios do pacto que Deus fez com o seu povo, pela representação dos pais e maridos. Ninguém negará que as mulheres e as meninas israelitas do velho regímen tenham pertencido ao povo de Deus. Elas tinham esse privilégio por terem sido representadas pelos homens seus parentes chegados. Quando uma mulher de qualquer uma das tribos de Israel se casava com um homem de outra tribo; ela passava a pertencer à tribo do marido. As mulheres não agiam por conta própria, mas eram dirigidas e representadas pelos homens. Nas próprias genealogias apareciam somente os nomes dos homens. As mulheres ocupavam uma posição de inferioridade.

No Novo Testamento, Nosso Senhor Jesus Cristo conferiu novos privilégios e direitos às mulheres. As pessoas do sexo feminino não mais ocupavam uma posição de inferioridade, pois no novo regímen foi abolida a antiga distinção.entre homens e mulheres. S. Paulo o afirma em Gal. 3:27-29; "Forque tantos quantos fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Não pode haver judeu nem grego, não pode haver escravo nem livre, não pode haver homem nem mulher, pois todos sois um em Cristo Jesus. Mas, se vós sois de Cristo, então sois semente de Abraão, herdeiros segundo a promessa". No novo regimen instituído por Jesus até mesmo os escravos se uniam à Igreja por conta própria e não por representação dos seus senhores . As palavras do apóstolo Paulo, acima citadas, levam-nos a concluir que o batismo deve séf aplicado a ambcw os sexos, embora não tivesse sido assim com a circuncisão.

O caso de Lídia, registrado em Atos 16:15, indica que as mães crentes, juntamente com os filhos, eram batizadas na Igreja Cristã, já se vê que na Nova Dispensação as mulheres pertenciam à Igreja *por conta - própria* e não pela representação dos homens. Sendo assim, todos os membros da família deviam ser batizados, tanto os do sexo feminino como os do sexo masculino. Jesus deu à mulher, na sociedade e na igreja, uma posição muito mais elevada do que a que ela ocupava antes da era cristã. Eis, pois, o motivo por que as mulheres e as crianças do sexo feminino devem ser batizadas na igreja Cristã, embora para elas não houvesse ur:n rito de iniciação na Igreja judaica.

Objeção n.° 5: Os adversários do batismo infantil afirmam ser a circuncisão um distintivo de nacionalidade entre os judeus, sem significação religiosa, e julgam que por isso o batismo, tendo profunda significação religiosa, não pode ser o substituto da circuncisão.

Resposta: A circuncisão tem na Bíblia uma profunda significação religiosa, pois é o sinal da justificação (Rom. 4:11), ou regeneração do pecador, como o é o batismo. Ao tratar da justificação, o apóstolo Paulo declara que Abraão foi justificado antes de ser circuncidado e que para éle a circuncisão foi "o selo da justiça da fé que teve, quando não era circuncidado; para que fosse êie o pai de todos os que crêem (Rom. 4:10, II). Já se vê que, para Abraão e sua descendência, a circuncisão tinha significação espiritual e religiosa. Era o, selo da justificação que Paulo denomina *justiça da fé.*

Na mesma .carta aos Romanos, o grande apóstolo aos gentios categoricamente confirma o catáter espiritual e religioso da circuncisão, nos seguintes termos: "Não é judeu aquele que o é exteriormente, nem é circuncisão o que o é exteriormente na carne; mas é judeu aquele que o é interiormente, e' circuncisão é a do coração, no espírito e não letra; cujo louvor não vem dos homens, mas de Deus" (Rom. 2:28, 29).

Que S. Paulo tinha a circuncisão como símbolo da regeneração prova-s ainda pelo seguinte trecho na sua carta aos Gálatas: "Porque nem a circuncisão é coisa alguma nem a incircuncisão. mas o ser uma nova criatura" (Gal. 6.15). O que tinha valor para Paulo era a significação espiritual da circuncisão.

Há, outrossim, .numerosas passagens no Velho Testamento que se referem à circuncisão do coração, contrastando-a com a circuncisão carnal,emprestando-lhe desse modo uma significação religiosa. Quem quiser uma prova cabal do nosso asserto, leia os seguintes passos no Velho Testamento: Deut. 10:16 e 30:6; Jer. 4:4; 6:10 e 9:25, 26; Lev. 26:41 e Ezeq. 44:7. Nessas passagens a circuncisão é sinal de vida espiritual e a incircuncisão é sinal de incredulidade e morte espiritual.

Não negamos que a circuncisão tivesse uma significação cívica para os israelitas, mas esse povo era a nação escolhida de Deus, o seu governo era teocrático e por isso a sua lealdade nacional tinha uma significação tanto religiosa como cívil. Nem sempre a profissão de fé por meio da circuncisão correspondia à realidade íntima da justificação ou da circuncisão do coração, mas isso acontece também com a profissão de fé pelo batismo. Os batizados dos nossos tempos nem todos são regenerados, mas nem por isso deixa o batismo de ter uma significação religiosa para os verdadeiros filhos espirituais de Abraão (Gal. 3:27-29)-

Objeção n.° 6: Formula-se mais uma objeção ao batismo infantil do seguinte modo: se o batismo é o sinal da recepção de crianças na Igreja, assim como dos adultos, por que não comungam essas crianças juntamente com os pais? Se são membros da Igreja, devem comungar.

Resposta: Na Igreja de Deus há membros adultos e há membros infantis com direitos apropriados às suas respectivas idades. No rebanho de Jesus há cordeirinhos com direitos que são próprios da sua tenra idade. Em famílias bem constituídas há também os direitos de menores e os direitos de adultos. Os adultos sentam-se à mesa e comem arroz, feijão e carne, mas as criancinhas pequeninas são alimentadas com leite. Se pensássemos, como os adversários do. batismo infantil, perguntaríamos: se as criancinhas pertencem à família, por que não se sentam a mesa e por que não comem carne? E, no entanto, as criancinhas não deixam de pertencer à família por não poderem alimentar-se como os adultos; semelhantemente não deixam de pertencer à família de Deus por não poderem comungar. A participação da comunhão exige uma compreensão espiritual de que são incapazes as criancinhas.

Ainda mais, se quiséssemos raciocinar como os antipedobatistas, perguntaríamos, com referência aos direitos cívis das crianças: por que é **que** as crianças brasileiras nascidas no Brasil de pais brasileiros não têm o direito de votar nas eleições? A resposta é clara; elas não têm a compreensão necessária para praticar esse ato cívico, mas nem por isso deixam de ser brasileiras. Por semelhante modo, os filhinhos de país crentes não deixam de pertencer ao povo de Deus, por ainda não terem o preparo necessário para tomarem assento à mesa do Senhor.

Objeção n.° *1:* Quando se batiza uma criança não se pode ter certeza da sua regeneração e, trescendo ela, pode desviar-se da religião cristã. Há muitos casos de filhos de crentes que se desviam dos caminhos de Deus e da sua Igreja, quando se cornam adultos e isso acontece até mesmo com filhos de ministros. Sendo que

devem ser batizados somente os regenerados, não devemos batizar as crianças, porque não temos certeza da sua regeneração.

Resposta: Se é verdade que, quando se batiza uma criança, não se sabe com certeza se é ou não é regenerada, o mesmo acontece com adultos; não se sabe ao certo se estes são regenerados ou não. Tanto no primeiro caso como no segundo, administra-se o batismo por se julgar *provável* que os batizados sejam regenerados. No caso de adultos, julga-se que sejam regenerados pela sua profissão de fé e pelas evidências de conversão observadas na sua conduta. Todavia, é possível errar e não raras vezes são recebidas na Igreja pessoas ainda não convertidas. No caso das criancinhas, julga-se provável que sejam regeneradas, em virtude da fé professada pelos pais e em virtude da promessa feita por Deus aos cristãos genuínos de ser o seu Deus e o Deus da sua posteridade. Quando os pais têm uma fé genuína e educam os filhos fielmente na religião cristã, Deus será o Deus dos seus filhos, como prometeu. A probabilidade da salvação dos filhos depende da probabilidade da fidelidade dos pais. Se os pais são fiéis, Deus fará a sua parte. Diz a Escritura: "Educa a criança no caminho em que deve seguir e, mesmo quando for velho, não se apartará dele" (Prov. 22:6). Tremenda é a responsabilidade dos pais, pois rudo depende da sua fidelidade. Não podemos ter certeza da regeneração dos filhos por não termos certeza da genuinidade da fé professada pelos pais, mas julgamos os filhos regenerados, quando os pais são crentes professos.

Por que será então que os filhos de alguns crentes se desviam da religião dos país? Esses desvios constituem exceções e, quando os progenitores são verdadeiros crentes, as exceções são apenas aparentes e não reais Há filhos de crentes que procedem mal e vão para o mundo, mas eles têm em si a semente da regeneração que ainda permanece em estado latente, sem ter germinado. A educação cristã recebida no lar fará que, com o decorrer do tempo, voltem ao bom caminho. As promessas de Deus atingem os filhos pródigos, reclamando-os. Pertencendo eles aos escolhidos de Deus, poderão afastar-se provisoriamente dele, como fizeram Davi e Pedro e tantos outros, mas voltarão e serão salvos. Quando Jesus selva a alguém, ninguém o arrebatará das mãos do Pai Celestial (João 10: 28, 29).

E que diremos a respeito dos filhos de ministros que se desviam da fé cristã? Convém notar primeiramente que a vida de ministros e dos seus filhos é muito mais rigorosamente fiscalizada do que a de outros crentes e que os desvios por parte dos filhos de ministros têm sido, por isso, muito comentados e até mesmo exagerados. Há muitos exemplos de famílias de ministros que têm produzido sucessivas gerações de crentes ilustres e fiéis. Se não é sempre assim, a causa encontra-se na falta de cumprimento dos graves compromissos assumidos pelas pais por ocasião do batismo dos filhos. Exepcionalmente há ministros tão preocupados com o trabalho das suas igrejas que não lhes sobra tempo suficiente para dar uma educação cristã aos próprios filhos. Não podemos esperar que os nossos filhos se eduquem cristãmente por si mesmos. Essa tarefa exige tempo e os nossos melhores esforços. Por meio desses esforços provaremos a sinceridade da nossa fé cristã e faremos jus às preciosas promessas de Deus referentes aos nossos filhos. Poderemos então esperar que eles jamais se desviarão permanentemente da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se nós formos fiéis, Deus cumprirá a sua promessa de ser o nosso Deus e o Deus da nossa posteridade. As promessas de Deus não falham. As falhas são sempre do homem.

Objeção n.° 8: A Escritura afirma que todos nós "éramos por natureza filhos da ira ,como também os demais" (Ef. 2:3). Como então batizar "filhos da ira", antes de se converterem e se tornarem filhos de Deus?

Resposta: Todos nós, de fato, pertencemos a uma raça decaída, nascemos no pecado e merecemos a condenação de Deus. Por isso 5. Paulo afirma que "éramos por natureza filhos da ira". A natureza humana é inerentemente pecaminosa. Apesar disso, os que foram escolhidos para a salvação, "antes da fundação do mundo", estão em uma situação privilegiada perante o seu Deus. Todos nascem com a tara do pecado, mas entre esses tarados Deus tem uma multidão de predestinados para a salvação. Essa doutrina é eminentemente bíblica. A mesma carta aos Efésios acima citada confirma essa verdade: "Assim como nos escolheu nele (em Cristo), antes da fundação do mundo, para sermos santos e sem defeito perante êle, e em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos por Jesus Cristo para si mesmo, conforme o beneplácito da sua vontade" (Ef. 1: 4, 5). Já se vê que a graça de Deus, no caso dos seus escolhidos, vem anulando, desde antes da fundação do mundo, a condenação merecida pelo pecado. Onde abundou o pecado superabundou a graça (Rom, 5:19, 20). A ira merecida é anulada pela graça de Deus. Por natureza somos filhos da ira, mas pela graça somos filhos de Deus.

Se fosse verdade que todas as criancinhas, sendo filhos da ira, são condenadas enquanto não puderem ter uma fé pessoal em Cristo, ter-se-ia logicamente de afirmar a perdição das crianças que morrem na infância, mas esse absurdo não é defendido nem mesmo pelos mais intransigentes antipedobatistas.

Quando criancinhas foram trazidas a Jesus, êle bem sabia que, segundo a sua natureza humana, eram filhos da ira, por terem herdado a tara do pecado, mas o grande Amigo dos meninos não encarou esse aspecto da sua situação peraate Deus, mas antes o fato de terem sido atingidas e remidas pela graça de Deus. E foi por isso que delas afirmou: "dos tais *í* o reino de Deus". Eram do seu reino e já haviam sido arrancadas do reino de Satanás, sem terem aínda qualquer fé no Salvador. O Espírito Santo age nos corações dos escolhidos de Deus, chamando-os eficazmente, antes de exercerem fé- em Cristo. A fé resulta da chamada divina.

Objeção n.° 9: Se o batismo deve ser administrado às criancinhas, por que é que Jesus não o administrou aos meninos que lhe foram trazidos para que os abençoasse?

Resposta: O batismo cristão não tinha sido ainda instituído, quando Jesus abençoou as criancinhas que lhe foram apresentadas. Estava ainda em vigor a circuncisão. O próprio Jesus foi circuncidado ao oitavo dia, pois êie mesmo declarou que veio cumprir a lei. E, no entanto, o batismo cristão foi instituído por Jesus, quando deu aos discípulos o seu último mandamento, dizendo-Ihes que fizessem discípulos de todas as gentes, bar tizando-as. O batismo cristão começou a ser administrado no dia de Pentecostes, quando Pedro declarou ser a promessa de Deus tanto para os filhos como para os pais crentes (At. 2:39).

Os meninos abençoados por Jesus, sendo do povo de Deus, não precisavam do batismo, pois já haviam sido circuncidados, sendo esse rito o equivalente do batismo. Eis por que os meninos trazidos a Jesus não foram por êle batizados. Pertenciam à Antiga Dispensação e haviam recebido o rito apropriado a esse regímen.

Objeção n.° 10: Não se encontra no Novo Testamento nenhum registro de batismo de crianças.

Resposta: A verdade histórica é esta: o livro dos Atos dos Apóstolos registra o batismo de cinco famílias inteiras. Cornélio e todos da sua casa foram batizados *(At.* 11: 14 e 10:44 e 47). Lídia foi batizada, ela e sua casa (At. 16:15). O carcereiro de Filipos e todos os seus foram batizados (At. 16:32 e 33). Crispo e sua família também foram batizados (At. 18:8). Paulo batizou a família de Estéfanas (I Cor. 1:16).

No convite que fêz a Paulo e Silas para ficar na sua casa, Lídia fala, como se ela fosse a única crente adulta na casa: "Se julgais que sou crente no Senhor, entrai em minha casa e ficai nela" (At. 16:15). Se houvesse outros crentes adultos nessa casa, teria sido natural que ela dissesse: "Se-julgais que nós somos crentes no Senhor, entrai em nossa casa". Ao que parece, a família de Lídia se compunha dela e de menores. Esse conceito é confirmado pela primeira versão do Novo Testamento, denominada o "Peshito Siríaco", feita logo após os tempos apostólicos. Essa versão traduz Atos 16:15 da seguinte maneira: "Depois de terem sido batizadas ela e suas crianças, fêz-nos este pedido etc". O tradutor evidentemente julgou que havia crianças na família de Lídia. Êle devia ter conhecimento dos fatos, porque viveu em tempos não muito distanciados dos apostólicos.

Que não houvesse crianças nas famílias batizadas nos tempos apostólicos é muito improvável. Em vista de serem grandes as famílias judaicas, seria mesmo uma anormalidade, se nas cinco famílias batizadas não houvesse algumas crianças de menos de dez anos de idade. Em todos os casos em que nos são dadas notícias das famílias dos convertidos, regis-tra-se que foram batizadas juntamente com os chefes de casa. Evidente-mente esses chefes de casa tomaram uma resolução idêntica àquela de Josué, quando disse: "Eu e a minha casa serviremos ao Senhor".

Mesmo quando o Novo Testamento não tivesse narrado casos de batismos de famílias, ainda assim temos outras abundantes razões já aduzidas para crer que os apóstolos batizavam crianças. Os batismos de famílias vêm confirmar os argumentos vários já. apresentados ao leitor.

Objeção n.° 11: Na Igreja primitiva post-apostólica não se conhecia ainda o batismo infantil, senão como uma inovação combatida por Ter-tuliano.

Resposta: Esta objeção n.° 11 já está prejudicada pelas provas apresentadas de que o batismo infantil era praticado pelos apóstolos, todavia convém dizer uma palavra sobre o testemunho dos santos padres pos-apostólicos, inclusive Tertuliano.

Justino Mártir, escrevendo cerca do ano 150, faz referências a pessoas de sessenta e setenta anos que tinham sido batizadas na infância. Irineu, cerca do ano 185, menciona o batismo de crianças. Tertuliano, cerca dos anos 200 a 220, se opôs ao batismo de crianças, não por julgá-lo contrário ao costume apostólico, mas porque, sendo crente na regeneração batismal, tinha o batismo como um remédio para todos os pecados e, sabendo que o remédio podia ser usado uma só vez, achou que não devia ser aplicado muito apressadamente e dess'arte ficar esgotado. Usado o remédio, ficar-se-ia sem ele para curar futuras faltas. Pela mesma razão aconselhou que os moços solteiros e as viúvas moças adiassem o batismo. Tertuliano não se opôs ao batismo infantil por princípios bíblicos, mas por conveniência. O testemunho de Tertuliano prova que no seu tempo crianças eram batizadas e que êle se opôs a essa prática por motivos erróneos e anti-bíblicos. O grande sábio cristão Orígenes, cerca dos anos 230 a 240, faz alusão ao batismo de crianças como uma tradição ou ordem aoostólica. Cipriano e sessenta e seis bispos reunidos em concílio em Cartago, no ano 252, foram consultados por um bispo rural, por nome Fido, se se podia batizar uma criança antes do oitavo dia depois do seu nascimento. Os bispos responderam afirmativa e unânimente. Não puseram em dúvida a leffitimítade do batismo infantil. Santo Agostinho e o seu adversário Pelágio discutiram a questão do pecado original lá pelos anos 405 a 420. Ambos declararam que nunca tiveram conhecimento de nenhum cristão ou herético que negasse o batismo às crianças.

Do que fica acima exposto, concluímos que o batismo infantil foi uma otdem apostólica, como dizia Orígenes, e foi praricado geralmente no período, post-apostólico. Não pode, portanto, ser considerado uma inovação desse período.

Objeção n.° 12: Ainda outros antipedobatistas têm o batismo infantil como uma inovação papal que foi conservada nas Igrejas Evangélicas pelos reformadores do século dezesseis.

Resposta: Nas respostas precedentes vimos que era costume generalizado nos tempos apostólicos e post-apostólicos batizar crianças. Não se trata pois de uma inovação papal. Esse costume foi adotado muito antes do apatecimento da Igreja papal. Até a reforma do século dezesseis não houve senão insignificante oposição ao batismo infantil pelas seitas dos paulicianos e dos petrobrussianos. No mais, o costume de batizar crianças era geralmente adotado. Tinham esse costume os valdenses, a Igreja Copta, os cristãos sírios, os nestorianos, os armenianos, a Igreja Grega Ortodoxa e a Católica Romana. Não havia exceções, senão as duas já apontadas.

A primeira grande e generalizada oposição ao batismo infantil surgiu com os anabatistas do século XVI. Foram eles os inovadores que negaram às crianças o direito de pertencer à Igreja de Deus e de receber o sinal visível desse privilégio. Tinham o cosrume de batizar de novo os que haviam sido batizados na infância. Na maioria dos casos, batizavam por .aspersão e não por imersão.

Objeção n.° 13: O dr. W. J. McGlothlin, no seu livro sobre a história do batismo infantil, declara ter sido o batismo de crianças a causa de guerras e do derramamento de muito sangue através da história da

Igreja.

Resposta; Na Alemanha, na Suíça e em outras partes da Europa os anabatistas foram combatidos pelos reformadores e o sangue de alguns deles foi derramado pelo poder civil, especialmente na guerra dos camponeses e por ocasião do célebre *desastre de Munster*. Havia nesse tempo muita intolerância por parte de todas as correntes religiosas. Quando um partido qualquer galgava o poder, procurava eliminar os adversários. Aí lutas eram de vida e morte. Os chefes de estado tinham o direito legal de impor a sua religião. E, quando os anabatistas subiam ao poder, temporariamente como aconteceu na guerra dos camponeses e no caso de Munster, também eram violentos e sanguinários. Não foi o batismo de crianças que produziu toda essa intolerância. Era a intolerância um característico daquele tempo. As guerras religiosas não cessaram senão com a Paz de Westphalia em 1648.

Se tivesse sido, como quer o dr. McGlothlin, o batismo infantil uma das maiores causas das guerras religiosas dos séculos XVI e XVII, grande parte da responsabilidade por essas guerras caberia aos próprios

anabatistas, que quiseram impor a inovação anti-bíblíca da negação às crianças do direito de pertencer à Igreja de Deus. E no entanto, a influência do batismo infantil nessas guerras tem sido muito exagerada pelos antipedobatistas.

Objeção n.° 14: Alguns escritores b-^tistas, como o dr. Alberto Newman, 'afirmam que o batismo infantil foi um sustentáculo e baluarte das *igrejas estabelecidas,* isto é das igrejas ligadas ao estado. Julgam por isso que o batismo de crianças foi uma das causas perpetuadoras da condenável união de igrejas e estados.

Resposta: Quando surgiu a Reforma do século XVI, e muito antes de surgir a questão do batismo infantil provocada pelos anabatistas, já era a união da Igreja de Roma aos estados da Europa, um fato bem estabelecido. Essa infeliz união teve começo com Constantino o Grande no primeiro quartel do quarto século da éra cristã.

Após a Reforma, e antes da Paz de "Westphalía, os estados da Europa eram mesmo totalitários e dominavam as igrejas ou por elas eram dominadas. Adotava-se o princípio: "De quem o reino, dele a religião" Cada chefe de estado tinha o direito de impor aos súditos a sua religião e os incomodados que se mudassem, mas esse princípio político nenhuma ligação tinha com o batismo infantil. Teria existido a união de igreja e estado, mesmo quando somente os adultos tivesem sido batizados obrigatoriamente pelas *igrejas estabelecidas.* Não se pode responsabilizar a doutrina bíblica do batismo infantil pela união de igreja e estado. Hoje em dia, há países em que se batizam crianças em larga escala e em que há, ao mesmo tempo, completa separação dos poderes civil e eclesiástico. O batismo infantil não tem, portanto, nenhuma relação direta com a união desses poderes.

Objeção n° 15: Não há nos sermões e nas exposições doutrinárias dos apóstolos, ou outros escritores do Novo Testamento, quaisquer referências claras e diretas ao batismo de crianças. Esse silêncio é estranhável, visto como, em matéria de tanta relevância, devia haver declarações positivas e insofismáveis.

Resposta: A doutrina bíblica da inclusão de crianças na Igreja de Deus e o seu direita ao sinal e selo dessa inclusão é bem claramente exposta tanto no Velho como no Novo Testamento, como já ficou provado. Os que negam essa doutrina devem mostrar uma ordem expressa do Novo Testamento que revogue esses direitos dos filhos menores de crentes. Não existe essa revogação, mas, pelo contrário, encontramos a confirmação dos direitos dos meninos, nos ensinos apostólicos. Se não existem referências mais diretas ao batismo de crianças é porque os apóstolos dirigiam as suas exortações aos adultos e estes já compreendiam perfeitamente a posição da criança dentro da aliança que Deus fêz com o seu povo. Sobre esse ponto não necessitavam de inscruções. Por que dar-lhes instruções sobre o que já era bem conhecido? Não existiam nos tempos apostólicos os adversários do batismo infantil. Não havia necessidade de tratar do assunto, pois todos sabiam que as crianças deviam ser batizadas.

O argumento baseado no silêncio é sempre muito incerto. Em qualquer grande coleção de sermões de célebres pregadores dificilmente se encontrará um sobre o batismo infantil Esse fato não prova que esses pregadores desconhecem o batismo infantil. E esse silêncio também não prova que as suas igrejas não praticavam o batismo de crianças. Pelo silêncio nada se prova nem pró nem contra qualquer prática.

Objeção n.° 16: A recepção na Igreja de crianças inconscientes e ainda não regeneradas produz um relaxamento da disciplina da Igreja, porque introduz nela elementos que não são do reino de Deus.

Resposta: A palavra de Jesus dirigida aos que lhe traziam os filhinhos para serem abençoados por êle demonsrra que as crianças de pais crentes são do reino de Deus e estão, portanto, incluídos no número dos regenerados. Disse Jesus: "Dos tais é o reino de Deus" (Lucas 18:16). Ninguém entra no reino de Deus sem o novo nascimento. Essas crianças haviam nascido de novo, porque pertenciam ao reino de Deus. Não seriam, portanto, elementos de relaxamento pára a disciplina da igreja de Deus. S. Paulo também tinha os filhos de crentes como santos e membros da Igreja (I Cor. 7:14). S. Pedro igualmente incluiu os filhos de crentes na promessa feita por Deus aos seus escolhidos (At. 2:39)- As crianças que nascem de país crentes, em lares cristãos, presumivelmente estão no número dos escolhidos de Deus e têm por isso direito ao sinal visível dessa graça.

Os fatos provam que o batismo de crianças, quando praticado biblicamente não produz nenhum relaxamento da disciplina na Igreja. Quando os pais são fiéis aos votos assumidos por ocasião do batismo dos filhos,

certamente os educarão no temor do Senhor e quando forem velhos não se apartarão desse bom caminho {Prov. 22:6). Os melhores crenres são aqueles que foram educados em lares genuinamente cristãos, como aconteceu com o jovem Timóteo que desde a infância conhecia as Sagradas Letras (II Tim. 3:15). O remédio para o mal de filhos de crentes que se afastam, da Igreja não é abolir o batismo infantil, mas antes compre-endê-lo melhor, tornar os pais mais crentes e mais fiéis no cumprimento das promessas que fizeram por ocasião do batismo dos filhinhos e intensificar o ensino das crianças nas Sagradas Letras. Havendo f ideli iade por parte dos pais e da Igreja na educação religiosa da infância e da juventude evangélica, os nossos filhos conservar-se-ão dentro da Igreja e serão o seu principal sustentáculo.

Nos tempos da Reforma, as igrejas mais rigorosas na disciplina foram esm dúvida alguma as calvinistas e elas tinham por costume batizar as crianças. Já se vê que é possível batizar crianças e ao mesmo tempo manter uma boa disciplina na Igreja. Nas igrejas pedobatistas, quondo os filhos de crentes atingem a idade da razão e de assumir a responsabilidade pelos seus próprios atos, são cuidadosamente examinados quanto à sua fé e experiência religiosa e, sendo satisfatório o exame, são confirmados como membros da Igreja e passam a gozar de todos os privilégios de membros adultos. Os casos dos que não confirmam os votos dos pais são tidos como exceções e anormalidades, à semelhança de filhos_*te* brasileiros nascidos no Brasil que não quisessem ser cidadãos brasileiros, quando chegassem à maioridade. Geralmente os filhos de crentes, educados em lares cristãos e dentro da Igreja, são os melhores membros da Igreja e nao sao os que relaxam a sua disciplina.

Capítulo XIV - CONCLUSÕES PRÁTICAS

O batismo, quer seja de crianças ou de adultos, é apenas um símbolo. Não tem nenhum valor intrínseco. As águas do batismo não são diferentes de quaisquer outras águas e não possuem nenhuma virtude sobrenatural ou milagrosa para transformar um pagão em um cristão, como entendem alguns. O batismo é apenas um sinal exterior e visível de uma graça invisível que deve existir *antes* da cerimonia batismal.

Os pais crentes devem banir do pensamento qualquer ideia de que os filhos que morrem sem ser batizados ficam de alguma maneira prejudicados por isso. A salvação de uma criancinha não depende do seu batismo, mas antes da graça de Deus, que age no seu coração pela instrumen-talidade do Espírito Santo.

O batismo é o símbolo da obra da regeneração no coração do pecador, embora não produza essa graça. A água simboliza o lavar de pecados no ato divino da regeneração (At. 22:16 e Tito 3:5). Semelhantemente, os elementos usados na Ceia do Senhor são apenas símbolos que nos fazem relembrar a morte expiatória de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essas duas ordenanças instituídas por Jesus têm um precioso valor simbólico, e, quando bem compreendidas e celebradas com fé, resultam em grandes bênçãos para os participantes.

Quando pais crentes fazem batizar os filhos, recordam-se do pacto que fizeram com Deus em que êle prometeu ser o seu Deus e o Deus de sua posteridade. Os pais renovam o seu concerto com Deus e sole-nemente dedicam os filhos a Deus, certos de que esses filhos serão por êle amparados e dirigidos. Os pais ficam certos de que as ovelhas e os cordeirinhos do rebanho de Cristo não podem nunca ser arrancados das mãos do Pai Celeste (João 10:27-29). Confiados nas promessas divinas, os pais têm o direito de reclamar os filhos para o reino de Deus. Para os pais crentes é um precioso conforto saber que ninguém" poderá arrebatar os filhinhos das mãos carinhosas do Pai dos Céus.

O batismo infantil deve ser para a Igreja uma recordação das promessas de Deus relativas aos filhos da Igreja. Esses filhos serão conservados fieis, sempre que os pais e a Igreja se conservarem fiéis aos com-promissos assumidos por ocasião da dedicação dessas crianças a Deus, Deus cumprirá as suas promessas. Se houver algum fracasso, a culpa será nossa.

Os deveres dos pais com referência aos filhos são claramente definidos na cerimónia-do batismo. Em primeiro lugar, os pais reafirmam a sua fé nas verdades fundamentais do cristianismo. O batismo de urna criança de país que não tenham fé nas doutrinas fundamentais da religião cristã nenhuma significação teria e, pior do que isso, seria uma zombaria. Nesse caso, não existiria nenhum pacto com Deus em que se firmasse o batismo infantil. Os que estão fora do concerto que Deus fez com o seu povo nenhum direito têm ao

batismo para si ou para os filhos. Não pertencem à comunidade cristã e nenhum direito têm aos seus privilégios.

A fé profesada pelos pais é absolutamente indispensável para o batismo de crianças. Eis o motivo por que ministros do evangelho não devera batizar os filhos daqueles que não são crentes. Uma vez que os pais não sejam crentes, estão fora da afiança que Deus fez com o seu povo. Nem eles e nem os filhos têm parte no concerto e nenhum direito têm aos sinais exteriores e visíveis desse concerto. Aplicar-lhes o batismo, nesse caso, seria falsear a verdade dos fatos.

O desejo que algumas pessoas não crentes têm de batizar os filhos provém da ideia supersticiosa de que o batismo deve ter algum poder mágico ou milagroso para salvar as crianças. Essa infeliz ideia deve ser zelosamente combatida, para que os homens deixem de confiar em cerimónias incapazes para salvá-los e confiem unicamente em Cristo e no poder do Espírito Santo. Somente os pais que crêm piamente em Cristo como o seu Salvador e que já entraram em concerto com Deus para obe-decer-íhe têm o direito de apresentar os filhos para serem batizados. Por ocasião do batismo dos filhinhos, os pais crentes prometem ser para eles exemplos de piedade e religião. Nada há, na educação das crianças, mais importante do que o exemplo dos pais. Todo o mundo sabe que as crianças aprendem imitando. As primeiras palavras balbuciadas por uma criança são o resultado da imitação dos sons que ouve emitidos pelos mais velhos. O espírito e o ambiente do lar produzem profundos efeitos sobre as crianças. As atitudes, os gestos, as palavras, os sorrisos, as carrancas, o amor, o ódio e todas as demais paixões e expressões dos caracteres dos mais velhos são imitados pelas crianças. A criança é como uma esponia que absorve os vapores d'água suspensos na atmosfera; ela absorve o que encontra na atmosfera espiritual do lar.

Muito mais efeito produz o exemplo dos pais do que os seus conselhos e muito especialmente quando o exemplo niío condiz com os conselhos. Os filhos tomam os pais como modelos; de certo modo, os pais estão no lugar de Deus para os filhos. Os pais são os intérpretes de Deus para os filhos. Quando falam do Pai dos Céus às crianças, estas naturalmente tomam os pais da terra como exemplos do Pai Celeste. Para que os filhos sigam o bom Pai dos Céus, é indispensável que o exemplo dos pais da terra seja bom e digno de imitação. Os filhos conhecem a Deus através da personalidade dos pais. Em vista desses fatos, pesa sobre os pais terrestres a tremenda responsabilidade de serem dignos imitadores do Pai dos Céus, e dess'arte exemplos dignos da imitação dos filhos.

Quando os pais crentes fazem batizár os filhos, prometem ainda mais cnsinar-lhes as Sagradas Escrituras assim como foi nelas instruído o jovem Timóteo desde a sua infância (II Tim. 3:15). Prometem ensinar ou mandar ensinar os filhos a ler, para que possam ler por si as Escrituras. Nenhum filho de crente deve ser analfabeto. O estudo das Escrituras em casa, na escola dominical, na escola bíblica de férias e nas escolas evangélicas diárias é da máxima importância para a juventude evangélica. A Palavra de Deus, guardada nos corações dos jovens, os ajudará a vencer o pecado e será, em toda a sua vida, um elemento de força de caráter. Essa Palavra desviará os seus pés do erro e do pecado e os conduzirá com segurança pelas santas veredas de Deus (SI. 119:9-11). Será essa Palavra uma lâmpada para os seus pés e uma luz para os seus caminhos (SI. 119:105).

Ainda outro compromisso assumido pelos pais crentes é o de orar pelos filhos e com eles. A formação do' hábito de orar diariamente é para as crianças da máxima importância e de grande alcance, pois o que se aprende na infância produz impressões indeléveis. A criança aprende a confiar em Deus, seu Pai Celeste, e a contar-lhe todas as suas tristezas, suas dificuldades, suas necessidades, vitórias e alegrias. Felizes são as crianças que aprendem junto às mães a orar diariamente antes de se deitarem, e felizes são as crianças que ouvem o pai orar por elas e pelos demais membros da família por ocasião do culto doméstico diário. Essas orações produzem um profundo e salutar efeito na formação dos caracteres das crianças.

A educação cristã dos meninos é uma responsabilidade que pesa principalmente sobre os pais. Não devem deixar essa obrigação' para ser desempenhada exclusivamente pela Igreja. A escola dominical deve cooperar com o lar cristão na educação religiosa dos filhos, mas não pode nunca ser um substituto do lar. Sobre o lar pesa a principal responsabilidade pela educação religiosa das crianças. E, além de ser a educação cristã dos filhos uma grave responsabilidade dos pais, deve ser tida também como um alto privilégio que Deus lhes confiou.

Há certos métodos educativos perniciosos adotados até mesmo por pais bem intencionados, que devem ser evitados como se evitaria um veneno. Mencionaremos alguns desses vícios e os necessários correiivos.

Há pais que são demasiadamente tolerantes na disciplina dos filhos e há outros que são excessivamente severos. Já ouvimos falar de mães *tõ.0 bondosas* e tão *carinhosas* que não podiam castigar os filhos ou aplicar-íhes qualquer disciplina, mas isso não é nem bondade, nem carinho, porque o verdadeiro amor aos filhos exige que sejam castigados com justiça, assim como o próprio Deus castiga a quem ama (Heb. 12:9-11 e Apoc. 3:19)-

A disciplina é indispensável para a boa educação das crianças, mas deve ser feita com justiça, firmeza e amor e nunca arbitrariamente. As Escrituras recomendam a disciplina nos seguintes termos: "O que retém a sua vara aborrece a seu filho; mas o que o ama, a seu tempo o castiga" (Prov. 13:24). "A vara e a repreensão dão sabedoria, mas o rapaz entregue a si mesmo envergonha a ^ua mãe (Prov. 29:15). A expressão "a vara" não se refere necessariamente ao castigo corporal, mas antes à disciplina em geral. Os castigos corporais devem ser evitados o quando for possível. Devem ser usados de preferência castigos apropriados às faltas cometidas e que privem os faltosos de privilégios a que de outra feita teriam direito. As palmadas e varadas devem ser medidas de exceção empregados em casos raros. Os meios suasórios são sempre preferíveis quando surtem bons efeitos. Sempre que fôr possível, e, quando os filhos tenham compreensão suficiente, os pais devem explicar-lhes a razão de ser das ordens dadas e dos consequentes castigos se as ordens não forem obedecidas.

Às vezes vezes o pai ou a,mãe castiga um filho com muita severidade, porque, sem ter culpa e sem querer, quebrou algum objeto de grande valor. O castigo é ministrado, não porque a criança o mereça, mas antes como um desabafo para a irritação do algoz da criança. Para que os castigos sejam de efeito salutar, é necessário que sejam justos e ministrados com a intenção benéfica de corrigir defeitos e não para dar expansão a uma ira imprópria.

A principal virtude filial à ser cultivada, conforme as Escrituras, é a obediência. Infelizmente essa virtude é um tanto rara, apesar de ser por Deus considerada fundamental na formação do caráter da aiança. As recomendações bíblicas são claras: "Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor; pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa" (Ef. 6:1, 2). "Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais; porque isto é agradável ao Senhor' (Col. 3:20).

Há uma teoria moderna, que recomenda que se deixe a criança à vontade para que siga livremente os impulsos e sentimentos que lhe são naturais. Essa teoria vai de encontro ao ensino claro da Palavra de Deus. Lemos em Provérbios 29:15 o seguinte: "A vara e a repreensão dão sabedoria, mas o rapaz entregue a si mesmo envergonha a sua mãe". Não se pode entregar as crianças a si mesmas sem consequêscias funestas. As crianças têm impulsos naturais maus e bons e é muito mais fácil seguir o mal do que o bem.

Uma das causas do grande aumento da criminalidade infantil, em certos países, durante o período da guerra, foi sem dúvida o fato de terem sido as crianças abandonadas em casa ou nas ruas para seguirem as suas tendências naturais, enquanto as mães e os pais iam trabalhar nas fábricas de material bélico. Esse estado de coisas se verificou notadamente nos Estados Unidos e a delinquência infantil aumentou espantosamente, devido a essa negligência forçada dos pais. Isso vem confirmar o que diz a Escritura: "O rapaz entregue a si mesmo envergonha a mãe". E* necessário que refreemos as tendências más que aparecem em nossos filhos e que cultivemos as boas, mas não podemos deixá-los por sua própria conta para fazer o que bem entendem. A educação crista dos jovens exige cuidadosa solicitude e ingentes esforços por parte dos pais. E, no entanto, o tempo e as energias empregadas no trabalho de bem orientar os filhos serão bem recompensadas. "Grandemente se regozijará o pai do justo, e o que gerar a um sábio se alegrará nele. Alegrem-se teu pai e tua. mãe, regozije-se a que te gerou' (Prov. 23:24, 25).

O costume que têm alguns pais de fazer aos filhos promessas e ameaças que não são executadas é outro defeito gravíssimo de consequências perniciosas. As crianças logo perdem a confiança nos pais que não fazem o que prometem. Pais mentirosos produzem filhos mentirosos, porque os filhos os imitam. A veracidade é uma virtude fundamental do caráter cristão e não pode ser ensinada por pais que mentem. Antes de prometer qualquer coisa aos filhos, os pais devem refletir bem sobre a conveniência e o alcance do que pretendem prometer e, tendo prometido, devem cumprir fielmente a palavra empenhada. A não ser assim, os filhos perdem a confiança nos pais e eles mesmos, imitando o exemplo dos progenitores, tornar-se-ão

pessoas em cuja palavra não se pode confiar. O hábito formado de mentir ou de não cumprir o que se promete é uma grave falha do caráter; por outro lado a veracidade é o sólido alicerce do caráter cristão. Formar homens de caráter sólido, dos quais o mundo tanto necessita, *é* um dever e um privilégio de pais cristãos.

Em duas passagens da pena do apóstolo Paulo as Escrituras recomendam que os pais não provoquem os filhos à ira, mas antes os criem na disciplina e admoestação do Senhor. Não devem ser provocados à ira, para que não se desanimem (Ef. 6:4 e Col. 3'21). Quando os pais têm o costume de ralhar constantemente com os filhos e ver neles somente defeitos, os filhos ficam irritados e desanimados. Concluem que os pais não sabem apreciar os seus esforços e tornam-se cada vez mais relaxados. As constantes condenações e proibições são' de péssimo efeito psicológico. Os pais devem louvar es filhos e encorajá-los no bem que fazem. Isso é um incentivo para que continuem os seus bons esforços. Há pais que estão constantemente admoestando os filhos, para que não façam o que estão fazendo ou pretendem fazer. Seria de melhor aviso que os interessassem em tarefas e brinquedos positivamente bons e instrutivos em vez de repreendê-los constantemente. As boas atividades construtivas prender -lhes-ão a atenção, de tal modo que não terão tempo para se ocupar com o que é inconveniente.

As crianças são naturalmente cheias de vida e muito ativas. Elas terão de se ocupar com alguma coisa, boa ou má. . A parte dos pais é encaminhar as suas atividades para trabalhos e divertimentos positivamente bons e construtivos. Dess'arte, elas se prepararão para prestar relevantes serviços construtivos à sociedade.

O favoritismo é outro defeito maléfico de alguns pais que não sabem educar os filhos. A parcialidade manifestada para com um dos filhos é prejudicial, tanto para o favorecido como para os menos apreciados. O favorecido facilmente se torna um vaidoso e os menos favorecidos podem tornar-se invejosos e possivelmente desenvolvam um sentimento de inferioridade. Encontramos frisantes exemplo do mal causado pelo favoritismo, no caso de Jacó e do seu filho José. A parcialidade de Jacó pelo filho da sua esposa favorita provocou o ódio no coração dos outros filhos, que entenderam de se vingar do irmão da túnica de vária* cores. Ainda pior se torna a situação em um lar, quando há rivalidades entre o pai e a mãe, por causa dos filhos, como aconteceu com Isaac e Rebeca. Os dois filhos sofreram e pecaram, por causa da rivalidade e parcialidade dos progenitores. Os pais que desejam cultivar nos filhos sentimentos de justiça e imparcialidade precisam de praticar essas virtudes. E não devem nunca desaurorar os aros de disciplina um do outro.

A igreja tem uma especial responsabilidade na educação religiosa dos meninos. O ministro sábio zelará cuidadosamente pelo rol dos mebros infantis da sua Igreja e muito se interessará pelos cordeiros do seu rebanho. Acatará a recomendação de Jesus a Pedro. "Apascenta os meus cordeiros" (João 21:15). A escola dominical e a escola bíblica de férias oferecem esplêndidas, embora insuficientes, oportunidades para a educação religiosa das crianças. Seria de utilidade que de vez em quando o ministro fizesse uma reunião especial dedicada às crianças e aos pais, em que fizesse lembrar a estes os seus graves deveres altos privilégios.

A Igreja não pode ser considerada, como entendem alguns pais, um substituto para o lar na educação religiosa das crianças. A principal responsabilidade é do lar. O lar e a Igreja devem cooperar na gloriosa obra da formação de caracteres cristãos.

O ideal que devemos ter para os nossos filhos é aquele que teve Jesus para os seus discípulos; torná-los benfeitores. Jesus nos ensina que os verdadeiros benfeitores são aqueles que prestam serviços aos semelhantes (Luc. 22:24-27). Convém, pois, que os ensinemos desde pequenos a ser serviçais. As crianças que traxern lenha do quintal para a mamãe, dão um recado ou prestam qualquer outro serviço, por menor que seja, ficam cheias de prazer e têm um justo orgulho, quando louvadas pelo trabalho que fizeram, Assim as crianças aprendem a ser úteis e serviçais.

A maior riqueza do lar e da Igreja são os seus filhos. Essa riqueza precisa de ser zelada e não esbanjada. O mundo tem necessidade urgente e absoluta de homens e mulheres de caráter cristão para a solução dos seus gravíssimos problemas. O lar e a Igreja são as instituições capazes de formar cristãmente os carcteres dos futuros líderes do mundo.

As Escrituras dão imenso valor às crianças. "Eis que os filhos são herança do Senhor, c o fruto do ventre o seu galardão. Corno frechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade. Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos quando falarem com os seus inimigos à porta" (SI. 127:3-5).

As crianças foram altamente estimadas por Jesus, que as tomou como exemplos de humilde, docilidade e fé. "Naquela hora chegaram-se os discípulos a Jesus e perguntaram:" Quem é porventura o maior no reino dos céus? Jesus, chamando para junto de si um menino, pô-lo no meio deles, e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus. Quem, pois, se tornar humilde como este menino, esse será o maior no reino dos céus. E aquele que receber um menino, tal como este, em meu nome, a mim é que recebe; mas quem puser uma pedra de tropeço no caminho de um destes pequeninos que crêem em mim, melhor seria que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e que fosse lançado no fundo do mar... Vede, não desprezeis um destes pequeninos; porque vos digo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celestial' (Mat. 18:1-6 e 10).

Um dos fenómenos tristes na vida da Igreja, resultante do descuido dos pais na educação dos filhos, é o fato de que um grande número deles se afasta da Igreja para o mundo na segunda e terceira geração. Para impedir esse desvio prejudicial da nossa mocidade evangélica, é indispensável que demos muito maior cuidado à educação cristã dos filhos da Igreja.

Alguns dos desvios da Igreja para o mundo se explicara pelos casamentos mistos de crentes com descrentes. A Bíblia declara que Deus deseja para si uma semente pura, isto é, uma descendência santa (Esdras 9:2 e Mal. 2:15) e que os crentes não devem se colocar debaixo de um jugo desigual com incrédulos (II Cor. 6:14).

Os casamentos mistos de cristãos com pessoas de outras convicções teligiusas quase sempre resultam em desarmonia e desentendimentos no lar, quando se trata da educação religiosa que se deve dar aos filhos; os próprios pais, não estando de acordo nas convicções religiosas, tornam-se incapazes de dar aos filhos uma coerente orientação religiosa, e produzem nos seus espíritos muita confusão e até descrença. Dess'arte, ficam os filhos seriamente prejudicados na sua vida religiosa, não podendo mesmo ser felizes. Em tudo isso, vemos a necessidade de casamento de crentes com crentes para que produzam uma *semente santa.*

Dentre os filhos de lares cristãos e da Igreja, teremos de recrutar os nossos futuros líderes. Se pudermos dar-lhes uma educação integralmente cristã, serão eles a garantia da prosperidade e do progresso da Igreja Cristã e os melhores elementos na promoção dos elevados interesses do reino de Deus neste mundo.

Para a salvação do mundo, precisamos sobretudo de *santos,* isto é, de homens regenerados e de caráter genuinamente cristão. Serão, portanto, os filhos de crentes na sua qualidade de representantes do evangelho uma sólida esperança de paz e salvação para o nosso mundo pródigo.